

Universidade Federal de Juiz de Fora
Pós-graduação em Ciência da Religião
Mestrado em Ciência da Religião

Vítor de Lima Campanha

**INTERGALÁCTICO E CRISTÃO – TENSÕES E ARTICULAÇÕES ENTRE NOVA
ERA E CRISTIANISMO: O CASO DE TRIGUEIRINHO E A ORDEM GRAÇA
MISERICÓRDIA**

Juiz de Fora
2016

Vítor de Lima Campanha

Intergaláctico e cristão – Tensões e articulações entre Nova Era e Cristianismo: o caso de Trigueirinho e a Ordem Graça Misericórdia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Ciências Sociais da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça

Juiz de Fora
2016

Vítor de Lima Campanha

Intergaláctico e cristão – Tensões e articulações entre Nova Era e Cristianismo: o caso de Trigueirinho e a Ordem Graça Misericórdia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração em Ciências Sociais da Religião, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Aprovada em 17 de fevereiro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Émerson José Sena da Silveira
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Silas Guerriero
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

A meu pai, Anselmo, que nunca mediu esforços e incentivos para meus estudos, desde as minhas primeiras lembranças de vida. A ele, que me ensinou que o saber é um bem precioso, o qual é para sempre, e que sei que olha por mim de onde está até que nos encontremos novamente.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, do qual tudo verte e para o qual tudo caminha, pela capacidade do evoluir e do saber.

Ao meu orientador, Marcelo, por acreditar desde o início neste trabalho, pelo direcionamento e trocas de conhecimento.

À querida Paloma, pelo amor, companheirismo e conselhos em todos os aspectos, fazendo de mim uma pessoa melhor a cada dia.

À minha mãe, Conceição, por apoiar minhas decisões com carinho e compreensão, mesmo quando implicaram em recomeços e novas buscas.

A todos os membros e professores do PPCIR, pelos ensinamentos repassados.

À CAPES, cujos recursos possibilitaram o desenvolvimento desta dissertação.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar e analisar como conteúdos tradicionalmente cristãos/católicos são rearticulados dentro de interpretações e práticas *new age*. O estudo busca entender as articulações e tensões entre Nova Era e cristianismo partindo do pensamento de Trigueirinho Netto, autor de dezenas de livros sobre espiritualidade e esoterismo, com conteúdos que vão de vida em outros planetas até reinterpretações da crucificação de Cristo. Trigueirinho é fundador de uma comunidade alternativa rural, a Comunidade Figueira, e um dos fundadores da Ordem Graça Misericórdia, idealizada em conjunto com autointitulados freis e madres videntes, a pedido de Nossa Senhora. Além da comunidade alternativa, grupos de seguidores urbanos acompanham palestras dos líderes e aparições de Maria via internet. Assim, a dissertação baseia-se na análise da cosmologia de Trigueirinho, da Ordem Graça Misericórdia, em duas etnografias: a primeira, sobre o grupo urbano de seguidores e a segunda, *on-line*, sobre a celebração de aparição de Maria promovida pela ordem.

Palavras-chave: Nova Era, Cristianismo, Ecumenismo, Trigueirinho, Ufologia.

ABSTRACT

This dissertation aims to present and analyze how traditionally Christian/Catholic contents are re-articulated within interpretations and New Age practices. The study seeks to understand the joints and tensions between New Age and Christianity, starting from the thought of Trigueirinho Netto, author of dozens of books on spirituality and esotericism, with content ranging from life on other planets to reinterpretations of Christ's crucifixion. Trigueirinho is the founder of a rural alternative community, the Comunidade Figueira, and the founder of the Ordem Graça Misericórdia, created in conjunction with friars and nuns seers at the request of Our Lady. In addition to the alternative community, urban groups of followers accompanying lectures of leaders and apparitions of Mary through the internet. Thus, the dissertation is based on the analysis of Trigueirinho cosmology, the Ordem Graça Misericórdia, by two ethnographies: the first, on the urban group of followers, and the second, on-line, on Mary's appearance celebration.

Keywords: New Age, Christianity, Ecumenism, Trigueirinho, Ufology.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	PRIMEIRA FASE: UFOLOGIA, ESOTERISMO E PARACIÊNCIA	14
2.1	UFOLOGIA.	19
2.2	ECOLOGIA.	24
2.3	CIÊNCIA E “NOVA CIÊNCIA”	28
2.4	ESOTERISMO E NOVA ERA	33
3	SEGUNDA FASE: A SOMBRA DO CATOLICISMO.	39
3.1	A ORDEM GRAÇA MISERICÓRDIA	40
3.2	AS APARIÇÕES	45
3.2.1	Breve histórico e questões teóricas sobre aparições de Nossa Senhora	46
3.2.2	Misericórdia Maria TV: Nossa Senhora ao vivo e <i>on-line</i>	49
3.2.3	Sagrada Família como Hierarquia: o conteúdo Nova Era das aparições.	52
3.3	NOVA ERA COMO SOMBRA DO CATOLICISMO	56
4	COSMOLOGIA E COMUNIDADE EM REDE.	63
4.1	MUDANÇAS DE PERCURSO	63
4.2	REDE-LUZ.	68
4.2.1	Reunião em janeiro de 2015.	70
4.2.2	Reunião em março de 2015.	75
4.2.3	A rede: sobre comunidade de sentido e a religiosidade da busca	79
3	ETNOGRAFIA DE UMA APARIÇÃO <i>ON-LINE</i>	84
4.3.1	Considerações iniciais sobre uma “aparição <i>on-line</i>”	84
4.3.2	A aparição de Nossa Senhora.	87
4.3.1.1	<i>Acesso on-line e início da celebração.</i>	87
4.3.1.2	<i>Momento da aparição.</i>	94
4.3.1.3	<i>Relato após aparição.</i>	97
5	CONCLUSÃO.	99

REFERÊNCIAS	102
ANEXO A – Foto de José Trigueirinho Netto.	107
ANEXO B – Frei Elias em momento de aparição.	107
ANEXO C – Frei Elias e Madre Shimani	108
ANEXO D – Calendário com datas e horários das aparições.	108

1 INTRODUÇÃO

Proponho, a princípio, neste trabalho, uma introdução um tanto quanto diferente. Parto cronologicamente dos primeiros *insights* que motivaram a pesquisa, mesmo quando não havia essa intenção. Primeiramente, gostaria de relatar a vivência ocasional e observações que suscitaram o tema da dissertação. Acredito ser essa a melhor forma de iniciar a compreensão do assunto abordado: com um estranhamento inicial acerca do suposto exotismo da cosmologia estudada, partindo, posteriormente, para seu desdobramento através das análises.

As primeiras impressões que levaram a este estudo datam do ano de 2011, quando trabalhava como repórter de TV, em uma afiliada da Rede Globo, no sul de Minas Gerais. Em um dia comum de trabalho, fui designado a cobrir uma suposta aparição de Nossa Senhora na zona rural da cidade de Carmo da Cachoeira. Como de costume, a pauta produzida trazia o máximo de informações possíveis sobre o acontecimento, que se desdobraria em uma matéria televisiva para o jornal diário, por meio de meu texto e gravações feitas no local. A primeira coisa que chamou a atenção é que a aparição tinha hora marcada para acontecer. Ainda assim, não tinha ideia de tudo o que a experiência daquele dia traria, incluindo a ideia dessa dissertação de mestrado.

Constava nas informações preliminares que muitas pessoas peregrinavam de outras partes do país e até do exterior para presenciar a aparição, o que me soou, naquele momento, como uma típica peregrinação católica ou mesmo simples ajuntamento de curiosos, o que julgava ser comum em casos como esse. É importante lembrar que não tinha, à época, qualquer estudo ou mesmo familiaridade com as pesquisas em Ciência da Religião, e meu objetivo era somente produzir a matéria televisiva, o que, naturalmente, visava, com objetividade, aos aspectos mais curiosos e exóticos da situação.

Seguimos para uma fazenda, que abrigava uma comunidade alternativa, chamada Comunidade Figueira, e, na subida para o monte onde ocorreria a aparição, comecei algumas pequenas entrevistas. Ao entrevistar os primeiros “peregrinos”, observei que todos demonstravam ter conhecimento prévio das aparições, e que essas já estariam acontecendo faz algum tempo. Uma jovem entrevistada chegou a chamar Nossa Senhora de “Mahindra”, e logo se corrigiu: “Ops, Nossa Senhora!”. Não entendendo, perguntei o que seria Mahindra, e a jovem me explicou tratar-se do “nome cósmico” de Maria, mas essa teria recentemente pedido para que a chamassem pelo tradicional nome de “Nossa Senhora”. Prossegui sem compreender, mas logo a questão estaria explicada, conforme também se poderá ver ao longo do trabalho.

Outras perguntas a várias das pessoas que subiam o monte demonstraram que ali não havia “curiosos”, pois todos expressavam conhecimentos específicos sobre a aparição. Nenhum desses estava lá com dúvidas ou em busca de fenômenos que atestassem a realidade da presença de Maria; o tradicional “povo-fala”, com perguntas diretas e rápidas feitas aos “populares”, no caso, os peregrinos, não havia identificado qualquer pessoa com ar de incredulidade.

Da mesma forma, o momento da aparição foi diferente do que eu imaginava. No alto do monte, centenas de cadeiras de plástico foram organizadas circularmente ao redor de uma figueira, onde Maria costumava aparecer, segundo os organizadores do “evento”. Tudo era extremamente organizado, sem quaisquer aglomerações. Mais próximos ao centro do círculo, estavam três pessoas usando túnicas brancas, que mais tarde me foram apresentados como sendo José Trigueirinho, Frei Elias e Madre Shimani. Após algumas falas, um deles indicou, ao microfone, que chegara a hora da aparição, e que para que Nossa Senhora chegasse ao local, vinda do espaço sideral, as energias precisavam ser favoráveis. Um determinado mantra mudaria as vibrações positivamente para tal fim. Todas as pessoas presentes, até então em silêncio total, passaram a entoar um mantra incompreensível para mim, de forma perfeitamente uníssona. O som ecoava com força. Pelo repertório em comum, confirmei as suspeitas de que todos ali faziam parte de uma crença ou culto específico. A aparição em si se deu como a que será descrita no último capítulo dessa dissertação: Frei Elias mirava os olhos na direção de um espaço aparentemente vazio, onde dizia ver Nossa Senhora, e citava, frase a frase, a mensagem que ouvia.

Após a aparição, eu e o cinegrafista que me acompanhava partimos da fazenda para uma casa na zona urbana de Carmo da Cachoeira, onde entrevistáramos Trigueirinho, Frei Elias e Madre Shimani. O encontro se deu em uma biblioteca – logo notei que tratava-se de uma casa pertencente à instituição que “promovera a aparição”, se é que posso dizer de tal forma. Enquanto os entrevistados não chegavam, observei os livros expostos, muitos deles de autoria de Trigueirinho. Chamou-me atenção a forte presença da temática de vida em outros mundos, naves extraterrestres e outros títulos sobre esoterismo e espiritualidade. A entrevista correu conforme os objetivos jornalísticos e abordamos apenas a aparição. Ainda assim, as falas, assim como toda a experiência, suscitaram em mim a curiosidade sobre a cosmologia de fundo que amparava o fenômeno, à primeira vista tão “ecclética”. Algumas dessas expressões aparecerão ao longo do trabalho, esclarecendo alguns pontos da pesquisa de campo e bibliográfica.

Depois da entrevista, já em conversa informal de despedida com José Trigueirinho, disse ter ficado curioso sobre os títulos da biblioteca e que me interessava sobre os assuntos. Simpático, ele então me presenteou com três publicações, as quais descreverei brevemente.

A primeira delas, o livro “Mensagem da água e do Universo”, de Masaru Emoto¹ (2009). Segundo o autor e suas experiências, o pensamento humano seria capaz de modificar as moléculas de água. Da mesma forma, segundo o mesmo, o pensamento positivo poderia mudar nossa realidade, visto que a água é um elemento presente na composição do corpo humano e abundante no planeta. Outro livro presenteado foi “A comunicação com os anjos e os devas”, de Dorothy Maclean (1997). Trata-se da autobiografia da fundadora da paradigmática comunidade *new age* de Findhorn, que, de acordo com a autora, teria sido idealizada após seus inúmeros contatos com os seres espirituais responsáveis pelo desenvolvimento do reino vegetal. Por fim, recebi das mãos de José Trigueirinho um calendário para o ano seguinte, 2012, no qual cada mês era representado por um *crop circle*², os conhecidos “círculos nas plantações”, formas geométricas geralmente complexas que surgem em campos cultivados cuja autoria costuma ser atribuída a extraterrestres. Conforme me disse Trigueirinho, no momento em que me entregou o calendário, tais imagens funcionariam como “impressões energéticas” que ajudariam na evolução da Terra, feitas por seres extraterrestres superiores.

Descrevo os três “presentes” em detalhes, pois acredito serem uma boa representação do caleidoscópio de elementos *new age*, esotéricos e “ufológicos” que convivem nas obras de Trigueirinho. A complexidade aumenta ao se buscar entender a ligação de coerência interna entre tudo isso e uma temática aparentemente cristã / católica, com aparições de Nossa Senhora e a presença de uma “ordem ecumênica” fundada e dirigida por Trigueirinho e os monges videntes. Entender essa articulação é o objetivo deste trabalho.

Conforme informações de seu *site*³, José Trigueirinho Netto é um “filósofo espiritualista”, que “caminha entre os mundos internos e o externo”. Autor de cerca de 80 livros e com mais de 1600 palestras gravadas, é o fundador da comunidade alternativa

¹ As experiências de Emoto, citadas no livro, ficaram conhecidas por meio do controverso filme “Quem somos nós” (*What bleep do we know*), de 2004, que fala de uma possível influência e aplicação da física quântica na vida cotidiana, ligando-a ao poder do pensamento e sua suposta influência na modificação da realidade. Conta-se com depoimentos de espiritualistas e cientistas, o que deu conotação científica ao filme; a produção do vídeo foi promovida pelo grupo religioso “Escola de Iluminação Ramtha”, embora isso não seja esclarecido no mesmo (GUERRIERO, 2014, p. 908).

² Os *cropcircles* aparecem em diversas produções cinematográficas sobre alienígenas, invasão da Terra etc. Um exemplo é o filme “Sinais” (2002), estrelado por Mel Gibson.

³ Disponível em: <<http://www.trigueirinho.org.br/web/php/autor.php>> Site oficial de Trigueirinho. Acesso em: 9 jun. 2014.

Figueira, na zona rural de Carmo da Cachoeira, sul de Minas Gerais. Suas ideias mesclam ufologia, esoterismo, paraciência, teosofia e mais recentemente, elementos do catolicismo. Junto com autointitulados “freis” e “madres” uruguaiois, fundou a Ordem Graça Misericórdia em 2009, por orientação direta de Nossa Senhora em aparições. Para analisar essa religiosidade tão eclética, procedi dividindo a cosmologia de Trigueirinho em duas fases.

No primeiro capítulo tratarei do que classifiquei como a “primeira fase” de Trigueirinho, anterior às aparições de Maria e fundação da Ordem, na qual suas obras focavam temas ufológicos, esotéricos e paracientíficos. Há também nesse período abordagens de conteúdo Nova Era, como a preocupação com a ecologia, a destruição do planeta e a preparação para os novos tempos. Procedo abordando conceitos principais da cosmologia do autor.

No segundo capítulo, apresento a ordem ecumênica Graça Misericórdia e seus dois principais videntes: Madre Shimani e Frei Elias. Uruguaiois, os dois dizem ter o dom da vidência desde muito jovens, interagindo frequentemente com Nossa Senhora, São José e Jesus. Segundo eles, Maria teria pedido para que viessem ao Brasil à procura de Trigueirinho, para fundarem uma ordem baseada em suas instruções na Comunidade Figueira, em Minas Gerais. A partir desse encontro, a cosmologia de Trigueirinho engloba elementos mais afeitos ao catolicismo tradicional, todos orientados pelas aparições – sem que se abandone ou negue os temas anteriores.

No terceiro e último capítulo, procedo relatando duas etnografias. Em primeiro lugar, apresento a pesquisa de campo com um grupo da Rede-Luz Juiz de Fora. Trata-se de um grupo de seguidores⁴ de Trigueirinho, que reúne-se semanalmente para ouvir suas palestras, realizadas ao vivo via internet, transmitidas em uma área restrita do *site* da Comunidade Figueira. Reflito, nesta parte, sobre o pertencimento comunitário, ainda que à distância e via mediações dos meios de comunicação. Além disso, relato como uma cosmologia que engloba tantos elementos aparentemente diferentes é acionada na prática por seus entusiastas. Por fim, relato uma etnografia *on-line*. Um dos muitos pedidos de Maria em suas aparições é que suas mensagens sejam divulgadas pela internet. Ela teria instruído, inclusive, a criação de um *site* para transmissão ao vivo de seus contatos, onde fala aos videntes “como em Fátima”, sempre em hora previamente marcada. Dessa forma, seguidores de Trigueirinho, membros da Ordem Graça Misericórdia e quaisquer pessoas com conexão à internet podem acompanhar a celebração e o momento da vidência. Assim, ao assistir a celebração em minha própria casa,

⁴ Os membros do grupo não utilizam o termo “seguidores” e não se consideram membros de um culto específico, numa atitude típica da “religiosidade errante” e “de busca” da Nova Era (AMARAL, 2000).

tive a mesma experiência dos nativos e pude fazer algumas considerações e análises a respeito.

De elementos *new age* aos do catolicismo tradicional, como se constrói uma coerência interna entre extraterrestres, interpretações teosóficas, paracientíficas, esotéricas e aparições de Nossa Senhora, São José e Jesus? Como toda essa cosmologia é vivida e praticada e como funcionam as relações comunitárias e com o sagrado através da mediação da internet? Partimos, então, na busca por compreender como todo esse conteúdo se articula.

2 PRIMEIRA FASE: UFOLOGIA, ESOTERISMO E PARACIÊNCIA

Em trabalhos sobre grupos e religiosidades Nova Era é possível encontrar referências a Trigueirinho e suas comunidades, embora não como foco exclusivo dos estudos. D’Andrea (1996), a partir de uma perspectiva baseada em Giddens, defende a importância do individualismo e do reflexivismo para a classificação de formas de religiosidade como “Nova Era”. Mais que crenças sincretizadas e ecléticas, é sua apropriação individual-reflexivista que as colocariam nesse contexto; sem tal observância, haveria a possibilidade de classificações errôneas, o que leva o autor a não considerar Trigueirinho essencialmente “New Age”, já que “o grau de dogmatismo e devocionalismo encontrado nos leitores e seguidores de Trigueirinho é pouco afim a processos reflexivistas e mesmo individualistas” (D’ANDREA, 1996, p. 191). Com efeito, o autor cita o grupo apenas como exemplo em poucos parágrafos de seu trabalho, o que é compreensível por não ser este seu principal objeto de estudo. Veronese (2006) cita a cosmologia de Trigueirinho ao lado de outras que cultuariam discos voadores e extraterrestres ou entusiastas da ufologia, como a Cultura Racional e grupos e associações voltadas à divulgação de supostas mensagens vindas de seres de outros planetas. A abordagem gira em torno do que classificaremos aqui como uma primeira fase de Trigueirinho, baseada, de fato, em uma doutrina “ufológico-esotérica”, disseminada através de livros e palestras.

Por sua vez, Borges (2011) efetua, para sua tese, uma pesquisa de campo na comunidade de Figueira. Seu objetivo é relacionar visão de mundo místico-ecológica, estilo de vida e atitude política, o que é feito também na observação de outra comunidade e um grupo de professores de yoga, ambos da Bahia. As experiências do pesquisador na comunidade fundada por Trigueirinho perpassam todo seu trabalho, o que será de grande valia para essa dissertação, ainda que seus objetivos de análise tenham sido diferentes dos nossos.

Nenhum dos trabalhos citados leva em conta diferentes elementos que passam a fazer parte da cosmologia de Trigueirinho a partir de 2009, quando da incorporação elementos mais alinhados ao catolicismo, em uma forma de “ecumenismo”, segundo a perspectiva nativa. A formalização de uma ordem de “monges” e “freiras” e a presença da “Sagrada Família”, inclusive com aparições e comunicações de Maria, José e Jesus, trazem novas questões a elucidar, o que veremos no próximo capítulo. Por hora, apresentaremos o período anterior a esse, uma primeira fase que congrega elementos típicos da Nova Era.

Diretor e roteirista do premiado filme “Bahia de todos os santos” (1960), Trigueirinho fundou, junto com a escritora norte-americana Sara Marriott, uma comunidade alternativa em

Nazaré Paulista, interior de São Paulo, em 1982⁵. A inspiração teria vindo da conhecida Fundação Findhorn⁶, na Escócia. Em 1987, se afasta para criar a Comunidade Figueira, no município de Carmo da Cachoeira, sul de Minas Gerais. A partir daí, a trajetória do autor liga-se à ufologia e ao esoterismo e perpassa toda a cosmologia.

Segundo Trigueirinho (2008), no final dos anos 80 teria acontecido o seu “batismo”, após seu contato com “Sarumah”, ser de uma “Hierarquia Intergaláctica”, encarnado como humano.

Uma colaboradora aproximou-se de mim após uma reunião grupal de meditação e disse-me em voz baixa e pausada: “Um senhor quer vir falar com você. Para quando podemos marcar?” Respondi-lhe que iria consultar minha agenda, mas não o fiz de imediato. No dia seguinte ela voltou a me dizer, no mesmo tom: “Ele quer mesmo vir. Você verificou na agenda quando poderá ser?” Fui, então, consultar as anotações. [...] Ele chegou instantes antes da hora estabelecida e logo que entramos no estúdio de trabalho olhamo-nos nos olhos. Percebi que nos conhecíamos desde sempre, tanto assim que nenhum de nós perguntou coisa alguma sobre o outro. Sarumah estava simplesmente ali, ao lado da escrivãzinha, e plenamente à vontade. Trazia consigo alguns papéis e um grande envelope que colocou à minha frente. Era como se aquele encontro viesse sendo preparado há milhares de anos. [...] Sarumah trouxe-me fotos, apostilas e um pequeno manual ilustrado, que continha exercícios básicos. Esse material foi sendo posto sob os meus olhos, e ao vê-lo não tive nenhuma surpresa, pois há muito o conhecia interiormente. Entretanto, estava claro que era a primeira vez nesta encarnação que esse ramo do trabalho evolutivo representado por Sarumah era trazido daquela forma ao meu eu consciente (TRIGUEIRINHO NETTO, 2008, p. 3-4).

Acompanhado de Sarumah, Trigueirinho (2010b, p. 11) afirma ter viajado até o Vale de Erks, na província de Córdoba, Argentina, onde com o auxílio de naves extraterrestres passou por uma “transmutação monádica” ou “troca de alma”, evento pelo qual seu “Ser Interno” deixou seu corpo para que outro Ser Interno o assumisse. No local existiria a cidade subterrânea de Erks, cujos seres, mais evoluídos que os humanos da superfície, teriam ajudado também no processo de transmutação. Há certa complexidade na tentativa de explicação sobre o que de fato seria essa transformação, mas segundo o autor, não há alterações de consciência ou personalidade. Aparentemente, trata-se também de uma espécie de processo de purificação:

De repente, dei-me conta de que uma grande distância separava minha consciência humana daquele que sempre havia habitado meu corpo, ou os corpos que o meu ego conhecia. Sim, havia uma distância física de anos-luz entre o indivíduo que observava e aquele que, sem ter dado a perceber, partira para uma grande viagem. Permaneci por um momento bem quieto interiormente, porém, sem jamais sentir que

⁵ Disponível em <http://nazareuniluz.org.br/?page_id=2809>. Site oficial da Comunidade Uniluz. Acesso em: 3 jun. 2015.

⁶ A comunidade Findhorn é um local paradigmático *new age*, de onde teriam surgido as principais ideias da Nova Era a partir da década de 1960, inspiradas nas obras de Alice Bailey (CAROZZI, 1999, p. 24).

eu ficara sozinho, abandonado a mim mesmo. O plêiade [Sarumah] revelou, então, que o ser interior que acabava de transmigrar tinha cumprido suas tarefas aqui na Terra e estava, por isso, liberado. [...] Eu não sabia para onde tinha ido o ser interior que conheci como a parte principal de mim mesmo durante toda a minha vida; entretanto, não sentia separações. “Quem está em você agora tem consciência mais vasta. Isso ajuda o seu lado humano consciente a ver mais amplamente.” Sim, nenhum mérito havia no meu aspecto material, na minha personalidade – isso era evidente para mim; tudo corria por conta de níveis suprafísicos, meus e dos seres cósmicos que estavam dando sinais de sua presença ali em volta. Assim deu-se a transmigração do ser interior que habitou este traje físico-emocional-mental por certo período, e a transmutação do ser interior que o habitará até que certa tarefa se cumpra. [...] Quando, depois do ocorrido, concentrei a mente humana de maneira mais intensa no centro do ser, vi que ali estava outra energia. “Você vai percebê-la mais claramente com o passar dos dias”, disse o plêiade sorrindo. “Aos poucos, irá conhecendo-o melhor.” Entretanto, era como se eu já o conhecesse muito bem (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010b, p. 84-85).

Deve-se destacar, ainda, que embora haja ampla presença e divulgação sobre o autor e sua obra na internet, praticamente inexitem dados biográficos anteriores a esse “batismo” oficialmente divulgados. A vida pregressa de Trigueirinho, sua trajetória anterior à “transmutação monádica”, parece ser propositalmente suprimida, como se não houvesse importância e sua vida tivesse começado a partir dessa mudança. O fato de ter dirigido o filme “Bahia de todos os santos” é identificável por ser público e notório, registrado, inclusive, em bancos de dados e *sites* sobre informações cinematográficas.⁷

Na ocasião da entrevista jornalística, na qual perguntei sobre sua vida anterior aos trabalhos na Comunidade Figueira, recebi respostas evasivas. José Trigueirinho disse que o passado não seria importante, mas sim o presente e o futuro, o que nos leva a refletir sobre dois pontos: a partir de um provável ponto de vista nativo, se poderia falar de um desaparego ao período de vida menos espiritualizado – se esse teria, inclusive, “trocado de alma”, o sujeito anterior seria, de fato, desimportante se comparado ao “novo homem”, renascido após uma “transmutação”; por outro lado, podemos considerar a aparente supressão da biografia pregressa como uma estratégia para evitar apresentar a parte “mais humana” e “menos santa” do espiritualista.

Por fim, pude encontrar algumas pistas em buscas na internet, que apontam para *sites* pouco confiáveis, como a Wikipédia⁸, que indica que Trigueirinho teria viajado pelo mundo “interagindo com inúmeros mestres e instrutores ligados a diversas tradições místicas” antes de fundar as comunidades, ou seja, antes mesmo da “troca de alma” – citação que, repito,

⁷ Como exemplo, o *site* IMDb (International Movie Data Base). Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0184245/>>. Acesso em 6 jan. 2016.

⁸ Uso o termo “pouco confiável” pois a Wikipedia é uma enciclopédia colaborativa, podendo ser alterada por qualquer usuário; com relação ao verbete sobre Trigueirinho, a informação citada carece de fontes. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Trigueirinho_Neto>. Acesso em 6 jan. 2016.

carece de fontes, o que, inclusive, caracteriza o que considero mais importante neste momento: deixar claro que parece haver uma proposital falta de dados biográficos oficiais anteriores ao “batismo”.

É a partir desse momento que Trigueirinho passa a escrever os livros e proferir as palestras que compõem sua cosmologia. Essa, com sua mescla de temas, é a base da vida da comunidade e também norteia a conduta de seus entusiastas urbanos. A autoria dos escritos é assumida por Trigueirinho, guiado por seu “Ser interno” ou baseada em mensagens dos seres cósmicos. Apenas em outro momento, como observaremos na segunda parte do capítulo, entram em cena mensagens diretas de Nossa Senhora, Jesus e São José.

Ainda na entrevista jornalística, em 2011, Trigueirinho tentara esclarecer um pouco sobre a comunidade alternativa da Figueira e sobre a Ordem Graça Misericórdia, a ser explicitada em capítulo posterior, recusando o rótulo de “religião” ou “seita”. Caracterizou-as como grupos que buscam uma vivência espiritual, de forma ecumênica e sem vínculos institucionais. Para além das classificações nativas, afinal, como poderia ser interpretado o grupo de Trigueirinho, sua cosmologia, comunidades e Ordem? Segundo determinadas tipologias, seria possível situá-los no escopo dos chamados Novos Movimentos Religiosos, os NMRs.

Guerriero (2006, p. 28-29) classifica tal conceito como difuso ou mesmo elástico, visto a possibilidade de abarcar ampla variedade de elementos constitutivos; “novos movimentos religiosos” pode soar vago e impreciso, sendo necessários certos consensos e delineamento. Os NMRs ligam-se diretamente aos conceitos de seita ou de culto, que definem movimentos religiosos geralmente surgidos contra a ordem estabelecida e criticando a ortodoxia e institucionalidade religiosas. Do latim “sectare” – cortar –, o termo “seita” refere-se, originalmente, à cisão de uma grande religião, dando origem a um novo movimento. Sua forma de utilização mais “popular”, por outro lado, é algo problemática por sua carga de conotação negativa.

Carozzi (1994, p. 71) expõe o contraponto entre os conceitos de “igreja” e “seita” como relacionados às suas respectivas tensões com o ambiente sociocultural no qual se inserem, onde um elemento subcultural – a seita – pode ser considerado desviante. A relação conturbada de alguns movimentos religiosos com a opinião pública, marcada pelo tratamento midiático dos meios de comunicação, é atribuída pela autora mais ao caráter de novidade das manifestações religiosas, indo contra a tradição que envolve o conceito “religião”:

uma consideração, que até certo ponto escapa dos limites da reflexão teórico-metodológica e se relaciona com o diálogo entre as ciências sociais e os membros da

sociedade, é a carga valorativa negativa possui a palavra “seita” na cultura popular. Ninguém parece disposto a aceitar que o movimento religioso do qual participa constitui uma seita. Na cultura popular, “seita” associa-se invariavelmente a termos como invasão, destruição, cultos satânicos, fanatismo, risco, perigo, perversidade, lavagem cerebral etc. A estigmatização é suficiente para legitimar, em relação aos sectários, um comportamento que não seria admitido em outros seres humanos (CAROZZI, 1994, p. 71).

Dessa forma, no âmbito das pesquisas sobre religiões, a utilização de “Novos Movimentos Religiosos”, termo cunhado por Harold W. Turner (CHRYSSIDES e WILKINS 2006 apud MACHADO, 2010, p. 146) evita, por um lado, a possibilidade de estigmatização ou quaisquer relações conturbadas com a sociedade em geral; por outro, no âmbito acadêmico, permite melhor conceituação, desde que suas características possam ser, na medida do possível, demarcadas.

Um primeiro passo seria interpretar a sigla NMR. Afinal, o que seria o “Novo” dos novos movimentos? Em que medida de tempo eles deixariam de ser de fato novos? Estipular datas exatas, conforme Guerriero (2006, p. 37-38) seria problemático: o autor cita divergências entre diversos estudiosos⁹, que colocam os Novos Movimentos Religiosos como surgidos após a II Guerra, ou a partir das décadas de 50, 60 e 70, alinhados à contracultura; outros propõem períodos maiores, como início no século XIX. Seja qual for a classificação, a exatidão de períodos históricos deixariam de fora do escopo alguns significativos movimentos religiosos. Assim, “Novos” estaria mais relacionado às novidades que tais grupos trazem no âmbito da religiosidade, diferenciando-se das correntes religiosas tradicionais, a algum período de tempo específico.

Os primeiros estudos sobre seitas falavam basicamente dos movimentos surgidos no interior das grandes religiões tradicionais. Em alguns países ainda há uma tendência a focar os grupos surgidos de dentro do cristianismo, budismo ou outra grande religião. Hoje, ao menos no Brasil, não é bem assim. Talvez pelo fato da imensa variedade de crenças e até pelo distanciamento diante das matrizes religiosas principais, foi-se definindo NMR como aqueles mais distantes e diferentes. (GUERRIERO, 2006, p. 35).

Ainda que haja essa diferença e independência com relação às religiões tradicionais, as características dos NMR muitas vezes derivam ou são assimiladas dessas últimas; da mesma forma, reúnem características *new age*. Segundo Bellah (1986, p. 18-20), o questionamento do utilitarismo, das instituições e tradicionalismos, com o movimento de contracultura, foi não só a base do que ficou conhecido como movimento Nova Era, mas também de movimentos

⁹ Entre eles Melton e Moore (1982), Beckford (1985), Champion (1989), Chrystides (1999) e Fisher (1999) (GUERRIERO, 2006, p. 37-38).

religiosos ou espiritualistas emergentes, exóticos para se diferenciarem do sistema ocidental, afeitos ao orientalismo, tradições indígenas etc. É preciso levar em consideração do indevido generalismo ao classificar todo NMR como “Nova Era”. Porém, estando no mesmo contexto, estes primeiros poderão sim apresentar algumas marcantes características dessa indefinida “nebulosa místico-esotérica”, para utilizar o termo de Champion (1989), bem como assimilar elementos das religiões tradicionais. Não seriam essas instrumentalizações, recombinações e retirada de elementos de outros contextos características Nova Era, onde a religiosidade está na própria busca de sentido, conforme define Amaral (2000)?

Assim, analisar um movimento que possa ser considerado um “Novo Movimento Religioso” ou alguma “religiosidade da Nova Era” passa a ser uma tarefa que deve levar em conta suas especificidades. Tais construções conceituais devem ser utilizadas com o devido cuidado para que o movimento não seja precipitadamente classificado e alocado em alguma categoria. Ora, se a fragmentação desses tipos de religiosidades é uma característica marcante, alinhadas a uma possível crise e fragmentação da modernidade, é necessária uma observação aproximada que não busque definições estanques a princípio. Será buscado, pois, adiante, apresentar elementos da cosmologia de Trigueirinho tecendo suas relações com elementos *new age* ou comuns desses novos movimentos; assim, pretende-se abordar a questão da Nova Era por entre tal análise, sem que se detenha distintamente sobre o assunto, visto os inúmeros trabalhos que já o fizeram e constam nessa bibliografia, como Amaral (2000), Bellah (1986), Camurça (2014), D’Andrea (1996), Magnani (1999, 2000), entre outros.

2.1 UFOLOGIA

Veronese (2006, p.58), classifica os ufólogos, termo utilizado para designar os interessados em OVNI e supostos fenômenos extraterrestres, em “científicos” e “místicos”. Os primeiros buscam investigar a questão da forma presumidamente mais científica possível, com coleta de informações e dados, análise de fotos e documentos e depoimentos de testemunhas. Como ufologia mística pode-se classificar grupos e indivíduos que consideram seres de outros planetas salvadores ou mentores; baseiam-se nos supostos contatos com os extraterrestres, feitos desde as conhecidas abduções por discos voadores até métodos espiritualistas, como canalizações ou mensagens direcionadas telepaticamente a um determinado receptor.

No Brasil, há certa tensão entre as duas dimensões. Ufólogos que consideram-se buscadores da verdade pela via “científica”, investigativa e, podemos dizer, materialista,

geralmente criticam a visão mística ou religiosa relacionada ao tema. Em um texto publicado no *site* da Revista Ufo¹⁰, por exemplo, há a defesa dessa pretensa ufologia científica e ataques diretos a Trigueirinho, classificando-o como criador de uma seita responsável por alienar seus seguidores. Salienta-se, ainda no texto, a presença dos seguidores de Trigueirinho com questionamentos e intervenções em eventos sobre ufologia, causando conflitos. Fato é que tanto ufólogos “científicos” quanto “místicos” têm crenças coincidentes, apesar de toda a discussão acerca da abordagem: a suposta existência dos seres extraplanetários, o contato com estes e, principalmente, de que os céticos em relação ao fenômeno o são por “não enxergarem a verdade diante de seus olhos/mentes” – ou mesmo por conspirações que impeçam os “fatos” de virem à tona. Esse tipo de conspiração, também muito abordada em obras de ficção onde governos e outras instituições ocultam a verdade do grande público é, de forma geral, outra característica dos Novos Movimentos Religiosos. Segundo Guerriero (2006, p. 67), pode-se destacar no tema conspiracionista a perda de confiança nas instituições, principalmente as ligadas ao poder; há ainda a ideia de relativização da verdade, em um cenário contemporâneo onde o indivíduo tem mais liberdade para buscar sua verdade em diferentes lugares e tradições.

Dentro da parcela mística ufológica, o auxílio dos seres humanos pelos seres cósmicos é um dos pontos-chave. Na cosmologia de Trigueirinho, esta ajuda é fundamental para a entrada do planeta na nova era. A Terra estaria, atualmente, à beira de um colapso e por isso recebe a ajuda de entidades extraterrestres e intraterrenas¹¹ que respondem a um governo central intergaláctico (TRIGUEIRINHO NETTO, 2004). Após um cataclismo purificador ou alguma grande guerra, os seres humanos da superfície seriam resgatados por naves e destinados, de acordo com seu grau evolutivo, a outros planetas, ao interior da Terra ou de volta a superfície onde triunfaria uma “nova humanidade”.

A Confederação Intergaláctica decidiu por permitir ao planeta aquilo que pode ser chamado de transição, eliminando assim a possibilidade de uma guerra de extermínio. Num processo de transição, prevê-se a purificação geral da superfície e a retirada dos seres resgatáveis [...]. Se a guerra de extermínio (entre os homens terrestres de superfície) começar a concretizar-se no plano físico, essa operação-resgate será dinamizada, pois está pronta para ter início a qualquer momento (TRIGUEIRINHO NETTO, 2004, p. 53).

¹⁰ Disponível em: <<http://www.ufo.com.br/artigos/trigueirinho-o-que-esta-por-tras-da-farsa>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

¹¹ Haveria seres de outras partes do universo vivendo no interior do planeta em conjunto com “humanos intraterrenos”, ambos mais evoluídos que os homens de superfície e dedicados a auxiliá-los na transição para o “novo mundo” (TRIGUEIRINHO NETTO, 2004).

Esse resgate por naves interplanetárias é coincidente com ideários de outros grupos como, por exemplo, o Ground Crew Project¹². Com sede na Califórnia e no Havaí, o grupo divulgava mensagens apocalípticas na internet no final da década de 90 (GRÜNSCHLOSS, 2002, p. 27). As publicações descreviam a aterrissagem de 15 milhões de naves espaciais tripuladas por anjos que, com suas habilidades e tecnologias, levariam os seres humanos à “consciência plena”.

Importa notar aqui quem são os passageiros das naves esperadas pelo grupo californiano: anjos. Para esses grupos, a linha que divide e classifica as entidades benfeitoras e mentoras é tênue. Fala-se de seres cósmicos, anjos, intraterrenos, extraterrestres e outros a desempenharem papéis similares. Assim, ao falar sobre as naves que o auxiliaram em sua transição no Vale de Erks, Trigueirinho afirma ter ouvido de Sarumah que seus passageiros são “seres cujo grau de desenvolvimento da consciência corresponde ao dos chamados Arcanjos” (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010b). As variadas entidades são chamadas por Trigueirinho de Hierarquias:

Hierarquia [ou Hierarquia planetária] – conjunto de consciências que transcenderam a evolução material e se integraram no serviço em seu sentido cósmico e abrangente. Assume tarefas do Plano Evolutivo e responde à lei regente dos universos em que atua. Possui o dom da onisciência e tem realizada a unicidade. [...] As Hierarquias habitam o cosmos inteiro e compõem uma rede transmissora de impulsos evolutivos para os vários mundos, denominada Irmandade; são parte de diversos reinos, como o espiritual, o divino, o dévico e o angélico, entre outros. [...] Uma Hierarquia é mais que um ente individualizado: representa linha de luz que engloba miríades de consciências em distintos patamares (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p.184).

Assim sendo, a participação das Hierarquias e sua influência na vida dos “homens da superfície” vai muito além do transporte e resgate perante intempéries apocalípticas. Os “Irmãos Maiores” agem como mentores desde tempos remotos, na época mítica dos continentes perdidos, como Lemúria e Atlântida, transmitindo conhecimentos aos ainda involuídos seres humanos. Trigueirinho (2010a) aponta uma evolução da humanidade em diversas raças através desse tempo mítico até os dias atuais, e daqui adiante visando à Nova Era. Em Lemúria teriam surgido os primeiros humanos em “corpos físicos densos”: é a “terceira raça”, pois as anteriores existiam em níveis “suprafísicos”. É o principal período em que extraterrestres teriam ajudado os inexperientes humanos. A Quarta Raça seria a de Atlântida, quando desenvolveu-se o “corpo emocional humano”. Seus governantes obedeciam

¹² Grünschloss ressalta que, após a primeira apresentação do trabalho citado, o grupo se dividiu em um novo Ground Crew e na Planetary Activation Organizaton. Após a divisão, os dois grupos adotaram caráter mais espiritual e menos milenarista, já que a chegada das naves extraterrestres, telepaticamente anunciada para o verão de 1997, não ocorreu. Ainda assim, prosseguiram os anúncios de futuras intervenções de anjos e extraterrestres. (GRÜNSCHLOSS, 2002, p. 28).

leis cósmicas divinas, mas sucumbiram junto com a sociedade por usarem sua força psíquica para fins pessoais; esse apego gerou os cataclismos que puseram fim à raça atlante. Nesse período, as Hierarquias deixam o contato com os humanos da superfície. Por fim, há a atual Quinta Raça, na qual forma-se o “corpo mental concreto”, chama-se “Raça Ária”, e está ainda em desenvolvimento. O planeta encontra-se em “densidade máxima”, prestes a “sutilizar-se”. Logo, a “Hierarquia planetária voltará a exteriorizar-se” (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p.374). Ocorre assim, a transição para um novo mundo, crença básica dos adeptos de novas religiosidades e movimentos da Nova Era, onde haverá o reencontro com os mentores do passado que zelaram ocultamente pela humanidade durante seu desenvolvimento.

Essas Hierarquias teriam trabalhado intervindo diretamente no desenvolvimento do ser humano. Em uma afirmação que nos remete novamente às incontáveis obras de ficção, nas quais extraterrestres usam seres humanos para experiências científicas, Trigueirinho (2008, p. 76) afirma que as Hierarquias vêm implantando em alguns seres humanos o “GNA”, um novo código genético que, diferentemente do anterior, o DNA, não seria substância química, mas um campo eletromagnético. Ao contrário do que geralmente ocorre nas ficções, a intervenção é benéfica e atinge apenas os já preparados e receptivos. O GNA seria responsável por desbloquear o potencial humano, criando o “Novo Homem” que, dentre suas novas características, perderá agressividade, a reprodução sexual, a gestação intrauterina, e a hereditariedade. Além disso, os seres cósmicos também tiveram influência no início do processo evolutivo humano:

Em passado longínquo, nos primórdios da formação dos corpos do homem, o código genético foi composto pelas consciências regentes da evolução das Raças, simbolicamente denominadas Jardineiros do Espaço, a partir da substância de certo dinossauro anfíbio, substância que passou por uma série de mutações, sendo nela incorporados genes de origem extraplanetária. No decorrer dos milhões de anos sucessivos, houve outras quatro incorporações de genes cósmicos. Produziram o que hoje se reflete nos tipos humanos de pele amarela, vermelha (indígena), negra e branca, agora, com a quinta incorporação, surge a "raça cor de cobre". As diferenças entre elas devem-se à origem, pois provêm de planetas diversos e respondem a distintas leis universais. Durante os ciclos passados, os indivíduos encarnavam nesses vários grupos humanos, passando de um a outro a fim de adquirir a experiência que lhes podiam proporcionar (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p. 317).

Grünschloss (2002) compara elementos desse tipo de crença aos *cargo cults* da Melanésia e da Nova Guiné. O *cargo*, ou seja, a carga, eram as mercadorias trazidas pelos navios europeus na ocasião do contato com esses povos; bens esses que eles acreditavam terem sido enviados por seus antepassados, mas usurpados pelos colonizadores. Nos rituais e

crenças do que pode ser chamado *cargo cult* está o pressuposto messiânico de uma futura abundância reservada de bens para os adeptos.

A salvação com a chegada de um futuro especial em uma Terra transmutada inclusive por novas tecnologias e conseqüentemente bens – o que podemos entender, no caso em estudo, também como bens espirituais – culmina com a volta a um estado puro, de comunhão ecológica e cósmica, após o iminente colapso causado pela não consonância com as leis divinas ou da natureza. O novo mundo, com a volta do contato direto com as Hierarquias, como em Atlântida, trará o fim de desarmonias e conflitos, com um novo homem e um novo mundo harmoniosos, com tecnologias não agressivas. Nesse novo período, a Terra passa a integrar o Conselho Intergaláctico do Governo Celeste Central ao lado de outros planetas (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010b, p. 175).

Assim,

quando milenarismo e cargoísmo se casam, contudo, pelo menos as imagens da tecnologia moderna e das conquistas científicas são retidas, de forma que a nova ordem profetizada possa ser articulada com o ponto mais alto da modernidade, mais que, exclusivamente, a uma espécie de grande retorno espiritual, que por vezes pode ter um forte toque de ficção científica (ou algum tipo de mitologia científica) (TROMPF apud GRÜNSCHLOSS, 2002, p. 22).

Grünschloss (2002, p. 41-42) argumenta ainda como esse milenarismo reatualiza certos padrões tipológicos básicos da tradição apocalíptica cristã, como o arrebatamento precedido da grande tribulação que deve ser suportada com fé até o momento da salvação pelos seres cósmicos, que trarão o auxílio necessário – e que já nos tutoraram ou até mesmo criaram – para que o mundo chegue à sua plenitude.

D’Andrea (1996, p. 159-160) coloca a evolução espiritual como um conceito, dentre outros, elementar e razoavelmente consensual do mundo alternativo. Cabe ao indivíduo agir, dominar energias superiores, enfim, traçar um caminho com destino à perfeição. Geralmente a progressão dá-se associada à reencarnação, na qual as diversas vidas atuam como processo de progressão até o momento em que o espírito precisa transmigrar-se para outro planeta ou dimensão mais evoluídos. Ressalta-se o caráter individualista da evolução, a “autoevolução”. Nesse ponto, há de se considerar uma particularidade na cosmologia de Trigueirinho. Enquanto na escatologia da Nova Era, cujo nome já enfatiza a chegada desse novo momento da humanidade e do planeta, os esforços evolutivos individuais dos adeptos os ascenderão e ascenderão o mundo para essa nova realidade, para Trigueirinho a influência externa – das Hierarquias – é igualmente importante: os humanos da superfície devem preparar-se, evoluindo, para a fatídica intervenção cósmica e o mundo evoluído posterior. Na nova era e

no novo planeta, o novo homem irá inclusive “superar a lei do carma”, não mais necessitando do processo reencarnatório para sanar dívidas de outras vidas. O ser passa a ater-se apenas ao trabalho evolutivo de uma vida cósmica, sem amarras cármicas.

Com a incorporação de novo código genético na parcela resgatável da humanidade da superfície, o homem está sendo auxiliado a trasladar-se à lei evolutiva superior e à lei do equilíbrio, pois esse novo código genético não se vincula ao carma material e tampouco transmite características hereditárias. Isso representa mudança considerável, pois, em vez de encarnar para equilibrar débitos passados ou para realizar experiências, o fará para cumprir o Plano Evolutivo. Assim, de humana e terrestre, sua vida passará a ser criativa e cósmica (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p. 243).

De acordo com D’Andrea (1996, p. 160), a crença reencarnacionista, que objetiva a evolução, é acionada com mais intensidade, em forma de linearidade métrica, em países com tradição positivista e hierárquica, como o Brasil. Em nações como os EUA, a carga hierarquizante é menor e abre possibilidade para outras formas de evolução. Conforme podemos observar na pesquisa de Grünschloss (2002) sobre grupos que tem seres cósmicos e naves espaciais como salvadores ou mentores, grupos como *Haven’s Gate*, *Brotherhood of the Sun* e *Ground Crew Project* também ressaltam experiências genéticas em auxílio à evolução humana, salvação por naves espaciais, tutoria nos primórdios da humanidade, continentes perdidos mitológicos e, principalmente, a crença milenarista na “esperança de uma iminente restauração de um paraíso neste mundo [...], através de expectativas de uma tecnologia sobrenatural [que] pode estabelecer uma ponte entre as visões científicas e tecnológicas do mundo, e uma religiosidade esotérica” (GRÜNSCHLOSS, 2002, p. 41). É importante notar que tais grupos e comunidades situam-se ou situavam-se nos Estados Unidos. Se seguirmos o raciocínio de D’Andrea acerca da linearidade métrica reencarnacionista típica do Brasil, a afirmação de outras formas de evolução que desconsideram ou superam o ciclo cármico e a reencarnação oferece uma pista do cosmopolitismo da cosmologia de Trigueirinho.

Antes de partir para a próxima sessão, é importante reafirmar que a opção metodológica de dividir a apresentação e análise dessa cosmologia em tópicos visa apenas facilitar seu entendimento: para o grupo, não há tais categorias estanques. Ufologia, esoterismo, paraciência e elementos do catolicismo interpenetram-se. Velhos temas religiosos, mitológicos, esotéricos e científicos, como veremos adiante, ganham novos significados.

2.2 ECOLOGIA

Embora o milenarismo esteja fortemente presente na cosmologia de Trigueirinho, aqui ele adquire uma feição *new age*, diferente da apocalíptica clássica cristã. Ainda que obedecendo em similaridade alguns padrões do cristianismo, como já dito, o fim dos tempos não é, de fato, o fim, mas um novo começo. O paraíso é a própria Terra, modificada para uma Nova Era de paz, prosperidade, harmonia etc. Quaisquer tipos de batalhas apocalípticas entre o bem e o mal são substituídas ou interpretadas como cataclismos, ligados à questão dos maus tratos do homem para com a natureza; mais que isso, pode ser visto como uma reação do planeta, interpretado holisticamente como uma entidade consciente ou semiconsciente que busca expelir os males que a afligem: a destruição causada pela humanidade. Assim, o milenarismo *new age* relaciona-se intimamente com a preocupação ecológica, não como fim do mundo, mas como mudança de relações do homem com a natureza: por bem, com a adoção de hábitos menos destrutivos, ou por mal, com a resposta firme da própria natureza.

O último caso já teria acontecido em tempos remotos, segundo Trigueirinho (2008) que transcreve uma longa mensagem de Sarumah, a Hierarquia encarnada que o teria contatado. Ela fala da civilização perdida da superfície da Terra, anterior à atual; não se especifica se trata-se de Atlântida ou alguma outra civilização perdida geralmente mencionada. Segundo a mensagem, transmitida e apresentada em primeira pessoa, “o mundo [...] da superfície da Terra marcha rapidamente para a destruição que nossos antepassados tampouco puderam evitar e que certa vez converteu o planeta em gigantesca tumba repleta de cadáveres hediondos, de ruínas e desolação” (TRIGUEIRINHO NETTO, 2008, p. 15). A hierarquia prossegue argumentando que toda civilização chega a um ápice em seu desenvolvimento tecnológico, e logo em seguida desaparece, em um ciclo universal de criação e aniquilação. Essa remota civilização do passado teria alcançado alto nível de desenvolvimento tecnológico, a ponto de, entre outras façanhas, decompor matéria em energia controlando os resíduos radioativos e prolongar a vida por meio de processos de hibernação. Em certo momento, a utilização da energia atômica começara a gerar problemas, as energias passaram a não responder às leis que obedeciam e “rebelaram-se”; todo o planeta iniciou um processo de contaminação radioativa. Passando por muitos percalços, os sobreviventes conseguiram chegar ao interior da Terra e desenvolver uma nova civilização que soubesse respeitar a natureza. Alguns, sentindo falta da superfície, voltaram quando os níveis de radiação diminuíram, dando origem à “raça amarela”: chineses e japoneses, tendo também se estabelecido na costa oriental do México e extremo sul da Argentina. Os seres humanos da

superfície, além desses que teriam voltado da “Terra Oca”, seriam outros sobreviventes do cataclismo atômico que regrediram evolutivamente e depois se desenvolveram, tornando-se a humanidade que conhecemos hoje. Os que se mantiveram no interior da Terra hoje cuidam para que a superfície não cometa os mesmos erros (TRIGUEIRINHO NETTO, 2008, p. 16-23).

Além de mais uma vez explicar histórias ocultas do planeta, este trecho atenta para a preocupação ecológica e a escalada irresponsável da tecnologia. Ao pesquisar a questão na Comunidade Figueira, Borges (2011) assim descreveu um pouco da preocupação com a ecologia tematizada pelos membros:

Os estudos realizados por membros de Figueira dizem respeito a um constante exercício de reflexividade (para usar uma expressão pouco comum em um universo religioso): seus temas envolvem o vegetarianismo, a libertação dos animais, a regeneração do solo e o cultivo de sementes puras, o cuidado com a saúde, a situação do planeta, o “caos” do cenário internacional, o preparo para situações de emergência devido à crise ambiental, crítica à dependência do petróleo por essa civilização, o uso de fontes alternativas de energia, e em tudo isso, o que se pode resumir como “o dado espiritual”, em que a própria natureza torna-se agente, em que “as atitudes de cada membro repercutem no todo” (BORGES, 2011, p. 73).

A base cosmológica da preocupação com ambiente, aliada ao milenarismo, vincula-se ao cuidado na relação com os “Reinos”, já citados no item anterior ao trabalho no que diz respeito às Hierarquias de variados reinos (angélico, divino etc.). Além desses, há os reinos vegetal, animal, mineral, e diversos outros, relacionados à natureza do planeta e à sua evolução física e espiritual. Assim, o vegetarianismo, por exemplo, se justificaria em primeiro lugar, por elevar a consciência humana, já que a ingestão de carne proveniente da mortandade animal causaria desequilíbrio, tendências violentas e instintivas (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p. 484). Em segundo lugar, caberia ao Reino Humano auxiliar na evolução do Reino Animal, que está logo abaixo e cujos seres devem evoluir para ascenderem ao próximo reino (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p. 399). Por sua vez, o Reino Vegetal

foi o reino que mais conseguiu cumprir o propósito de sua existência na Terra, [...] exerce papel relevante na transmutação de vibrações desde o nível denso até o astral mais sutil. [...] Por ter cumprido sua parte no Plano Evolutivo, o reino vegetal construiu entre a matéria e os níveis internos da existência um canal a ser utilizado pelos demais reinos no futuro (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p. 405).

Assim como a primeira comunidade alternativa fundada por Trigueirinho¹³, como já comentado no início do capítulo, teria sido inspirada em Findhorn, esses desenvolvimentos cosmológicos acerca dos “Reinos” parecem ter sido inspirados pelas ideias de uma das fundadoras de Findhorn, Dorothy Maclean. Conforme já exposto na introdução do trabalho, o livro “A comunicação com os anjos e os devas”, presenteado ao pesquisador pelo próprio Trigueirinho, é a autobiografia de Maclean, na qual a autora conta sua história de vida e da fundação da comunidade escocesa.

Tudo teria começado pelo contato da fundadora com o que ela chama de “anjos” ou “devas”. A horta que iniciou Findhorn teria sido cultivada em um terreno pouco fértil, mas veio a se tornar um grande jardim, posteriormente dando origem à comunidade ecológica, devido às instruções recebidas telepaticamente por Maclean dos “seres angélicos que supervisionam e dirigem o crescimento vegetal” (MACLEAN, 1997, p. 16). Esses “devas” seriam entidades responsáveis por processos físicos, transformando, por exemplo, energia em matéria:

Os devas são os construtores de nosso mundo. Encarnações de inteligência criativa, eles dirigem ou transmudam o que poderíamos chamar de energia (ondas ou partículas vibratórias em padrões) em estruturas cada vez mais “físicas” (inclusive estruturas emocionais e mentais) convertendo-as finalmente no que chamamos de matéria (que é padrão no espaço). Eles constroem veículos para expressão da vida em todos os níveis: mineral, vegetal, animal, humana e supra-humana. Como construtores da vida, obviamente eles, há muito, habitam nosso planeta. Na verdade eles formaram a vida planetária, e como tais são Senhores da Involução e da Evolução, moldando veículos cada vez mais delicados, mais precisos, mais sensíveis para a expressão da consciência (MACLEAN, 1997, p. 80).

Trigueirinho (2010a) corrobora a versão dos devas como responsáveis por essa “construção da vida” e insere-os em suas definições de “Reino”, esquematizando, inclusive, sua organização e funcionamento. Os devas receberiam as orientações de entidades superiores da Hierarquia Espiritual; além disso, impulsionariam os elementais, do Reino Elemental, a “preencher com sua própria substância os moldes sutis por eles construídos, preparando a forma para absorver a força-de-vida emanada da consciência que a habitará” (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p. 403).

Nota-se, então, uma hierarquização entre os diversos “reinos” da natureza, bem como a inspiração de Trigueirinho na cosmologia de Maclean. Ainda mais significativo para nossa investigação é observar como o ideal de uma relação de cuidados com a natureza tem, em sua base, uma motivação na espiritualidade. A preocupação ecológica não diz respeito apenas aos

¹³ Disponível em <http://nazareuniluz.org.br/?page_id=2809>. Site oficial da Comunidade Uniluz. Acesso em: 3 jun. 2015.

perigos de um colapso do planeta e seus desdobramentos materiais, mas liga-se ao transcendente. Ao existirem vários reinos, invisíveis ao limitado homem, relacionando-se harmoniosamente, é papel do “Reino Humano” cessar sua relação destrutiva. Essa inter-relação faz referência às características da espiritualidade Nova Era, em primeiro lugar, por uma visão holística de planeta, onde tudo se interliga e quaisquer ações ou mesmo pensamentos têm o poder de repercutir no mundo e no cosmos (D’ANDREA, 1996, p. 159); em segundo lugar, ao considerar que a Terra passa por uma crise sem precedentes, precisando ser “curada” – o que acontecerá pela mudança de consciência dos seres humanos e consequente reconciliação com a natureza, restaurando a saúde do mundo (AMARAL, 2000, p. 61).

2.3 CIÊNCIA E “NOVA CIÊNCIA”

Como já foi possível observar, a cosmologia de Trigueirinho aciona termos relacionados ou pertencentes ao universo científico, como à biologia, química e física (DNA, glândulas, campo eletromagnético etc.). Há inúmeros outros trechos que contam, com uma linguagem quase didática, com explicações que vão desde o funcionamento das naves intergalácticas até o do corpo do “novo homem”. A “ciência cósmica” seria um conhecimento que “transcende o plano mental” dos seres humanos atuais e que encerra o real e profundo do significado da existência e da vida (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p. 72), sendo compreendida principalmente por aqueles que terão o GNA implantado. Os trechos a seguir ilustram a forma como são descritos alguns dos novos conhecimentos no Glossário Esotérico¹⁴ de Trigueirinho. Em primeiro lugar, a mudança física e energética dos seres humanos:

Assim, hoje, na atual transição da Terra, além da implantação do novo código genético nos níveis suprafísicos da humanidade resgatável, o potencial energético a ela disponível se eleva, e o manancial que antes se distribuía por sete centros principais (os setes chakras) concentra-se e passa a exprimir-se por três (o cerebral direito, o cardíaco direito e o plexo cósmico); posteriormente, expandirá sua ação, pois mais dois centros, estes supraluminares, virão somar-se aos três. Os centros supraluminares ficam na aura do ser. Seu ritmo de pulsação e grau de utilização requerem um vórtice de energia apto a vibrar em frequências superiores às suportáveis pelos plexos projetados na matéria física concreta (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p. 62-63).

¹⁴ A própria organização e sistematização de verbetes em um Glossário Esotérico (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a), de mais de quinhentas páginas, remete-nos a procedimentos científicos, ao saber enciclopédico.

Já o seguinte excerto trata das naves utilizadas pelos seres cósmicos benfeitores da humanidade. Os veículos podem materializar-se, deixando-se visíveis, ou manter-se em “níveis suprafísicos”:

Quando materializadas, [as naves] criam um campo magnético-gravitacional que perdura por tempo mais ou menos prolongado e responde a leis distintas das vigentes na Terra. É preciso certo preparo e adaptação do magnetismo humano do indivíduo para ele se aproximar fisicamente desse campo. A luminosidade de uma espaçonave é gerada por um sistema de propulsão fundamentado na energia estelar. Essa energia gira vertiginosamente em torno dela e produz a ionização dos elementos atmosféricos circundantes, que se iluminam pela forte fricção. Quando a nave está parada, suas estruturas podem ser percebidas com nitidez. À medida que começa a girar e que a velocidade aumenta, a nave recobre-se de uma aura de brilho crescente, passando pela escala de cores: vermelho, amarelo, laranja, azul intenso e branco (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p. 301).

Nota-se a preocupação em fornecer explicações detalhadas, com termos científicos ou que remetem à ciência, o que, para Guerriero (2012, p. 69) trata-se de uma “mitologia de ciência [...] que não fala de mundos e personagens fabulosos, mas lida com elementos bastante concretos propiciados pela própria ciência”. Ainda assim, tal sistema convive com conceitos esotéricos ou religiosos, como chacras e reencarnação, algo frequentemente notado em religiosidades Nova Era, que argumentam sobre a necessidade de uma reintegração dos saberes científicos tradicionais com o transcendente. Com o plano espiritual interferindo diretamente no plano material, cabe à ciência incorporar a espiritualidade e até prová-la com seus métodos (CAMURÇA, 2014, p. 162).

Em nossa primeira entrevista com Trigueirinho, ainda em trabalho jornalístico, ele fazia questão de evitar classificações ou rotulações de seu grupo como uma religião ou seita. Frisava tratar-se de uma comunidade espiritual, um grupo espiritual. Da mesma forma, muitos dos seus entusiastas ou seguidores o chamam de filósofo e sua cosmologia de “filosofia”. Embora o termo “cosmologia” não seja de fato tão corrente fora do contexto acadêmico, é significativo que o discurso nativo não use, por exemplo, “ensinamentos” de Trigueirinho. Notadamente, “filosofia” é, por um lado, algo mais afeito à rejeição *new age* às religiosidades tradicionais ou institucionais; por outro, é um ramo do saber, um termo acadêmico, ou seja, mais científico e menos religioso.

Chevalier (1986, p. 206) coloca como paraciências as doutrinas ligadas ao ocultismo que buscam legitimidade pela ciência ou que reivindicam esse estado, embora geralmente sejam rejeitadas pela ciência oficial. Mesmo que o termo “paraciências” busque uma limitação objetiva, estas são diversificadas, polimórficas, englobando, por exemplo, a parapsicologia, radiestesia, bioritmo, geobiologia, geodinâmica etc. As práticas são, inclusive,

ensinadas em moldes que remetem às instituições de ensino como universidades, com diplomas e títulos (CHEVALIER, 1986, p. 215). Em resumo, “o particular e inovador deste ‘sincretismo científico-religioso’ é que, através dele, as religiões *tout court* são extraídas de seu campo privilegiado e inseridas num registro secular, mantidas e transformadas no seu sentido inicial” (CAMURÇA, 2011, p. 160).

D’Andrea (1996, p. 221) aponta a existência de uma tensão entre duas perspectivas de mundo, afinadas com a modernidade: a científica secularizante e a religiosa totalizante. Elaboraões intelectuais, vinculadas ou associadas ao que se pode considerar perspectiva científica, são associadas a racionalizações éticas. Embora os grupos relacionados às paraciências e suas teorias rejeitem a postura religiosa tradicional, existem elaborações efetivas de cosmologias totalizantes, que conferem sentido de vida aos indivíduos envolvidos. Porém, não há contradição. As perspectivas científica secularizante e religiosa totalizante são reunificadas e sintetizadas nos argumentos paracientíficos.

Faz-se importante também citar o difundido argumento de que a religiosidade é conhecedora primária das ciências, embora por outras vias interpretativas. Um dos mais conhecidos defensores dessa tese é o físico/místico Frijtof Capra, que propõe a existência de paralelos entre a Física Moderna e o misticismo oriental. Em “O Tao da física”, lançado pela primeira vez em 1975, Capra (2011, p. 19-20) disserta sobre como, ao observar as ondas na praia em uma tarde de verão, teve a epifania que o levaria às suas conclusões: o permanente bombardeio de partículas cósmicas que penetram a todo o momento a atmosfera terrestre, colidindo, destruindo-se e recriando-se, poderia ser interpretado como a dança de criação e destruição do deus hindu Shiva. A defesa do autor de uma nova era de conhecimentos, com uma tônica holística, envolve o misticismo oriental. Tudo faria parte de um “movimento evolutivo” que ilustra o ensinamento chinês que diz que “o yang, tendo atingido o seu clímax, retrocede em favor do yin”: dos movimentos contestadores das décadas de 60 e 70 surgiram as preocupações com a ecologia, a visão holística dos tratamentos de saúde e o feminismo, responsáveis por contrabalançar a ênfase dos valores masculinos e excessivamente racionais do ocidente. A compreensão da harmonia entre física moderna e misticismo oriental é apenas uma parte dessa “nova visão de realidade”, que equilibra os lados masculino e feminino da natureza humana (CAPRA, 2011, p. 23-24).

Camurça (2014, p. 163) aponta, também nesse sentido, outro autor de *best-seller*, o norte-americano Brian Weiss. Seu livro “Muitas vidas, muitos mestres” afirma concluir, pela via da ciência, a existência de vidas passadas. No prefácio de sua obra, Weiss compara a não aceitação sobre a questão por parte dos cientistas à recusa dos astrônomos quando das

descobertas das luas de Júpiter por Galileu. Assim, tem-se o argumento frequentemente acionado pelos adeptos da Nova Era: a ciência virá a tornar-se espiritualizada assim que tiver as condições necessárias de provar essa realidade ou quando deixar de lado seus preconceitos com o transcendente. Conforme diz Magnani (1999):

Não se trata, portanto, de escolher entre Tradição e Ciência: o homem da Nova Era não opta pelo irracionalismo, pois não rejeita os incontestáveis avanços científicos ou seus métodos de trabalho. Diante dessa dicotomia, fica com os dois termos, definindo-os a seu modo e hierarquizando-os, pois à ciência cabe um papel subordinado. Se a tendência é valorizar as terapias *soft*, o hemisfério direito do cérebro, o contato com o eu superior, isso se faz em nome de uma visão holística, integradora, em conformidade com leis cósmicas, já antevistas nas antigas tradições e que agora a ciência começaria a comprovar (MAGNANI, 1999, p. 86).

Encontramos em Trigueirinho a crítica com relação à incompreensão da ciência atual, ainda ortodoxa e incapaz de se atentar ao transcendente:

A Irmandade de ERKS [cidade intraterrena] responde ao Regente Solar MHAIUMA [regente do sistema solar, a entidade solar] cujo trabalho, nesta época, não está sendo compreendido pelos cientistas terrestres; estes, por se aterem aos fatos físicos que estão acontecendo no sol externo, julgam os raios solares perniciosos, quando sua atividade destruidora está na verdade eliminando os últimos obstáculos que impedem o planeta de transcender o seu atual estado de limitação (TRIGUEIRINHO NETO, 2004, p. 67).

Assim como na história de Galileu, aventada por Weiss, cientistas são colocados como defensores de uma postura rígida e materialista, incapazes da compreensão holística por transformarem a própria ciência em dogma. Além das ciências físicas e biológicas, os “novos conhecimentos” da Nova Era incorporam reflexões de enfoque relativista oriundas das ciências sociais. Disciplinas como história, antropologia e arqueologia instrumentalizam um discurso que critica e questiona o que é identificado como ortodoxia científica, tradicional em demasia, comprometida e até repressora (D’ANDREA, 1996, p. 155). A presença de continentes perdidos na cosmologia de Trigueirinho, como Atlântida e Lemúria (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p.374), compõe essa instrumentalização que busca reescrever a história; por sua vez, o mundo contemporâneo é magicamente permeado por uma “geografia oculta”, com cidades intraterrenas, redes e pontos energéticos desconhecidos pela ciência convencional, questões importantes a serem aqui elucidadas.

Segundo o autor (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p. 58-61), há sete “centros planetários”, “vórtices” espalhados pelo globo terrestre com a função de canalizar energias cósmicas, por sua vez irradiadas pelos centros intraterrenos ou intraoceânicos, onde se encontram as civilizações de seres evoluídos (cósmicos ou da Terra). Ligados aos centros

planetários e intraterrenos estão os centros espirituais: locais de preparação evolutiva para seres na superfície da Terra, ou seja, comunidades como a de Figueira.

Os centros intraterrenos e intraoceânicos controlam a “rede magnética da Terra”, à qual estão conectados. A rede é assim descrita:

A rede magnética trabalha com leis que favorecem a afinação das vibrações dos seres humanos com as dos mundos sutis. Seus componentes são centrais de processamento de energias potentes; contribuem para a estabilidade vibratória da vida planetária e para o mundo material receber os auxílios de universos paralelos. Sua atuação é imprescindível ao equilíbrio do planeta e a ela estão relacionados fatores materiais como a configuração do solo marinho, as correntes oceânicas e as vias de comunicação natural que, dispostas sob os mares, permitem às águas saírem do interior do planeta para a superfície e depois retomarem (TRIGUEIRINHO NETO, 2010a, p. 394).

Assim como falta aptidão ao homem para conceber e compreender os conhecimentos cósmicos e transcendentais, a humanidade não estaria apta a lidar com a energia altamente potente proveniente dessa rede, sendo necessária a custódia dos centros intraterrenos. Além de ser, como afirma Borges (2011, p. 214), “uma odisseia de reencantamento cósmico do planeta”, que culmina com segredos a serem desvelados na medida em que a Terra se purifica, a rede magnética chama atenção no que diz respeito à “energia”.

Conceito caro às espiritualidades *new age*, a energia pode ser tratada como “cósmica”, holisticamente permeando todos os corpos, os espíritos e a natureza. Embora permeie todas as coisas, suas formas e densidades são variáveis, dependendo de dimensões, ambiente e diferentes vibrações. A energia é, enfim, uma categoria-chave *new age* (D’ANDREA, 1996, p.158). A ação de “vórtices energéticos”, redes e centros que captam e distribuem a energia cósmica pelo mundo apresentam-se como uma espécie de mecanização de um processo transcendental, mais uma explicação enciclopédica e, em certa medida, racionalizada do funcionamento da natureza – natureza “não tão natural”, já que seres cósmicos mediam o processo.

Todo esse cuidado com fluxos de energias remete-nos a Amaral (2000, p. 45-46) quando a pesquisadora faz observações acerca de um *workshop* de *Feng Shui*. No caso, o objetivo é explorar possíveis “energias bloqueadas” na casa, criando um ambiente harmônico, onde fluem boas energias. Logo, energias “paradas” tem um valor negativo, enquanto as energias em movimento são positivamente valoradas por confrontarem holisticamente o indivíduo, auxiliando sua purificação espiritual. Nessa perspectiva, podemos comparar o mundo de Trigueirinho a uma grande casa da humanidade, onde as energias devem fluir e movimentar-se harmonicamente, ajudando no caminho da evolução. As Hierarquias são os facilitadores e especialistas da atividade de purificação do mundo e dos seres que nele vivem.

Já os seres da superfície, enquanto preparam-se para o novo mundo purificado, devem buscar também um papel ativo nesse grande *Feng Shui* enquanto evoluem: ideia fundamental para o entendimento dos grupos ligados a Trigueirinho que se reúnem fora das comunidades rurais, como veremos no próximo capítulo.

Tentamos, com esse tópico, apresentar ideias fundamentais na cosmologia de Trigueirinho que remetem às paraciências, bem como considerações teóricas acerca dessas ressignificações, comuns no movimento Nova Era. Como já comentado, o procedimento metodológico de apresentar tais ideias separadamente daquelas mais ligadas à ufologia, esoterismo ou elementos do catolicismo visa apenas a uma efetiva visualização conceitual das ideias de base do grupo, que aparecem, na prática, mescladas e até difusas.

Como já identificara Borges (2011, p. 191), embora citações científicizantes sejam frequentes entre os líderes do movimento e alguns adeptos, estas parecem ser secundárias com relação às revelações dos “planos internos”. Ao procedermos apresentando e analisando o esoterismo, que permeia os conceitos e ideias apresentados até agora, compreenderemos melhor como as ideias de Trigueirinho situam-se na nebulosa de crenças e práticas Nova Era.

2.4 ESOTERISMO E NOVA ERA

Como já comentado no início do capítulo, uma rigidez classificatória com relação à cosmologia de Trigueirinho não seria o ideal perante a nebulosidade e fluidez de limites existentes, tanto no contexto do que convencionou-se chamar Nova Era, quanto no dos novos movimentos religiosos. Cabe mais, aqui, ressaltar ideais e apropriações em consonância com tais contextos, que interagem e se cruzam nessa construção cosmológica. Se por um lado Trigueirinho apresenta uma cosmologia “fechada”, instituída e documentada em dezenas de livros, considerada por D’Andrea (1996, p. 191) dogmática e assim não condizente com processos reflexivistas que a caracterizariam como New Age, por outro, em uma observação mesmo superficial do conteúdo das obras, pode-se concluir a busca do encontro com o *self*, o eu superior.

A personalidade individual, dada pela esfera das vivências pessoais e da dimensão codificada culturalmente como categoria social, deve encontrar-se com o *self*, que extrapola o ego como dimensão sagrada, sendo o verdadeiro eu. Mais que isso, o *self* deve aprimorar-se em preparação para a Nova Era.

Aprimorar o *self*, no sentido moral, não significa tornar o “indivíduo” um ser perfeito, completo de si mesmo ou todo-poderoso, mas prepará-lo para tornar-se receptível àquele

movimento oscilatório do espírito, capaz de torná-lo a dimensão individual aprimorada do ser: a entidade capaz de estabelecer a mediação (ou a comunicação) entre a realidade imediata do ego e a realidade mais vasta da “vida” (AMARAL, 2000, p. 144).

Em seu “batismo” no Vale de Erks, quando ajudado pelas Hierarquias e suas naves, Trigueirinho passa pela “transmutação monádica”: seu “Ser Interno” se modifica, obtendo uma nova consciência (TRIGUEIRINHO NETTO, 2008, p. 12-13). Embora o processo seja explicado em termos nativos com o mesmo rigor paracientífico e esotérico de outros elementos anteriormente comentados, é nítido como o evento representa um grande encontro com o *self*. O autor deixa claro que em nenhum momento houve alterações conscientes, ou seja, a “transmutação” é algo interno, sagrado, superior, distinto do ego. Ele tornara-se um “Iniciado”, um

indivíduo que, por meio de expansões de consciência internas, toma conhecimento das leis superiores da existência e consegue expressá-las na vida externa. As Iniciações são vividas de acordo com o ritmo de conjunturas grupais e cósmicas e também com o do próprio indivíduo. [...] Todo o processo começa quando o indivíduo se volta para a vida interior e para o bem universal, a partir daí qualquer avanço é sempre mais significativo que os retrocessos. Depois de várias Iniciações, ele chega ao grau de Hierarquia. A opção por seguir o caminho iniciático é íntima, firmada entre o indivíduo e o cosmos (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p. 214).

Existem, para Trigueirinho, diversas iniciações, mudanças de etapa evolutivas no caminho para que o ser humano torne-se Hierarquia e galgue cada vez mais degraus em uma escalada cósmica. Aqui, o uso dos termos “iniciação” e “iniciado” é significativo por fazer referência ao esoterismo e a sociedades iniciáticas. Estas últimas, segundo definição de Magnani (2000, p. 29-30) seriam anteriores à “onda Nova Era”. Possuidoras de níveis de iniciação codificados e corpos rituais próprios, apresentam sistema doutrinário baseado em princípios filosófico-religiosos definidos e graus de hierarquia interna. Na cosmologia de Trigueirinho a iniciação adquire um caráter reflexivo, pessoal, “entre o indivíduo e o cosmos”. Trata-se de uma forma de entendimento da iniciação mais afeita às características da busca individual da Nova Era, que alia o discurso do autodesenvolvimento à curiosidade pelo oculto dos movimentos esotéricos do século XIX (AMARAL, 2000, p. 16).

Esta última influência é assumida por Trigueirinho, que cita frequentemente em suas obras Helena P. Blavatsky, fundadora da Sociedade Teosófica, e Alice Bailey, que fundou sua própria escola teosófica após a morte de Blavatsky. Em sua interpretação, a tarefa de Blavatsky foi apresentar à humanidade uma base dos saberes ocultos, iniciando um “processo de unidade mental entre os homens da superfície da Terra” (TRIGUEIRINHO NETTO, 2005,

p.14). Esse processo teria iniciado uma nova fase da humanidade, na qual haveria maior contato com as Hierarquias.

Predecessora influente da Nova Era, a Teosofia e seus líderes buscavam revelar “novas verdades” em acordo com as leis da natureza e sintetizar – ou buscar a essência comum – de todas as religiões. É herdeira direta das ideias de Anton Mesmer (1734-1815) e de Swedenborg (1688-1772). O primeiro é o responsável pela “teoria do fluido invisível”, um “fluido magnético” que permearia todos os seres, tanto na Terra como nos céus, rompendo com a ideia de distância entre matéria e espírito. Já Swedenborg é o precursor do Channeling: ao supostamente fazer viagens místicas por céu e inferno, onde se comunicara com espíritos, teria obtido revelações sobre leis universais e a vida após a morte, sendo assim também inspirador do Espiritismo do século XIX. Esse modelo de universo em harmonia, onde as fronteiras entre o material e não-material – ou espiritual – tornam-se fluidas, criou uma lógica sistêmica de “unidade”, na qual tudo estaria interligado e funcionando dependente de relações mútuas (AMARAL, 2000, p. 62-64).

A proposição de um “novo holismo” e da fusão entre ciência e espiritualidade surgiria, após Blavatsky, com Alice Bailey, na publicação *Education in the New Age*, de 1949. Bailey critica a sociedade, considerando-a materialista e belicosa, expondo sua interpretação sobre a “Era de Aquário”, uma era de maior espiritualidade e desenvolvimento tecnológico, em contraponto ao emocionalismo, institucionalidade religiosa e carisma político regentes da era anterior, de Peixes¹⁵. Daí deriva o termo “Nova Era”, e assim temos a Teosofia e seus grupos dissidentes como atores importantes na ligação entre o Espiritualismo do século XIX e os movimentos de contracultura da década de 60 (D’ANDREA, 1996, p. 166).

No Brasil, segundo José Jorge de Carvalho (1994, p. 74-75), a Teosofia teria importante papel na formação da efervescência religiosa contemporânea, ao trazer para o país no início do século XX tradições esotéricas que passaram a influenciar o campo religioso brasileiro.

Elas ampliaram a nossa cultura religiosa, ajudando a difundir, no nosso meio, o mundo das religiões orientais, muito particularmente a tradição hinduísta, considerada pela maioria dos grupos esotéricos (principalmente pelos teósofos) como a mais profunda raiz religiosa da humanidade. Assim, vemos que, já no princípio do século, um certo diálogo e uma certa leitura das tradições religiosas orientais começam também a ser veiculadas no Brasil (CARVALHO, 1994, p. 75).

¹⁵ A Era de Aquário é relacionada à precessão da Terra: o movimento semigiratório do eixo do planeta que dura cerca de 25.800 anos, considerado o “grande ano astrológico”. Cada “era” desse ciclo, de cerca de 2.150 anos, corresponde a um signo do zodíaco. Estaríamos, segundo a astrologia, na transição da Era de Peixes para a de Aquário (D’ANDREA, 1996, P. 166).

A herança da busca pela verdade, ou pelas “novas verdades”, bem como por uma síntese de ensinamentos religiosos, descobertas científicas e conscientização ecológica, pode ser notada em grupos e cosmologias como a de Trigueirinho, no contexto dos novos movimentos religiosos e espiritualidades Nova Era. Segundo Archanjo (2006, p. 11), grupos classificados como esotéricos apresentam intenso grau de autorreferência, considerando suas interpretações de acontecimentos míticos e históricos como as mais completas e verdadeiras – processo que pode até conduzi-los ao isolamento com relação a outros grupos, ideias e saberes. Embora no caso em estudo neste trabalho encontremos sistemas de interpretação específicos e autorreferentes, são notáveis seus arranjos que dialogam com inúmeras correntes e religiosidades, inclusive das religiões tradicionais, como veremos adiante. Tem-se mais uma busca por essência e síntese, como nos primeiros passos da Teosofia, e menos um isolamento ou posturas de recusa a outros ideários. Não por acaso, a pesquisa de Borges (2011, p. 182) conclui que Trigueirinho coloca-se como a expansão dos ensinamentos de Blavastky e Bailey. A cosmologia de Trigueirinho parece estar em constante construção, evocada como um processo evolutivo também de ideias, algo concernente à lógica evolutiva que perpassa não só o grupo como o ideário *new age* em geral.

Cabe também ressaltar a roupagem cósmica e esotérica que Jesus adquire na nebulosa da Nova Era. Sua figura é expropriada do cristianismo tradicional e relida em uma chave holística. Onde Deus “está em tudo” e é mais “energia” que um ente personalizado, Jesus torna-se um entre muitos mestres e não o Filho de Deus. O “Cristo Cósmico”, em algumas leituras, é também energia que emana do cosmos, distinto do homem Jesus, porém permeando-o assim como a outros mestres, como Buda e Krishna. Na análise teológica de Libânio (1998, p. 11), a figura de Cristo passa por um processo radical de espiritualização, com desaparecimento da encarnação redentora. O Evangelho de Jesus é então substituído pelo gnóstico “evangelho de Aquário”, onde o Reino de Deus está no interior dos homens e não depende da ação salvífica de Cristo, mas sim do conhecimento do homem.

Camurça (2014, p. 153-154) aponta a perspectiva de autores cristãos de um esvaziamento do caráter histórico de Jesus e do cristianismo. A generalização cósmica, que não se ancora histórica, social e culturalmente, reduz as diversas religiões a um conjunto ficcionista de revelações. Segundo esses autores resenhados por Camurça, o “histórico” e a tradição¹⁶ estariam associados à verdade, enquanto as reinterpretações Nova Era de textos e

¹⁶ Tradição aqui entendida de acordo com Hervieu-Leger (1993), para quem o conceito é central e constitutivo das religiões (CAMURÇA, 2014, p.153).

símbolos seriam mera descontextualização da realidade do fenômeno religioso ao se contraporem à singularidade da figura de Cristo.

Por fim, neste tópico, resta-nos apresentar a visão de Trigueirinho sobre Jesus, que se coaduna fortemente com toda essa representação Nova Era do “Cristo Cósmico”. No livro “O Mistério da Cruz na atual Transição Planetária”, editado pela primeira vez em 1992, Trigueirinho (2005) apresenta Jesus Cristo como duas entidades distintas: Jesus e Cristo. O primeiro, “ser-Jesus”, seria um mestre permeado pela energia da “Entidade-Cristo” durante o período de três anos relatado na Bíblia, do batismo no Rio Jordão ao Calvário. A simbiose entre os dois entes teria por objetivo suas iniciações, ou seja, o cumprimento de etapas evolutivas. No momento da crucificação, o ser-Jesus alcançara a “Quarta Iniciação”, enquanto a Entidade-Cristo alcançara a “Sexta Iniciação” (TRIGUEIRINHO NETTO, 2005, p.63). Concomitantemente, esse momento de avanço na evolução das duas entidades teria preparado o planeta para a Nova Era: enquanto os seres se iniciavam em altos graus, modificavam as energias da Terra. A paixão de Cristo tem um significado de o que poderíamos chamar de “redenção energética”, como de costume explicitada com o auxílio do léxico técnico-científico, ao descrever-se uma espécie de contaminação da matéria no nível atômico pela energia de Cristo:

A renúncia realizada por Cristo-Jesus, no horto de Getsêmani, não dizia respeito a uma Iniciação comum: o que se passou naquela ocasião abrangeu não apenas uma Consciência individual, mas toda a Hierarquia planetária. Por esse meio ficou selado o compromisso silencioso e invisível de redenção na vida material da superfície da Terra. [...] Assim, a condução da matéria à renúncia, levando-a a render-se à vontade do Espírito, teve o seu princípio ativado de maneira especial por uma consciência cósmica, o Cristo, que imprimiu sua energia no íntimo de cada átomo físico numa voltagem até então desconhecida, e introduziu na vida terrestre de superfície a possibilidade de um dia ser receptáculo adequado para a chama divina (TRIGUEIRINHO NETTO, 2005, p. 91).

Os evangelhos conteriam também símbolos ocultos que representam o momento de transição do planeta rumo à Nova Era. São exemplificadas sete etapas da vida de Jesus que corresponderiam à transição planetária. Apresentaremos apenas algumas, no intento de demonstrar a ressignificação.

A primeira etapa citada é a traição de Judas que culmina na prisão de Jesus. Para Trigueirinho (2005, p. 28-31), a passagem simboliza a traição da humanidade que preferiu, em sua maioria, se entregar à vida material, traindo um propósito divino de vida. O homem ficara assim iludido, levando a vida planetária ao atual estado alarmante. Outra etapa seria a fuga dos discípulos do horto, enquanto Jesus era levado pelos soldados, que representa a dificuldade de seguir uma vida espiritualizada frente a desafios e intempéries. Por sua vez, a

entrega de Jesus aos sacerdotes oficiais simboliza como as religiões tradicionais e instituições oficiais foram deturpadas de seus propósitos iniciais. Assim, sequências de acontecimentos da vida de Jesus são mobilizadas em reinterpretações; sua “verdade oculta” demonstra o decaimento do mundo e perspectivas de mudança nos novos tempos – mesmo que a chegarem mais de dois mil anos depois.

3 SEGUNDA FASE: A SOMBRA DO CATOLICISMO

Como já mencionado na introdução do trabalho, o primeiro contato com a Comunidade Figueira e Trigueirinho se deu por motivo de uma reportagem sobre a aparição de Nossa Senhora no local. Nessa ocasião foi possível entrevistar Trigueirinho e Madre Shimani, da Ordem Graça Misericórdia, que será apresentada na sequência, além de Frei Elias, vidente que diz entrar em contato com Maria. Embora o foco da reportagem fosse a aparição, com o trabalho técnico jornalístico – texto, edição de imagens e entrevistas – ficando a cargo de recortar apenas o referente ao fato, as conversas anteriores e posteriores à entrevista, em *off*, como se diz no jargão jornalístico, possibilitou-me conhecer um pouco sobre a comunidade e a cosmologia sobre a qual se apoiava. Antes das aparições que a expuseram na mídia, houve um percurso que não contava, ao menos com tanto protagonismo, com figuras conhecidas do imaginário cristão e suas instituições tradicionais, como Nossa Senhora, madres e freis.

Sobre esse primeiro contato, embrião dessa pesquisa, vale ressaltar interessantes questões teóricas levantadas por Silva (2013) acerca do trabalho do jornalista como etnografia. A autora faz uma analogia entre a descrição densa de Geertz e a narrativa jornalística da reportagem. Esta última, por ser um trabalho maior e mais elaborado, com um tratamento de texto mais criativo – difere da notícia, que simplesmente noticia, “conta” algum fato –, busca captar a realidade observada sob diversas perspectivas: as semelhanças entre jornalista e etnógrafo encontram-se, principalmente, na questão da observação:

Essa é a tarefa do jornalista: interpretar os relatos de seus informantes e criar uma narrativa a partir deles de modo a aproximar mundos. Tal aproximação de mundos é, aliás, um exercício do qual também se valem os etnógrafos. A partir da fusão de horizontes – seu e do grupo ou do indivíduo analisado – eles se situam entre o estranho. Esse processo, contudo, não requer abandono do próprio mundo do etnógrafo, mas implica na penetração do horizonte do outro. No caso do repórter, a imparcialidade preconizada do relato jornalístico é desmitificada, pois enquanto sujeito dotado de emoções e sentimentos, ao adentrar o universo do outro, ele se modifica ao mesmo tempo em que modifica o outro. Nesse sentido, a pesquisa etnográfica, assim como a reportagem, pode ser tomada enquanto experiência pessoal (SILVA, 2013, p. 43-44).

O olhar e a escuta, caros a jornalistas e etnógrafos, levaram-nos na ocasião a perceber elementos além do objetivo de simples relato noticioso da aparição. Assim, o processo de produção da reportagem, em 2011, tornou-se não só a inspiração deste trabalho, mas forneceu informações que serão de grande ajuda em algumas descrições. Passemos agora ao que consideramos uma “segunda fase” da cosmologia de Trigueirinho, com a incorporação de elementos mais alinhados ao catolicismo.

3.1 A ORDEM GRAÇA MISERICÓRDIA

Para entender a criação da Ordem Graça Misericórdia, que está diretamente relacionada às aparições de Nossa Senhora, é preciso apresentar brevemente a biografia dos dois principais videntes: Madre Shimani e Frei Elias, ambos entrevistados na reportagem já mencionada.

Segundo conta no *site* Divina Madre, plataforma oficial na internet sobre as aparições de Nossa Senhora, a uruguaia Madre Shimani, ainda criança, ouvia interiormente a voz de Cristo, que lhe dizia que trabalhariam “juntos para Deus”. Em 1996, durante uma viagem ao lago Titicaca, na Bolívia, teve sua primeira visão enquanto meditava em uma montanha. Apresentaram-se Nossa Senhora e o Arcanjo Miguel:

Estava com os olhos fechados e diante de mim se manifestava uma luz muito branca. Abri os olhos e vi que a montanha que estava diante de mim foi dividida por um caminho que a rodeava e por ele se aproximava um ser feminino. Esse Ser vinha todo vestido de branco. Não era muito alto e levava um véu na cabeça. Parecia bem jovem, com dezesseis ou dezessete anos. Por trás desse Ser começou a se manifestar um gigantesco anjo que me deixou muito impressionada, porque era dez vezes maior que o Ser feminino. Ele trazia uma grande espada, em sua mão direita, que resplandecia de energia branca. Suas asas eram enormes e se moviam. Esse movimento gerava muita luz que se expandia por toda a montanha e chegava até o lago. Instantaneamente, chegou à minha consciência Sua voz que ressoou como um trovão dentro de mim: “Sou o Arcanjo Miguel!”. Logo escutei com muita clareza a voz suave do Ser feminino que me disse: “Filha, sou tua Mãe, a Bem-aventurada Virgem Maria. Hoje começa para ti uma nova etapa. Trabalharás Comigo no plano de resgate das almas deste mundo. Entrego-Te Minha espada. Tens toda permissão para usá-la contra a injustiça e a impunidade”. Naquele momento, desprende-se uma réplica da espada que o Arcanjo Miguel tinha na Mão e, enquanto se deslocava até mim, fazia-se cada vez menor. Ao chegar bem próximo, não media mais de dez centímetros e, com um movimento bem suave, incrustou-se em meu peito. Senti uma forte dor e muito calor. Como se algo tivesse se fundido em meu coração. [...] Desci a montanha, eram por volta de dez e trinta da manhã. À tarde, decidi voltar. Por volta das dezesseis horas, estava novamente meditando, dessa vez, olhando para o lago, já que o sol queria descer sobre ele. Parecia que o tempo tinha parado e que não existia nada além desse lugar. Minha consciência sentia muita paz. [...] Pouco tempo depois, enquanto seguia orando, de forma inesperada, senti muita vontade de chorar, porém não de tristeza, mas uma emoção profunda invadiu todo meu ser. Com o rosto de frente para o sol e os olhos fechados, comecei a ver um grande resplendor. Pensei que a luz do sol estava tão forte que produzira esse resplendor. Então, abri os olhos. Porém, o sol já estava menos intenso, pela hora, e pude ver que, a partir dele, uma figura vinha caminhando em minha direção. Parecia uma figura masculina com uma túnica clara que ia até os pés. À medida que se aproximava, distingui claramente que era uma figura igual a que conhecemos como o Cristo Misericordioso. Ao reconhecê-Lo, a emoção deu lugar a uma paz que nunca havia sentido até aquele momento. Ele trazia Seu braço direito estendido e, entre o dedo indicador e o polegar, sustentava algo que brilhava intensamente. Nesse momento, sentia que deveria manter meus olhos bem abertos e permanecer na paz que sentia. Ele foi se aproximando cada vez mais, em total silêncio, com o braço estendido e o objeto brilhante entre os dedos. Ao se aproximar o suficiente, vi com total clareza que se tratava de um cristal de uns dez centímetros. Não tinha ideia do que ia se passar, porém valentemente me mantive com o olhar fixo e toda minha consciência atenta. Minha mente estava em silêncio. Só sentia dentro de mim que estava defronte de meu Senhor e que nada deveria perturbar esse momento. Ele se aproximou com muita determinação e atravessou meu rosto com Sua mão,

e colocou o cristal no centro de minha cabeça. Um grande resplendor cobriu minha consciência e minha cabeça fez um movimento para trás que me fez fechar os olhos.¹⁷

Depois dessa experiência, Nossa Senhora teria entrado em contato com a Madre Shimani outras vezes até avisar, em 2006, que tarefas estariam para começar. Foi quando a madre conheceu Frei Elias¹⁸. O segundo vidente conta que começou a ter visões de Maria ainda criança, no pátio de sua casa, no Uruguai:

Retornava após passar um tempo brincando com os amigos do bairro. Ao ingressar no pátio, algo interior me deteve defronte dessa árvore. Ali, com claridade, como se os olhos se abrissem mais além do físico, vi uma Senhora vestida com uma túnica e um manto brancos. Ela pousava Seus pés sobre a árvore de uma forma delicada, tinha Suas mãos em posição de oração, e levava entre elas um rosário, Seu rosto era suave, brilhante, tinha um leve sorriso em Seu rosto e transmitia paz por meio de um silêncio profundo. [...] A Virgem Maria se apresentou de novo, somente na adolescência, quando fazia parte de um grupo que orava o Santo Rosário, um grupo consagrado a Nossa Senhora do Santíssimo Rosário de Fátima. [...] Durante os encontros de oração semanais que eu tinha com esse grupo, a Senhora aparecia enquanto todo o grupo contemplava os mistérios do Santo Rosário. Assim essas aparições silenciosas foram se dando. Aconteciam dentro da sala onde o grupo se reunia para orar. A Virgem, ao aparecer, tinha um aspecto muito similar a Nossa Senhora de Fátima. Quando aparecia por alguns minutos, estava sempre passando as contas do rosário o qual sustinha com Suas mãos. [...] Depois de me formar nos estudos básicos e de iniciar uma vida de colaboração mais consciente no seio familiar, comecei a buscar uma resposta mais real sobre o processo das Aparições da Virgem: por que isso acontecia comigo? Com que fim? Já podia compreender que era somente Eu que A via e queria compreender para que. Recordo que, por meio de outra irmã espiritual de caminho, fui conduzido a me encontrar com um mestre interior: Madre Shimani. [...] A partir desse momento, inicia-se a tarefa que Maria, a Mãe Divina (modo como Cristo Jesus A chama, em vários momentos de nossos encontros). [...] Na primeira vez que a madre Shimani me atendeu pessoalmente a Mãe Divina apareceu e falou pela primeira vez. A madre Shimani me pediu que levasse sempre comigo um caderno e um lápis para escrever tudo que escutava, via, e as circunstâncias sobre as quais essa manifestação se desenvolvia. Foi assim que, a cada vez que nos juntávamos e orávamos, a Mãe Divina se apresentava e nos dava instruções precisas do que deveríamos fazer. Assim tudo começou. A partir desse momento, a companhia de Maria, a Mãe Divina, começou a ser mais frequente em nossas vidas. Logo já não éramos só nós dois, mas um pequeno grupo de trabalho que madre Shimani instruiu, e que começou a participar das aparições que, até esse momento, eram muito reservadas. A oração começou a tomar uma importância vital em nossas vidas e se tornou a base para esse trabalho que realizávamos. Maria me instruiu que eu deveria ir a um lugar no Uruguai, no Estado de Paysandú, conhecido como Aurora. Madre Shimani já trabalhava lá havia vários anos, um lugar especial onde eram realizados intensos trabalhos de oração na Gruta de Padre Pio.¹⁹

A gruta de Padre Pio é uma capela rústica dedicada a São Pio de Pietrelcina, padre franciscano que possuía os estigmas de Cristo e foi canonizado pelo Papa João Paulo II em

¹⁷ Disponível em <<http://www.divinamadre.org/pt-br/historia-del-encuentro-de-madre-shimani-con-la-virgen-maria-y-cristo-jesus>> Acesso em 29 jun. 2015.

¹⁸ Nessa época, Shimani e Elias ainda não eram madre e frei, já que a Ordem Graça Misericórdia não havia sido fundada. “Shimani” e “Elias” são nomes adotados na ocasião da entrada na Ordem.

¹⁹ Disponível em <<http://www.divinamadre.org/pt-br/historia-de-las-apariciones-de-la-virgen-maria-y-cristo-jesus-para-el-vidente-fray-elias>> Acesso em 30 jun. 2015.

2002. Segundo informações disponibilizadas no *site*²⁰ de um jornal de Salto, no Uruguai, a gruta teria sido construída na estância rural de La Aurora por seus proprietários há muitas décadas. A ligação entre Padre Pio e a cidade estaria relacionada à sua amizade com Monsenhor Damiani, Vigário Geral da Diocese de Salto, a quem teria conhecido na Itália nos anos 30 e posteriormente mantido correspondência. A crença local, ainda de acordo com o jornal²¹, é de que Padre Pio esteve presente em Salto no leito de morte de Monsenhor Damiani, em um fenômeno de bilocação.

Ainda de acordo com o *site*²², conta-se na cidade que em 1976 teriam sido avistados OVNI's nas redondezas da gruta de Padre Pio, fato contado por muitos moradores da localidade. Desde então, a gruta teria se tornado um destino turístico alternativo, o que pode ser observado pelos comentários de usuários em *sites* sobre turismo, onde relatam tratar-se de um “lugar místico”, “de paz” e “peregrinação”²³. As buscas na internet revelam até uma gravação de um suposto OVNI sobrevoando o local em 2012. Na descrição do vídeo, conta-se que o fenômeno teria ocorrido após uma peregrinação com a imagem de Nossa Senhora à gruta, quando os “irmãos maiores” se fizeram presentes²⁴. Mais uma vez, o cristianismo católico mescla-se ao cósmico ou intergaláctico.

O que Frei Elias contou-me na ocasião da entrevista para a reportagem sobre a vinda de seu grupo à Comunidade Figueira consta também na página biográfica na internet. Foi Nossa Senhora quem teria pedido para que entrassem em contato com Trigueirinho e a Comunidade Figueira, o que foi prontamente atendido. O grupo uruguaio viveu na comunidade durante o ano de 2008, onde Maria passou também a fazer aparições junto com outros “Mestres”, santos católicos. Além de instruir o grupo agora formado tanto por uruguaios quanto por representantes de Figueira a voltarem a Aurora, onde deveriam construir um “Centro de Cura e Oração”, hoje um “Centro Mariano” chamado “Casa Redención”, Nossa Senhora indicou a formação da Ordem Graça Misericórdia:

Durante o período que estivemos vivendo em Figueira, a Mãe Divina e outros Mestres que a acompanhavam, durante as aparições, como São Francisco de Assis e Santa Clara, São Pio de Pietrelcina e Santa Teresa de Jesus, pediu-nos que déssemos mais um passo, em nosso processo de consagração ao Plano de Deus para a Terra, e, sob as rigorosas pautas

²⁰ Disponível em <<http://www.diarioelpueblo.com.uy/>>. Acesso em 7 jan. 2016.

²¹ Disponível em <<http://www.diarioelpueblo.com.uy/destacados/las-huellas-del-padre-pio-de-pietrelcina-en-salto.html>>. Acesso em 7 jan. 2016.

²² Disponível em <<http://www.diarioelpueblo.com.uy/informe/4la-gruta-del-padre-pio-en-la-estancia-la-aurora-ha-generado-a-juicio-de-los-responsables-del-lugar-y-de-la-iglesia-catolica-una-distorsion-de-su-origen-%C2%BF1a-gruta-de-los-milagros.html>>. Acesso em 7 jan. 2016.

²³ Disponível em <https://www.tripadvisor.es/Attraction_Review-g661498-d3973338-Reviews-Gruta_del_Padre_Pio-Salto_Salto_Department.html>. Acesso em 7 jan. 2016.

²⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qogTGWdcB-4>>. Acesso em 7 jan. 2016.

transmitidas por Eles, iniciássemos uma vida monástica. Ali, recebemos as primeiras indicações para a formação de uma Ordem Monástica Ecumênica que seria a base do trabalho com Nosso Senhor, Cristo Jesus, e com a Bem-aventurada Virgem Maria. Todo o grupo de oração que fazia parte das aparições foi convidado pela Mãe Divina a ingressar na Ordem que a Hierarquia nomeou Ordem Graça Misericórdia. Ingressamos na Ordem dezesseis irmãos e irmãs. Hoje, após quatro anos, a Ordem conta com mais de cem consagrados, manifestando monastérios no Brasil, Uruguai e Argentina.²⁵

Assim, Trigueirinho e a Comunidade Figueira uniram-se aos religiosos uruguaios, formalizando a Ordem Graça Misericórdia em 2009, uma “unificação de tarefas do Plano Evolutivo”²⁶. Os princípios norteadores da Ordem, divulgados em seu *site* oficial, já são uma pista de como ela une ideias afeitas tanto ao catolicismo quanto à Nova Era; não por acaso, é caracterizada como “ordem ecumênica”:

Somos uma Ordem de caráter filosófico-religioso e ecumênico, que propõe um viver monástico por meio da vida consagrada. Temos como busca prioritária a união com a Consciência Única, ou Deus, dentro e fora de cada ser. É, antes, um modo de vida: fraterno, comunitário, consagrado à paz, à oração, ao bem, ao serviço abnegado e à elevação de todos os seres. Assim, por meio da oração e do serviço abnegado, a Ordem busca ofertar-se incondicionalmente como instrumento da Obra Divina, em comunhão fraterna com todos os seres de todos os Reinos da Natureza.²⁷

Nota-se a perspectiva monista de Deus, uma consciência única “dentro e fora de cada ser” e a “comunhão com seres de todos os Reinos da Natureza”, elementos mais ligados à espiritualidade *new age*. Ainda assim, a Ordem possui monges – madres e freis – que utilizam hábitos similares aos de religiosos católicos, cujo percurso da vida religiosa é dividido em “Graus de Consagração”. Ao entrar na ordem, o interessado torna-se “Consagrado Devoto” e faz votos de Castidade, Obediência, Serviço, Entrega e Fraternidade e “tem como tarefa sustentar interiormente a manifestação da Ordem, por meio da oração, da adoração ao Sagrado Coração de Jesus, da contemplação e da caridade, prestando serviço tanto nos monastérios quanto nas Comunidades a eles coligadas.”²⁸ Em seguida passa pelos graus de Vocacionado, Aspirante e enfim Monge, quando faz sete votos: Castidade, Obediência, Serviço, Humildade, Austeridade, Silêncio e Desapego. Há dois graus acima de Monge: Monge com Votos Eternos e depois com Confirmação dos Votos Eternos, quando o monge

²⁵ Idem.

²⁶ Disponível em <http://www.ogmisericordia.org/quem_somos/fundacao.html>. Site da Ordem Graça Misericórdia. Acesso em 1 jul. 2015.

²⁷ Disponível em <http://www.ogmisericordia.org/quem_somos/principios.html>. Site da Ordem Graça Misericórdia. Acesso em 1 jul. 2015.

²⁸ Disponível em <http://www.ogmisericordia.org/vida_monastica/graus_consagracao.html> Site da Ordem Graça Misericórdia. Acesso em 1 jul. 2015.

torna-se “apto a entregar mais integralmente o seu ser à vida monástica, ofertando-se como canal permanente para que a *energia crística* se expresse no planeta” (grifo nosso)²⁹.

A Ordem também possui suas cerimônias e uma série de exercícios espirituais³⁰, descritos também no *site* oficial³¹. Alguns ritos remetem, inclusive com nomes similares, a ritos católicos, como Adoração, Comunhão e Lava-pés, mas ainda assim, passam por ressignificações.

Tomemos como exemplo a breve descrição da Comunhão:

Consiste na partilha simples, humilde e devota do pão e da água, consagrados pelo Espírito Crístico que flui sobre o grupo por meio da oração e da invocação do universo celestial – anjos, arcanjos e falanges celestiais – da Graça e da Misericórdia do Cristo, da Sua Presença entre nós. Após o ato sincero de confissão e contrição, os consagrados entregam-se à união interna honesta e sincera com Cristo Vivo, Oficiante único dessa sagrada cerimônia.³²

Tradicionalmente no catolicismo, o pão – a hóstia – é consagrado e passa por um processo de “transubstanciação”, tornando-se o “Corpo de Cristo”. Não é considerado uma representação, mas sim a própria carne de Jesus: é o “mistério da fé”. Já no caso descrito, mais uma vez Cristo é ressignificado como energia, não como figura histórica e muito menos filho de Deus, que flui a impregnar os que participam da partilha.

O “Espírito Crístico”, ou seja, o Cristo energia, permeia o grupo com ajuda dos seres celestes: anjos, arcanjos e falanges celestiais. Em um olhar menos atento, pode-se pensar tratar-se de ideias conflituosas com a cosmologia de Trigueirinho, apresentada no início do capítulo. A salvação não viria dos seres do espaço, com suas naves e intervenções? Na verdade, anjos e arcanjos, assim como Nossa Senhora, seres de outros planetas ou que vivem no interior da Terra são todos parte da Hierarquia, embora de diferentes instâncias. São “de diversos reinos, como o espiritual, o divino, o dévico e o angélico, entre outros. [...] Uma Hierarquia é mais que um ente individualizado: representa linha de luz que engloba miríades de consciências em distintos patamares” (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p.184).

²⁹ Idem.

³⁰ Disponível em <http://www.ogmisericordia.org/vida_monastica/cerimonias_exerc_espirituais.html>. *Site* da Ordem Graça Misericórdia. Acesso em 2 jul. 2015.

³¹ Embora esses ritos sejam voltados apenas para monges e monjas, são descritos no *site* oficial da Ordem. É significativo que todas essas informações estejam disponíveis na internet: tanto na questão da cosmologia de Trigueirinho, passando pela Ordem e aparições, observa-se forte divulgação por meio virtual. Mais que isso, a internet funciona como arquivo de orações e mesmo atuando como facilitadora de uma comunidade em rede, o que será discutido no próximo capítulo.

³² Disponível em <http://www.ogmisericordia.org/vida_monastica/cerimonias_exerc_espirituais.html>. *Site* da Ordem Graça Misericórdia. Acesso em 2 jul. 2015.

Camurça (2014, p. 126), aponta um princípio fundamentado no Místico, de que “o espírito é o interior de todas as coisas”, como um aspecto recorrente na religiosidade difusa da Nova Era. Segundo essa percepção,

A realidade em que vivemos é um mundo de aparências e ilusões, onde existe uma dimensão espiritual anterior e interior que atravessa todas as manifestações da existência. Todas as dimensões da realidade são animadas por essa força sagrada difusa e onipresente, que pode ser chamada de Prana, Og, Taichi ou Tao. Força espiritual que habita tanto elementos inanimados quanto seres vivos. Daí porque a diversidade de vários seres mágicos no “panteão” *new age*: sejam eles anjos, fadas, gnomos, espíritos da natureza: água, sol, vento, floresta; sejam eles seres mais perfeitos, como os *avatares*, como Cristo, Buda ou Krishna, mas todos vistos como manifestação e expressão mais condensada do Divino que existe em nós e no Cosmos (CAMURÇA, 2014, p. 126).

No nosso caso estudado, todo o panteão ocupa seu posto como Hierarquia. Ainda assim, após a fusão com o grupo uruguaio e o advento das aparições de Nossa Senhora, esta passa a desempenhar um papel de protagonismo. É Maria quem, nas aparições, pede a criação da Ordem e norteia inúmeras outras atividades da comunidade e dos entusiastas de Trigueirinho, conforme veremos a seguir. A classificação desse momento como uma segunda fase na cosmologia do líder, entretanto, diz respeito mais à nova roupagem catolicizada e menos ao conteúdo doutrinário, que sob um olhar mais atento, reafirma, por vezes, o caráter cósmico. Apresentada a Ordem, passemos a discutir as aparições, sua doutrina e tensões entre cósmico e cristão no contexto da Nova Era.

3.2 AS APARIÇÕES

Para dar conta da questão das aparições, tanto em seu conteúdo e discurso nativo quanto na discussão teórica daí advinda, optou-se por dividir esse subcapítulo em três partes. Primeiramente, será feito um breve histórico sobre aparições marianas, a partir da perspectiva de diversos autores. Em um segundo momento, pretende-se mostrar como a Nossa Senhora das aparições ligadas à Ordem Graça Misericórdia e Trigueirinho se apresenta: com a hibridação entre uma roupagem tradicionalista e o diálogo com as novas tecnologias. Por fim, será tratado mais do conteúdo das aparições e como este reafirma a cosmologia do que classificou-se como primeira fase cosmológica, explicitando como o cósmico aciona o cristão para se justificar e reafirmar.

3.2.1 Breve histórico e questões teóricas sobre aparições de Nossa Senhora

Steil (2003) destaca elementos que são recorrentes nas aparições marianas em diferentes períodos históricos. As aparições, em geral, inserem-se cultural e socialmente; as experiências de devotos, videntes e mensageiros situam-se em meio a crises sociais e políticas, o que descartaria uma possível alienação como fator classificatório. Busca-se, por outro lado, soluções no transcendente.

A disseminação das aparições de Nossa Senhora no mundo Cristão inicia após o Concílio de Éfeso (431), onde Maria fora proclamada *theotokos*. O termo, que literalmente significa “aquela que carrega Deus”, é atualmente mais traduzido como “Mãe de Deus”. O culto mariano cresce a partir do século quinto e atinge seu ápice nos séculos e XI e XII. Durante a Idade Média, torna-se recorrente o contato de Maria com proeminentes figuras da Igreja Católica e da sociedade, às quais se apresenta como advogada do povo junto a um Deus implacável, sempre pronto a punir a população. Além desse papel mediador, era comum nas mensagens das aparições medievais a indicação, por Maria, de locais para a construção de santuários marianos, geralmente por meio de sinais naturais: os santuários deveriam ser construídos onde havia uma pedra, uma árvore, um rio etc. (STEIL, 2003, p. 24-25).

A partir do século XVI, na Europa e na América Ibérica, as manifestações marianas passam a se dar com a descoberta de imagens junto à natureza, longe dos centros urbanos. As características tanto dessas descobertas quanto das aparições possuem também certos padrões, mas acrescentam-se elementos aos já existentes no período anterior. Os videntes passam a ser, com mais frequência, pessoas de pouco conhecimento religioso formal e inferiores na estrutura social, como o índio mexicano da aparição de Nossa Senhora de Guadalupe ou os pescadores que retiraram a imagem de Nossa Senhora Aparecida das águas do Rio Paraíba, no Brasil. Maria continua com sua posição de intermediária entre o povo e Deus, mas estabelece diálogo com grupos de pessoas, e não apenas com os videntes (STEIL, 2003, p. 26). Estes elementos possuem caráter de reação ao domínio eclesiástico:

as aparições das imagens nesse período significaram uma reação popular ao controle e domínio eclesiásticos, exercido através do culto centrado nas relíquias. Ao controlar as relíquias, que geralmente eram propriedades das catedrais e monastérios, os líderes religiosos e políticos controlavam o acesso do povo ao sagrado. Ao deslocar o culto aos santos das relíquias para as imagens, que apareciam à margem dos centros de poder, o povo reconquistava um acesso ao sagrado que podia dispensar a mediação institucional (STEIL, 2003, p. 25-26).

Steil (2003, p. 27) indica, ainda, três pontos que se repetem com relação ao conteúdo das mensagens e à dinâmica das aparições. Primeiro, a temática da proximidade do fim dos tempos, quando as punições divinas ameaçam a sociedade. Em segundo lugar, os pecadores são chamados à conversão; no caso, os pecados são definidos em especial como transgressões rituais, reafirmando a necessidade do estabelecimento de novos espaços sagrados e práticas de culto. Por fim, como resultado do fenômeno, o poder de atração de peregrinos de Roma e Jerusalém é descentralizado, devido ao aumento do número dos centros marianos em outras partes da Europa e nas Américas.

Nos séculos XIX e XX as aparições passam a se contrapor aos processos de secularização e às mudanças provenientes da modernidade. Ameaçada pela revolução industrial e o avanço das ciências, a Igreja Católica admite, reconhece e instrumentaliza os fenômenos; os santuários marianos tornam-se locais de curas milagrosas, cuja crença é promovida pela Igreja como forma de oposição ao racionalismo secular. Os videntes são geralmente crianças camponesas humildes, pessoas iletradas ou doentes, às quais são comunicados segredos geralmente relacionados ao fim dos tempos e reafirmação do poder institucional católico. As aparições de La Salette, na França, em 1846, e Fátima, Portugal, 1917, ambas reconhecidas pela Igreja Católica³³, foram os principais modelos de padronização do fenômeno no pós-guerra: aparições em contexto de efervescência política, levantes armados, avanço de ideias liberais e nacionalistas e consolidação da burguesia no poder (STEIL, 2003, p. 28-29).

A partir dos anos 80 do século XX, desloca-se o padrão de aparições daquele baseado principalmente em Lourdes e Fátima para o das aparições de Medjugore, na antiga Iugoslávia. Nas duas primeiras, predominavam no contexto das aparições a oposição entre razão e fé: em Lourdes, o avanço científico contra a fé era a tônica, enquanto em Fátima teria sido prevista a clivagem política internacional por conta da Guerra Fria e o ateísmo comunista. Já Medjugore e aparições contemporâneas aparecem imersas em um contexto global político diferente, além de novos tipos de relações entre ciência e fé. Nessa aparição, médicos ligados ao Movimento Carismático da Igreja Católica fizeram exames científicos no intuito de comprovar cientificamente as aparições e o suposto êxtase dos videntes (STEIL, 2003, p. 31-32). Ainda que aparições como as de Medjugore não sejam oficialmente reconhecidas pela Igreja Católica, não há por parte da instituição contundência em sua negação, tanto por perda de

³³ São sete as aparições de Maria reconhecidas pela Igreja Católica: Paris (França, 1830), La Salette (França, 1846), Lourdes (França, 1858), Pontmain (França, 1870), Fátima (Portugal, 1917), Beauraing, (Bélgica, 1932-1933) e Banneux (Bélgica, 1933) (STEIL, 2003, p. 28-29).

poder da Igreja quanto por instrumentalização dos fenômenos, que sutilmente reaviva o contato direto com o Sagrado.

Na medida que a Igreja perde parte de seu poder sobre a população devido à secularização e ao pluralismo religioso da sociedade, a mídia e outras instituições sociais não religiosas se tornam mais fortes e os videntes ganham mais autonomia se tornando menos coagíveis por autoridades religiosas a se calarem. [...] Atualmente videntes, e os grupos que crescem ao seu redor, encontram outras redes de apoio fora da Igreja e podem expressar mais livremente suas experiências. Além da diminuição do poder repressor da Igreja, parece estar havendo uma diminuição do interesse da Igreja nessa mesma repressão. A experiência de visões, relatos de aparições, e outros fenômenos similares de contato direto com o sagrado, que no passado podiam ser muito combatidas por seu caráter ameaçador ao poder institucional, podem estar agora sendo relativamente melhor recebidas. Talvez essas experiências passem agora a serem vistas como possíveis aliadas da instituição, ou de grupos dentro dessa instituição, que atualmente se vê mais fortemente ameaçada pelo discurso desencantado do mundo secular. Em determinados contextos históricos e políticos, um relato de aparição pode ameaçar mais o poder secular do que o poder clerical (MARIZ, 2002, p. 40-41).

Steil (2003, p. 33) comenta ainda a diferença entre a posição dos grupos carismáticos, no caso, com posições oficiais de Roma. Enquanto estes últimos usam a ciência para desmistificar as aparições ou diferenciar êxtases religiosos do que poderia ser apenas alterações do estado de consciência – traduzindo os fenômenos em uma linguagem teológico-racional – os carismáticos traduzem os recursos da ciência em uma linguagem simbólica e espiritual. Pode-se ver uma similaridade desses fatores com argumentação Nova Era da necessidade de integrar os saberes científicos aos espirituais e provar realidades transcendentais (CAMURÇA, 2014, p. 162).

Enquanto os agentes oficiais [da Igreja Católica] usam a ciência no contexto das aparições como estratégia de controle interno sobre o evento, os carismáticos vão usá-la, no contexto das aparições contemporâneas, em sentido contrário, como mais uma mediação linguística da experiência religiosa. Ou seja, ao invés de agir segundo a lógica racionalista no campo religioso, acionando a ciência contra o milagre, teríamos, no modelo carismático, a justaposição entre ciência e milagre. Essa mudança de estratégia discursiva adequa-se, ao nosso ver, à condição pós-moderna da religião que tende a realizar uma mixagem de gêneros, [...] onde se cruzam religião, ciência, filosofia, ecologia, psicologia (STEIL, 2003, p. 33).

Mariz (2002, p. 38-39) atenta-nos a outros fatores importantes no que diz respeito às aparições contemporâneas: a mídia e as novas formas de divulgação e registros, que globalizam e tornam ainda mais notórios os fenômenos. Para a autora, no passado, muitos dos relatos de aparições podem ter sido ignorados por diversos motivos, como o analfabetismo de boa parte da população, além de maior repressão por parte da igreja. A ampla divulgação contribuiria, a partir do século XX, para disseminar ou até gerar novos relatos.

A grande capacidade atual de registrar fatos e trocar informação poderia assim explicar, em parte, a inflação de aparições de Maria no século XX. A força da mídia contemporânea dando dimensão internacional a diferentes fenômenos não deve ser subestimada. Atualmente se pode compartilhar quase que instantaneamente informações e notícias. Se por um lado, a eficiência e amplo alcance dos meios de comunicação, que intensificam a troca de informação, podem gerar de fato novos relatos de aparições. Por outro, podem também estar dando a impressão de maior número de relatos quando na verdade ocorreria simplesmente um maior registro e troca de informações sobre esses (MARIZ, 2002, p. 39).

Enfim, cabe aqui elencar algumas outras características das aparições contemporâneas, muitas vezes ancoradas no carismatismo católico. De acordo com Steil (2003, p. 34) há um pré-texto, uma referência comum a diferentes contextos do catolicismo – o popular, o oficial e o carismático: a passagem do livro do Apocalipse de João sobre a mulher vestida de sol que esmaga o Dragão de Sete Cabeças e dá a luz ao Filho de Deus. Embora relatos locais populares e os produzidos por carismáticos pertençam a contextos diferentes, há compatibilidade entre eles, possibilitada por um mesmo “gênero ritual”: os relatos das aparições em formato de profecia, um pronunciamento divino em primeira pessoa no qual o vidente é um instrumento. Há outra importante característica surgida a partir da aparição de Medjugore. Enquanto antes as aparições estavam relacionadas principalmente a rituais de vidência, após esse evento passa a ser comum a “locução interior”, uma experiência individual na qual Maria comunica-se internamente com os fiéis (STEIL, 2003, p. 36).

A diminuição do poder repressor da Igreja Católica e o avanço do pluralismo religioso (MARIZ, 2002, p. 41) são responsáveis tanto pelas considerações destoantes entre os carismáticos e a instituição quanto pela busca de apoio dos envolvidos em aparições fora da Igreja. A fundação da Ordem Graça Misericórdia, com alguns mimetismos, mas sem vínculo com a Igreja Católica, leva essa questão além. As aparições de Nossa Senhora no contexto da Ordem apresentam ora similaridades ora diferenças com as aparições tradicionais, que buscaremos apresentar agora, bem como sua instrumentalização que reafirma os conteúdos da cosmologia de Trigueirinho.

3.2.2 Misericórdia Maria TV: Nossa Senhora ao vivo e *on-line*

Um dos primeiros pontos a se destacar sobre as aparições de Nossa Senhora aos videntes da Ordem Graça Misericórdia é o próprio pedido da criação desta, uma “Ordem Monástica Ecumênica” para dar suporte às aparições. A autonomia dos videntes com relação à Igreja Católica, que antes tanto reprimia quanto instrumentalizava os fenômenos, bem como a busca de apoio fora das teias católicas é levada ao limite, com a criação de uma nova

instituição. Ainda assim, é importante considerar a biografia dos primeiros videntes, Madre Shimani e Frei Elias. Embora provenientes do catolicismo, destacam-se para a fundação de algo novo, apoiados no contato direto com o sagrado. Esse contato, em geral, confere certo poder aos videntes, já que são capazes de uma ligação direta com a entidade religiosa, que como tal, é mais poderosa que as autoridades eclesiásticas (JACOBS e DE THEIJE, 2003, p. 47). Assim, não haveria maior autoridade para a fundação de uma Ordem do que um pedido vindo diretamente de Nossa Senhora – da mesma forma que, ao longo da história, esta já ditara fundações de centros marianos pelo mundo. A diferença principal, aqui, é o descolamento total da instituição Igreja Católica.

Outra característica marcante das aparições estudadas é sua ligação com determinados aspectos da cultura contemporânea. Maria não só teria ditado a fundação da Ordem e seus conteúdos religiosos, a serem analisados no próximo item do trabalho, mas comunica diretrizes práticas, como a criação de associações e *sites*. Primeiramente, pediu pela fundação da Associação Maria³⁴, uma organização de voluntários que dão suporte às aparições, e da página Divina Madre³⁵, o *site* oficial relativo aos contatos. Por fim, Maria teria indicado a criação de uma “TV *on-line*”, por onde tudo deve ser transmitido ao vivo. É a Misericórdia Maria TV, cuja criação Nossa Senhora teria justificado na seguinte mensagem:

Pela urgência planetária, pela falta de consciência sobre os acontecimentos na humanidade, pela necessidade de paz e de oração nos lares, pela união constante com Deus e, principalmente, pela redenção das almas, as que nestes tempos estão conectadas com as redes do mal. É um motivo e uma aspiração de Meu Coração Imaculado que Meu Reinado da Paz proclame Sua vitória no mundo, antes da gloriosa vinda de Meu Filho. Misericórdia Maria é um arquétipo de comunicação mais direta e avançada, que trabalhará por meio de princípios celestiais que, por sua vez, protegerão o desenvolvimento da tarefa evitando a influência das realidades externas sobre ela. Quero dizer, queridos filhos, que Misericórdia Maria não será um canal igual aos que existem atualmente no mundo e que confundem as almas. Este projeto chegará diretamente aos núcleos mais profundos dos seres internos pela Obra do Espírito Santo e, assim, deixará de ser algo superficial e material. Pela primeira vez na história da humanidade, o Céu pede, através deste chamado, um projeto pouco compreensível para as consciências. Misericórdia Maria terá como bases a oração, o jejum e a entrega amorosa, para os que se disponham a levar adiante a tarefa, sob o voto da obediência e da ordem, para este projeto que Minha Consciência Maternal está realizando.³⁶

Embora trate-se de um meio de comunicação tecnicamente comum, a fala de Maria sugere que a emissão do conteúdo teria a capacidade de propagar a energia crística tanto no inconsciente quanto na consciência da humanidade:

³⁴ Disponível em <<http://www.divinamadre.org/pt-br/associacao-maria>>. Acesso em 8 jul. 2015.

³⁵ Disponível em <<http://www.divinamadre.org/pt-br/inicio>>. Acesso em 8 jul. 2015>.

³⁶ Disponível em <<http://www.misericordiamariatv.org/pt-br/quem-somos/misericordia-maria-tv>>. Mensagem atribuída a Nossa Senhora em uma aparição. Acesso em 8 jul. 2015.

Misericórdia Maria, por meio dos princípios crísticos, liberará pouco a pouco do inconsciente, necessidades de autorrealização e, assim, colocará no coração a luz do Reino Divino. Será tarefa da Misericórdia Maria TV repolarizar as consciências do mundo que têm sido dominadas pelo mal da modernidade, para que através de seus impulsos despertem para Deus, Senhor Nosso. Misericórdia Maria será o coração do Coração de Maria, que pulsará amorosamente para transmitir impulsos de fraternidade, cura e perdão, que é o que a humanidade de hoje necessita.³⁷

É notável a crítica ao “mal da modernidade” sendo feita juntamente do pedido de criação de um ambiente virtual na internet, algo vinculado a essa mesma modernidade. O que percebe-se é a tomada de posse de um elemento moderno, em vias de mudar as próprias estruturas sociais, culturais etc. – assim como no contexto Nova Era toma-se, por exemplo, a ciência e seus conceitos em uma reconfiguração de mudança da realidade, com a instrumentalização da ciência voltando-a ao transcendente, criticando a ciência “antiquada”, da mesma forma há, nesse caso, instrumentalização dos meios de comunicação modernos voltando-os ao transcendente, criticando seu uso “maligno”. Conforme Hervieu-Léger (1997, p. 42), a religiosidade contemporânea, de tipo emocional, acompanha o esvaziamento simbólico da modernidade ao mesmo tempo em que se adapta ao dado cultural moderno.

Se nas aparições do passado Nossa Senhora conclamava os fiéis à construção de santuários e basílicas (STEIL, 2003, p. 24), alinhada às novas formas de comunicação ela agora pede também a “construção” de espaços virtuais, espaços que extrapolam a função de meios de comunicação para tornarem-se “basílicas *on-line*”.

O *site* da Associação Maria funciona como um repositório de todas as mensagens e orações ditadas por Maria³⁸ aos videntes, muitas delas utilizadas nos encontros da Rede-Luz, conforme poderá ser observar no próximo capítulo. Além disso, conta com um calendário das próximas aparições, a serem transmitidas pela Misericórdia Maria TV: locais, datas e horários são também definidos e ditados por Maria. Já o endereço eletrônico da Misericórdia Maria TV fica a cargo, além das transmissões ao vivo, de armazenar material multimídia, como as gravações das aparições, fotos e músicas.

Mas, se um dos líderes e fundadores da Ordem é Trigueirinho, onde sua cosmologia baseada em uma “ufologia-esotérica”, elementos da teosofia, paraciências e preocupação ecológica se cruza com as aparições de Nossa Senhora? Além do mimetismo e das referências ao catolicismo presentes na Ordem e nas aparições, é necessária uma observação mais atenta a todo esse conteúdo produzido, ditado por Maria em forma de conselhos e orações. Assim será

³⁷ Idem.

³⁸ Também há aparições de Jesus e São José. Focamo-nos, até aqui, nas aparições de Maria, já que toda a organização gira em torno de Nossa Senhora. As experiências de campo mostraram também um protagonismo de Maria com relação às outras aparições.

possível identificar elementos ligados tanto à Nova Era quanto à anteriormente citada primeira fase de Trigueirinho.

3.2.3 A Sagrada Família como Hierarquia: o conteúdo Nova Era das aparições

Como foi possível observar, há um protagonismo mariano no que diz respeito à Ordem Graça Misericórdia. As aparições de Maria aos videntes é seu primeiro contato direto com o transcendental – com as Hierarquias – quando estes eram ainda crianças ou jovens. Tudo é norteado por Nossa Senhora: da indicação de que os videntes uruguaio viessem ao Brasil à procura de Trigueirinho à criação da Ordem; do desenvolvimento dos *sites* às associações de apoio, todos com nomes referentes à Maria. Ainda assim, os videntes contatam também Jesus, José, e em menor escala, santos e anjos. Aqui, é importante lembrar que a Sagrada Família, santos e seres angelicais fazem parte também da “Hierarquia Planetária”, “consciências que transcenderam a evolução material, [...] de diversos reinos, como o espiritual, o divino, o dévico e o angélico, entre outros” (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p.184). Portanto, Maria, Jesus e José, assim como seres de outros planetas, do cosmo, ou do interior da Terra, fazem parte da Hierarquia que protege e guia a Terra, ainda que em diferentes “reinos”.

Em uma observação superficial, poderia se classificar a criação da Ordem Graça Misericórdia bem como a inclusão de elementos de referência ao catolicismo como um possível processo de cristianização, ou catolicização, da cosmologia de Trigueirinho. Porém, Canclini (2000) chama atenção ao cuidado às classificações por pares de oposição – modernidade X tradição, por exemplo – que não dariam conta, na (pós) modernidade, de classificar movimentos híbridos e de intercâmbio. Os conhecimentos tradicionais, ressignificados pelos novos movimentos religiosos, transbordam fronteiras culturais. Através desse prisma, buscamos uma análise mais profunda e atenciosa das mensagens e orações ditadas nas aparições. Em geral, elas contêm elementos que fazem referências a crenças comuns às espiritualidades Nova Era e de Novos Movimentos Religiosos, e embora Nossa Senhora usualmente fale sobre a necessidade de orar e se redimir por causa da chegada do “fim dos tempos”, tema recorrente na história das aparições, existem claras nuances *new age* e conteúdos que não se coadunam com o cristianismo católico tradicional. Vejamos, pois, umas das mensagens atribuídas a Nossa Senhora:

Como uma ave que sobrevoa o mundo, Eu chego em busca dos que não despertaram para o Meu último Chamado. *Muitos escutaram o ressoar de Minha voz ao longo dos séculos, mas poucos foram os que verdadeiramente puderam compreender a essência do que estavam*

vivendo. Pela primeira vez na história da humanidade, a Mulher Vestida de Sol vem revelar Sua *verdadeira Face*, para que os seres desta Terra possam sair da ignorância na qual se encontram em vida. Por isso os preparei por tanto tempo, para que possam ser as mãos que retirarão os véus da inconsciência humana. Mas para isso, filhos Meus, é preciso que a própria inconsciência esteja curada e que seus corações já se hajam definido neste tempo de purificação. Preciso de corações firmes, que sejam conhecedores da essência destes tempos e não tenham a sua atenção no que vivem aqui na Terra, *mas no que viverão no universo*, a partir do que alcançaram neste mundo. Filhos Meus, todos se purificarão neste tempo. Não haverá alma sobre a superfície da Terra que não viva a sua instância de purificação. [...] Meus amados, se se afirmarem na oração, poderão purificar-se de uma forma mais harmoniosa, porque, apesar de todo sofrimento interior, contarão com o Meu auxílio que, de alguma forma, os conduzirá e os amparará sempre. [...] Quero que cresçam, meus amados, definitivamente. Os tempos de hoje já não são os mesmos de ontem. Não queiram manter dentro e fora de vocês o mesmo *cenário planetário*, porque isso não será possível. *Aquele que se apegar às imagens do passado sofrerá a brusca transformação que vive o mundo*; mas aquele que se deixar transformar e permitir que se derrubem as suas estruturas internas jamais sofrerá, pois se transformará junto com o mundo e, apesar de viver internamente o caos que se vive externamente, também verá em si emergir uma nova vida, quando no mundo essa vida estiver estabelecida. Não quero que se assustem com o que vivem, mas saibam que muitos não suportarão as transformações e purificações internas e externas. Mas, por todos os méritos que geraram, sua *evolução* ainda terá salvação, mesmo que seja nos níveis do espírito. Meus amados, Minhas palavras ressoam com o tom destes tempos, porque devem ser maduros para compreender o que acontece verdadeiramente no mundo. Já não tenham olhos infantis diante de realidades que os aguarda maduros, mas sim, com os pés firmes nesta barca de salvação, remem, remem sem titubear. Eu Sou a Figueira Mãe, a que dá a seiva de Vida, para que não esmoreçam os seus frutos. *Em Mim se unem Terra e Céu, espírito e matéria, o velho e o novo homem*. [...] Eu Sou a voz da Verdade Divina. Aquele que Me escuta com atenção encontrará em Mim cada passo a ser dado. Em Minhas palavras se encontra o caminho para a concretização dos Planos de Deus. Não estejam surdos diante do Verbo Divino. Sigam o eco da Mensageira Celestial (grifos nossos).³⁹

Observa-se a referência ao tema da purificação do planeta, em consonância com os ensinamentos atribuídos por Trigueirinho às Hierarquias Intergalácticas sobre o um “processo de transição [no qual] prevê-se a purificação geral da superfície e a retirada dos seres resgatáveis” (TRIGUEIRINHO NETTO, 2004, p. 53). Da mesma forma, a narrativa da vida na Terra como experiência evolutiva em busca de um futuro melhor em outras partes do universo não é comum às doutrinas cristãs tradicionais. Ou seja: ainda que haja elementos, práticas e personagens que mudam através do tempo na cosmologia, há a permanência de conteúdos conforme as obras de Trigueirinho.

Nossa Senhora mantém também a ideia do desenvolvimento interior, da elevação espiritual e da purificação em preparação para os novos tempos. Segundo Amaral (2000, p. 134), o pensamento Nova Era opera com a contraposição entre *self* e ego. O primeiro deve ser buscado, é a dimensão interior do ser, não capturado pela cultura e pelos dogmas, ao passo que o ego é condicionado pela sociedade e suas regras. O ego deve ser superado em busca do “verdadeiro eu”. Ora, vemos que essa busca é aconselhada tanto na mensagem atribuída a

³⁹ Disponível em <<http://www.divinamadre.org/pt-br/mensajes?ano=2014&mes=9>> Mensagem atribuída a Nossa Senhora em aparição, em setembro de 2014. Acesso em 10 jul. 2015.

Nossa Senhora como nas dos seres extraplanetários referidos anteriormente. As falas de Maria, ao pedirem “desapego às imagens do passado”, a busca por um “novo mundo”, um “novo homem” e, principalmente, ao se referirem às aparições ao longo dos séculos como essencialmente incompreendidas, demonstram uma ressignificação afeita à “nova consciência” ou “expansão da consciência” – as mesmas ressignificações que criticam a ortodoxia do conhecimento religioso tradicional e até o conhecimento científico (D’ANDREA, 1996, p. 155). De mesma forma, as passagens do evangelho ressignificam-se representando momentos e atitudes necessários a essa transformação espiritual, no livro “O Mistério da Cruz na atual Transição Planetária”, de Trigueirinho (2005), já comentado. Como dito, há uma manutenção da base cosmológica, apesar da incorporação de elementos da tradição cristã. Processo similar ocorre nas mensagens atribuídas a São José:

Meus queridos, em onipresença, hoje estou aqui, mas também estou no Centro Mariano de Figueira, expandindo as Graças do Reino de Deus para o mundo inteiro. Quando oram de coração, impulsionados pelo fogo do espírito, os Sagrados Corações podem expandir a Luz de Deus no mundo e essa Luz poderá chegar até os mais perdidos. Hoje estou aqui, para chamá-los ao espírito da consagração, que em verdade é um dom no coração daqueles que se decidem a abandonar a si mesmos, para que o Criador possa obrar em seus seres. Os tempos finais se aceleram e muitos olhos não o querem ver. Também muitos se fecharam para as advertências celestiais, por preferirem submergir-se nas ilusões da vida material a ingressar na verdadeira Origem primordial de tudo o que foi criado. Nestes tempos, os Sagrados Corações descem ao mundo para levar a humanidade a um novo despertar. *As mensagens que trazemos hoje não são as mesmas de tempos atrás e, somente aqueles que sabem ler nas entrelinhas e que em silêncio meditam em Nossas palavras, poderão descobrir a essência* mesma do que viemos transmitir ao mundo. *A humanidade de superfície cada vez mais se afasta de Deus e, mesmo aqueles que buscam uma forma de encontrá-Lo por meio de uma religião ou um caminho espiritual, muitas vezes se enganam e vivem a desunião e a separatividade, ignorando que o verdadeiro Deus é Amor e Unidade.* Se pensam que tudo já sabem sobre as verdades do Céu e pouca importância dão às palavras dos Mensageiros de Deus, saibam que tão perdidos estarão quanto aqueles que caminham no escuro, porque, por mais que a Luz Divina esteja resplandecendo diante de seus olhos, eles estarão vendados pela maior ignorância que existe, que é esta de não saber-se ignorante e crer-se sabedor de todas as coisas. Aquele que não buscar o espírito da humildade e tomar para si todas as palavras dos Mensageiros de Deus, jamais dará passos em seu caminho e se cansará de caminhar, sem ter saído do lugar [...]. Sejam humildes e simples de coração, sejam obedientes, reverentes, serviçais. Sejam alegres de espírito, disponíveis para dar ao próximo até o que não sabem que podem dar; descobrirão assim o potencial oculto de seus corações. [...] Animem-se a seguir adiante. Os Mensageiros de Deus sempre guiarão os seus passos e os sustentarão. Apenas necessitam ser verdadeiros.⁴⁰

Nessa mensagem, além de corroborar as falas atribuídas a Maria sobre os novos tempos e as interpretações errôneas ou superficiais do passado, São José critica a religião institucionalizada e “caminhos espirituais” que podem enganar os que buscam encontrar Deus; caminhos que levariam à desunião. No encontro direto com o Sagrado, proporcionado

⁴⁰ Disponível em <<http://www.divinamadre.org/pt-br/mensaje-de-san-jose/terca-feira-19-de-maio-de-2015>>. Mensagem atribuída a São José em aparição, em maio de 2015. Acesso em 20 jul. 2015.

pela aparição, São José defende a espiritualidade fluida da Nova Era, situada na crise moderna e seu movimento de desinstitucionalização religiosa (CAMURÇA, 2014, p. 124).

Cosmologicamente, mais uma vez a realidade de seres extraterrestres ou intraterrenos é reafirmada. A “humanidade da superfície” é aquela que se afasta de Deus, questão na qual é auxiliada pelas Hierarquias que transitam entre o cosmos e o interior da Terra, até poder conviver lado a lado com estes, seus tutores.

Por fim, as mensagens atribuídas a Jesus também costumam falar da “transição planetária” urgente pela qual passa o planeta:

Meu canal puríssimo de Misericórdia se abriu neste lugar, para que todas as almas sedentas venham aqui e bebam de Minha Sagrada Fonte de Graças. [...] Hoje novamente Meu Espírito Sacerdotal e misericordioso os reúne, para que cada um de Meus orantes torne a se confirmar na consagração a Meu Sagrado Coração. Em Graça e Piedade desço ao mundo junto às Hostes do Arcanjo Miguel para retirar os espíritos que perturbam as almas de Deus; dessa forma, Meu Poder Soberano os liberta, transmuta-os e tira-lhes as amarras que não lhes permitem caminhar confiantes ao Meu Coração Sacratíssimo. Porém, através da constância dos Adoradores a Meu Corpo Eucarístico, vocês, Meus Amigos, receberam a Graça de Minha *Santa Presença interior e espiritual*. Assim, Eu os congrego constantemente ao redor de Minha Mesa, para que sempre se lembrem de que os estarei esperando, para que todos os dias de suas vidas comunguem de Meu Corpo e de Meu Sangue. A humanidade inteira enfrenta neste século XXI o primeiro tempo da Justiça Divina. Mas todos os dias, às três da tarde, quando o relógio marca o momento de Minha morte na Cruz, Eu derramo do universo a Fonte da Salvação e da Redenção. Agora vocês já foram formados como soldados da oração. Espero no silêncio que caminhem entre as trevas e não temam enfrentar o velho ser, para o qual chegou a hora de morrer a fim de que nasça *a luz do Criador em cada um de vocês*. Enquanto milhões de almas viventes nos quatro pontos da Terra estão enfrentando a *transição planetária*, na Humildade de Deus e em nome do amor, Eu Me inclino ante os Meus, para que eles ascendam ao Pai Eterno por meio da escada para o Céu, que hoje *mostro internamente a todos*. Desejo que amem cada dia mais porque, em verdade lhes digo, será o amor do coração que vencerá todo o mal e ressuscitará os mortos, assim como uma vez Eu ressuscitei muitos no passado. Por essa razão e por um propósito infinito, desço em luz neste lugar e nesta cidade, para que as almas reconheçam a tempo Meu chamado para viver a redenção, a penitência e a reconciliação por meio da *Comunhão Ecumênica*. Enquanto espero que as almas despertem, venho neste dia glorioso fortalecer os votos que muitos fizeram a Meu Sagrado Coração, que hoje Se mostra ao mundo traspassado pelas coroas de espinhos que as almas injustas Me colocam diariamente. Porém hoje lhes digo que a força do seu amor é o que Me permitiu estar entre vocês e com todos os corações sofredores do mundo. O mundo se apaga sem poder ver a luz e cada ato que Me oferecerem nos *tempos que virão*, permitirá que uma alma seja resgatada por Meu Amor (grifos nossos).⁴¹

Nas nuances da mensagem atribuída a Jesus, encontramos também certos traços Nova Era. Não apenas na referência à transição planetária, mas na espiritualidade monista que considera cada ser como parte divina, com a “luz do Criador em cada um”. As almas resgatadas serão “ressuscitadas pelo amor”, não para viverem a vida eterna no tradicional céu cristão, mas em um céu que é “mostrado internamente”, a se concretizar nos “tempos que

⁴¹ Disponível em <<http://www.divinamadre.org/pt-br/mensaje-de-cristo/quarta-feira-4-de-fevereiro-de-2015>>. Mensagem atribuída a Jesus em aparição, em fevereiro de 2015. Acesso em 20 jul. 2015.

virão”. Dissipar o eu em uma totalidade Divina, em uma religiosidade mediativa-subjetiva é o objetivo da religiosidade Nova Era, apoiada na busca pessoal e não na tradicionalmente cristã salvação do Reino (CAMURÇA, 2014, p. 124). Aqui, Jesus “mostra internamente” a “escada para o Céu”, para que as almas ascendam ao Pai; logo, Jesus não salva, apenas clama e oferece auxílio para a ascensão individual, que deve ser conquistada. Observa-se que a fala pende mais para os argumentos da Nova Era, contrapondo-se às ideias do Cristianismo histórico. Quais tensões entre o cristão e o cósmico emergem diante dessa segunda fase da cosmologia de Trigueirinho? O que pode haver de novo e o que pode-se depreender a partir desses cruzamentos, ressignificações e sua relação com o contexto contemporâneo do campo religioso?

3.3 NOVA ERA COMO SOMBRA DO CATOLICISMO

Ao delinear características da Nova Era, os teólogos Richard Bergeron, Alain Bouchard e Pierre Pelletier (1994) destacam, entre outros elementos, a perspectiva e os símbolos arcaicos de diversas tradições, como as ameríndias, ocultistas e xamânicas; mágicas, como adivinhações, encantos e magnetismos; e de religiões orientais. Estas últimas seriam responsáveis por parte do repertório Nova Era, relacionado ao esforço pela distinção e domínio, por práticas, métodos e técnicas, de uma grande Força misteriosa que tudo permeia em uma sacralidade difusa e onipresente. Trata-se do “*manah*, o *prana* ou o *chi* que permeia todas as coisas, e está no ar, na terra e nas estrelas. Mas adquire diferentes formas e densidades, de acordo com a dimensão, ambiente, criatura ou “vibração” (D’ANDREA, 1996, p. 158).

O gnosticismo esotérico New Age, entusiasta de uma libertação do homem pelo autocultivo do conhecimento cósmico, seja proveniente de práticas místicas ou terapêuticas, consumo de bens esotéricos, leitura de livros ou até revelações de seres extraordinários⁴², é a base pela qual o *new ager* busca evoluir. A sacralidade é novamente reinserida na sociedade secular e uma religiosidade tanto cósmica quanto arcaica emerge na cultura cristã:

Nós sabemos que a cultura ocidental é a conjugação do mundo clássico greco-romano, da religiosidade cósmica (cética, germânica etc.) e do judeu-cristianismo. A modernidade e a secularidade fizeram com que a religiosidade cósmica recuasse grandemente, e forçaram-na

⁴²Trata-se, aqui, de uma revelação afeita também às características da Nova Era. Os conselhos das supostas mensagens que chegam a diferentes grupos religiosos ou místicos, seja de extraterrestres, de santos ou de Nossa Senhora, como já demonstramos, pedem justamente atenção do adepto à busca individual. Não são ditadas regras que, desobedecidas, releguem o transgressor à condenação, mas é imprescindível que este busque individualmente caminhos que levem à ascensão, evolução, salvação etc.

a se retirar aos círculos clandestinos e aos cenáculos secretos. Na cultura atual, a religiosidade cósmica sai da vida oculta e ressurgue. Esta corrente de religiosidade acompanhou o cristianismo, como uma sombra, desde as origens, a começar pelo gnosticismo antigo, até a teosofia moderna, passando pela alquimia, a cabala, o ocultismo, a astrologia, a bruxaria etc. [...] As manifestações da religiosidade cósmica foram denunciadas com frequência pelo cristianismo como mágicas, heréticas, satânicas, por causa de seus poderes nebulosos. A sombra do cristianismo reaparece na Nova Era em determinado momento vindo a substituir gradualmente as ideias cristãs recebidas formalmente: ela penetra até mesmo no seio das igrejas cristãs, influenciando a crença de muitos cristãos praticantes (BERGERON, BOUCHARD e PELLETIER, 1994, p. 86-87).

Em sua reflexão sobre essa emergência do conteúdo Nova Era no cristianismo no Brasil, Camurça (2014) destaca que tantos setores considerados conservadores quanto progressistas da Igreja Católica concordam quanto o caráter desagregador da Nova Era para com a identidade cristã. Como representante de uma postura mais conservadora, cita Padre Joãozinho, que propõe oposição enérgica à “lógica aquariana”, sob pena de estar-se ajudando uma “rede anticristã”. O padre também estabelece pontos de oposição entre as ideias *new age* e a doutrina cristã, dentre eles: Deus pessoal X Deus impessoal (Energia); Deus Criador X Deus fusionado no cosmos; redenção pela cruz X autoaperfeiçoamento reencarnatório; homem criado por Deus X homem integrante da divindade; Jesus Filho de Deus X Cristo manifestação cósmica, mestre iluminado (CAMURÇA, 2014, p. 171-173).

Por sua vez, o frei Vítor G. Feller traz um olhar mais progressista, embora também crítico, buscando demarcar o Cristianismo por seu caráter histórico. Segundo ele, a Nova Era desconsideraria a historicidade e as transformações de realidades sócio-políticas; seria limitada se comparada não só com a teologia cristã, mas até com as dogmáticas islâmica e marxista. Ela teria um caráter de imediatismo hedonista, inclusive oferecendo suporte religioso, cultural e ideológico para o avanço do capitalismo imperialista globalizado (CAMURÇA, 2014, p. 172-173).

Em postura similar, Libânio (1998) critica a falta de relação com o social ao considerar que a Nova Era faz da mente o principal motor de transformação da realidade. “Posto seja importante a mudança interior das pessoas, contudo a situação social permanece, em muitos casos, intocada em suas estruturas” (LIBÂNIO, 1998, p. 13). No livro “Cenários da Igreja num mundo plural e fragmentado” (2012), o teólogo analisa o contexto contemporâneo com o objetivo de apresentar diversos cenários possíveis da Igreja Católica a se desenvolverem, bem como suas possibilidades de concretização. Um deles é o de uma “Igreja plural fragmentada pós-moderna”, cuja plausibilidade repousa no crescimento da cultura pós-moderna tolerante, estilhaçada, no qual a Igreja não apareceria como um corpo coeso, mas “como uma enorme galeria a oferecer elementos que são tomados por eles

mesmos juntamente com outros vindos de fontes religiosas ou seculares diferentes” (LIBÂNIO, 2012, p. 190). Dentre os problemas dessa possibilidade, estariam os mesmos da influência Nova Era na religiosidade cristã ou no catolicismo, como o individualismo, a vivência esporádica sem compromisso comunitário real e a relativização da moral, dogmas e leis da Igreja.

Bergeron, Bouchard e Pelletier (1994) buscam também demarcar as fronteiras entre as ideias da Nova Era e das doutrinas do Cristianismo histórico, mas estabelecem entre eles uma relação dialógica que ultrapassa a dicotomia “verdadeiro X falso”, procurando “equiparar/contrastar os níveis de estrutura das configurações religiosas em questão e menos seus conteúdos substantivos como doutrina, ritos e estruturas eclesiais” (CAMURÇA, 2014, p. 140). Tanto o cristianismo quanto a Nova Era poderiam tirar proveito de assimilações feitas por ambas as partes, reavivando ou revalorizando dimensões comuns, perspectiva que foi denominada “interpelação recíproca”.

A Nova Era interpelaria o cristianismo, por exemplo, em três pontos. Em primeiro lugar, relembra as igrejas históricas do registro mágico, mítico e milagroso da religião. Com o advento da modernidade, elas submeteram ou permitiram a submissão de suas escrituras e dogmas a análises críticas. Ao reconhecer a validade das ciências e autonomia do mundo e do homem, em busca de uma razoabilidade da fé no contexto moderno, seu polo “mágico” e arcaico foi subjugado pelo polo racional. As alternativas da Nova Era, que retornam ao sagrado arcaico – e questionam, inclusive, as ciências – interpelam o Cristianismo histórico pelo retorno das características espirituais inexplicáveis, milagrosas, que não operam sob o crivo da razão e que tanto chama atenção da sociedade contemporânea (BERGERON, BOUCHARD e PELLETIER, 1994, p. 99).

Como segundo exemplo, os três teólogos citam a retomada da experiência interior, mística e pessoal. Ainda que haja críticas sobre o individualismo da Nova Era em detrimento da inserção comunitária e sócio-política, esta linha profética da caridade não deveria suplantar o itinerário interior. A perspectiva histórica apoiara-se no desenvolvimento ocidental das filosofias e da história, bem como nas práticas históricas, como o marxismo. As ideias *new age* interpelam os cristãos a articularem a experiência pessoal e o empenho histórico, a caridade e a ação social; relembram a importância da experiência espiritual e mística no cultivo da religiosidade (BERGERON, BOUCHARD e PELLETIER, 1994, p. 101).

Por fim, a Nova Era interpela o Cristianismo histórico, em especial a Igreja Católica, sobre a perversão da natureza do corpo, o pecado, a culpa relacionada aos ideais de salvação e redenção. O ideário *new age* apresenta a criação como originalmente boa. Caberia aos

cristãos, segundo a lógica de reciprocidade e equilíbrio defendida pelos três teólogos, reequilibrar criação e redenção, rememorados de que o cosmos, o mundo, o corpo e a sexualidade podem ser belos e bons; que em oposição ao pecado original, existe uma bênção original. “Reafirmando a honra do polo da criação, a Nova Era força as igrejas a reequilibrar a bipolaridade criação-redenção, a desenvolver uma espiritualidade da criação, a reaprender a cantar com Francisco de Assis o Cântico ao Irmão Sol e à Mãe Terra” (BERGERON, BOUCHARD e PELLETIER, 1994, p. 103).

O esforço de Bergeron, Bouchard e Pelletier visa não apenas ao diálogo, mas a uma demarcação entre as ideias Nova Era e tradições, dogmas e doutrinas do Cristianismo histórico ou institucional. Embora o conteúdo de ambas possa levá-las a reflexões internas, intenciona-se delimitá-las. Camurça (2014, p.142) assim resume a interpelação recíproca:

Por fim, sem se confundirem, Cristianismo e Nova Era podem contribuir entre si. O primeiro fornecendo à segunda uma perspectiva religiosa histórica e cultural densa para suas reelaborações; a segunda interpelando o primeiro nos termos de experiências e vivências das religiosidades instituintes de há muito esquecidas por sua característica de religião instituída. Enfim interpelação que leva a redescobrir na própria tradição cristã elementos místicos e cósmicos encobertos pela excessiva doutrina e dogma (CAMURÇA, 2014, p. 142).

Ainda segundo o autor, essa aura mística de espiritualidade cósmica, gnosticismo, ocultismo, astrologia, anteriormente empurrada para círculos esotéricos clandestinos e sociedades secretas não só pelo racionalismo moderno, mas pela própria igreja como práticas heréticas ou satânicas, não foi a única a conviver em descompasso com a doutrina oficial da Igreja Católica. Além desse bojo de crenças e práticas, que conviveu ao longo dos tempos como uma sombra com o catolicismo, a religiosidade popular, com seus cultos aos santos, relíquias e superstições também acompanharam a Igreja, porém com tratamento diferente.

Embora as duas crenças (a da Nova Era [...] e a do “catolicismo popular” [...]) fossem incongruentes com a razão e o logos teológico, nossa hipótese para o tratamento desigual dado a uma e a outra dentro do Catolicismo é de que a primeira, por estar comandada por uma perspectiva trans-histórica que ultrapassa, como metarrevelação, à revelação inscrita no chão histórico da Galileia, corre o risco de transbordar espiritualidade expressa como Cristianismo, ao passo que a segunda, por sua capacidade mimética de colar-se aos símbolos institucionais, mesmo que os reinterpretando, continua gravitando em torno do campo semântico do que se chamou Cristianismo (CAMURÇA, 2014, p. 182).

A influência da Nova Era pode ser percebida também em formulações teológicas mais elaboradas. Camurça (2014) apresenta, nessa questão, dois consideráveis exemplos: Leonardo Boff e Frei Betto e suas concepções de uma Teologia Holista. As proposições dos teólogos remetem às experimentações e recombinações da Nova Era. Boff, por exemplo, faz referências às religiosidades orientais, citando aspectos do zen, do taoísmo, do confucionismo

e de outras tradições como caminhos também possíveis para Deus. Outra marca relevante é a busca de convergência entre a espiritualidade e as ciências, onde a física quântica e as ideias de Capra (2001, 2011) são geralmente acionadas – obras inclusive indicadas para leitura por Frei Betto (CAMURÇA, p. 186-188).

A postura de Boff pode ser também significativamente exemplificada pela reedição de seu livro “Evangelho do Cristo Cósmico”, em 2008. A obra foi a primeira publicada pelo teólogo, em 1971, mas teria, segundo o autor, passado por profundas modificações. Une-se o Cristo cósmico, tendo como referência Teilhard de Chardin, às ideias da física quântica e da astrobiologia:

A cristologia cósmica não visa apenas a entender as dimensões da realidade do Cristo que alcançam até o Universo, mas quer também responder a uma indagação que está sempre presente no espírito humano: qual é o fator, a energia, o elo que faz com que o Universo seja um cosmos, e não um caos; que apresente uma surpreendente unidade no interior mesmo de sua incomensurável diversidade de seres, de estrelas e de galáxias? Essa questão é suscitada permanentemente pela Ciência contemporânea, especialmente pelo físicos teóricos e pelos cosmólogos. Todos eles empenham seus melhores esforços na elaboração de uma Teoria de Tudo [...]. A pretensão final de nossa investigação é reforçar uma leitura holística e integradora da realidade, e encorajar uma mística cósmica que abrace as ciências, as religiões, as tradições espirituais e a sensibilidade ecológica contemporânea (BOFF, 2008, p. 12-13).

Mesmo que ainda sejam visíveis as ligações de Boff com a tradição cristão-católica, sua flexibilidade ao dialogar com os típicos temas da Nova Era, aliada ao seu afastamento da Igreja Católica, fazem do teólogo bem aceito pelos entusiastas da Nova Era. Seu conhecimento sobre os elementos da *new age* “revelam o estudo rigoroso marcado pela disciplina intelectual o Doutor em Teologia Sistemática, [que] faz dele perante o público *new age* um guru, um *suniasy*, um ‘mestre iluminado’” (CAMURÇA, 2014, p. 193).

Essa metarrevelação cósmica, gnóstica e arcaica da Nova Era, capaz de se infiltrar tanto na crença popular quanto em elucubrações teológicas, é mesclada por Trigueirinho ao catolicismo popular ao fundir-se a experiência mística das aparições de Nossa Senhora, Jesus e José ao conteúdo e práticas ligados à *new age*. Ainda que a Ordem Graça Misericórdia não tenha ligações institucionais com a Igreja Católica e se autodenomine ecumênica, tanto seu formato, como já explicitamos, quanto as aparições promovidas por seus freis videntes gravitam também no campo semântico do Cristianismo – mais especificamente do catolicismo. Exemplificando: um internauta que, pela primeira vez, encontra e acessa via internet o *site* da Ordem ou das aparições, talvez não consiga identificar tratar-se ou não de um movimento ligado à Igreja Católica; da mesma forma, se este mesmo acessar um vídeo das aparições, encontrará freis e madres videntes de joelhos, olhando para um ponto fixo

enquanto transmitem uma mensagem religiosa que estaria sendo ditada por Nossa Senhora, em uma referência à aparição de Fátima, esta sim reconhecida pela Igreja de Roma. Porém, Maria não pede, como antes, conversão para o fim dos tempos sob ameaça de punição divina (STEIL, 2003, p. 27): o fim dos tempos adquire também a feição Nova Era de ser o fim de “um” tempo, e o começo de outro. Os problemas da sociedade são citados não como prenúncios a derradeira tragédia da humanidade, mas como uma purificação necessária para o ressurgimento do homem e do mundo. A humanidade estaria “passando pelas dores do parto: ela está para dar à luz o *Homo noeticus*; ela está às vésperas de dar um salto qualitativo donde emergirá uma criatura totalmente nova, livre de limites e de males da ordem antiga” (BERGERON, BOUCHARD e PELLETIER, 1994, p. 65).

Em termos cronológicos, julgando-se pelas novas inserções tanto nas práticas como na cosmologia, com a “chegada” de Nossa Senhora e da Ordem, pode-se dizer que Trigueirinho traz o catolicismo para dentro da Nova Era, se reapropriando dele para justificar seu ideário gnóstico, esotérico, místico e paracientífico. Em primeiro lugar, é acionado o catolicismo popular, com a vidência, o culto aos santos e às aparições, a peregrinação aos locais de contato com Nossa Senhora. Além disso, as referências a uma institucionalidade religiosa também são englobadas: há a oficialização de uma Ordem religiosa, ou seja, a criação de uma instituição, o que soa paradoxal ao se pensar sobre as críticas *new age* – e do próprio Trigueirinho – às religiões institucionalizadas. Heelas e Amaral (1994, p. 176-177) já haviam identificado uma tendência à indigenização de alguns temas da Nova Era no Brasil, ou seja, a possibilidade desses se misturarem a trajetórias culturais brasileiras. Levando em conta a longa relação histórica e social do catolicismo no país, pode-se considerar acertada a proposição ao notar-se como as ideias Nova Era mesclaram-se ao culto aos santos e à questão das aparições, ligados ao catolicismo popular.

Utilizando novamente a analogia feita por Bergeron, Bouchard e Pelletier (1994, p. 86), para os quais a religiosidade cósmica acompanhou o cristianismo histórico como uma sombra ao longo dos tempos, seria possível dizer que a cosmologia de Trigueirinho e seus elementos claramente afinados com as ideias *new age* fazem parte dessa sombra que reaparece, emergindo na fragmentada sociedade contemporânea. Porém, na medida em que tais ideias se consolidaram em uma cosmologia mais definida, cristalizaram-se gradativamente em uma forma institucional doutrinária, culminando com as “novas velhas” referências do Cristianismo histórico – afinal de contas, uma sombra, embora possa ser mais ou menos intensa devido à intensidade da luz, sempre dependerá do objeto do qual se projeta.

Assim, o cristão retorna ao cósmico com a Ordem instituída, com Nossa Senhora e os santos, para justificá-lo com a coesão e com o peso institucional.

4 COSMOLOGIA E COMUNIDADE EM REDE

Neste último capítulo, utilizaremos as experiências do trabalho de campo para esclarecer um pouco mais essa articulação: entre cósmico e cristão; entre instituição e religiosidade de busca individual da Nova Era. Os dois últimos subcapítulos, referentes a este trabalho de campo, tratarão do sentido de comunidade dentro do contexto cosmológico desenvolvido por José Trigueirinho e os membros da Comunidade Figueira e da Ordem Graça Misericórdia. Antes, porém, é importante destacar como as ideias e a própria forma da pesquisa foram sendo construídas ao longo do trabalho. As mudanças com relação ao projeto original, por fim, foram positivas, acabando por esclarecer mais detalhes sobre o grupo estudado e redirecionando o estudo para importantes pontos antes não considerados.

4.1 MUDANÇAS DE PERCURSO

Inicialmente, a pesquisa de campo se basearia em uma única inserção na Comunidade Figueira, no sul de Minas Gerais. Porém, uma nova perspectiva surgiu, literalmente, “no caminho” do pesquisador. Em um dia de aulas do mestrado, encontrei afixado no mural do Instituto de Ciências Humanas da UFJF um cartaz que anunciava e convidava o público para uma “Audição de Trigueirinho”, a ser realizada na Casa de Cultura da UFJF. Pelo cartaz não foi possível estabelecer se o próprio estaria presente, em uma palestra ao vivo. Por fim, compareci ao local com algum atraso, pois havia confundido o horário.

Ao entrar nas dependências da Casa de Cultura, não encontrei nenhuma indicação de onde a audição estaria acontecendo. Como o ambiente estava silencioso – já era cerca de 20h30 – pude ouvir a já conhecida voz de Trigueirinho e guiei-me pelo som, encontrando a pequena sala onde se reuniam seis mulheres e um homem. Entrei, sendo visto apenas por alguns, que nada falaram. Dirigi-me a uma cadeira no fundo da sala – tratava-se de uma sala de aula – e sentei-me em silêncio. A fala de Trigueirinho vinha de um aparelho de som, e todos escutavam com atenção. A sala possuía um quadro negro, onde havia duas frases escritas. A primeira, indicada como sendo de Trigueirinho: “Como a intuição é delicada e tênue, nem sempre a percebes. Permanece, pois, atento”. A outra frase era de Madre Shimani, ali indicada apenas como Shimani: “Sê como luz das estrelas, que incandescentes, brilham em oração a Deus”. Na mesa em que estava o aparelho de som, havia também DVDs e livros de Trigueirinho.

A maioria das pessoas permanecia de olhos fechados enquanto ouvia a mensagem. Nela, Trigueirinho falava sobre a anormalidade dos tempos atuais, no qual Céu e Terra estão ligados e logo o joio será separado do trigo. Por isso, segundo a mensagem, cada um deve se elevar às Hierarquias, transcendendo o estado atual e abandonando a humanidade que vive na ilusão. A mensagem, segundo ele, teria sido transmitida por uma hierarquia superior. Falava também da necessidade da oração, em especial às três da tarde, hora da crucificação de Jesus. Orando em conjunto, as pessoas criariam a rede planetária de oração.

Ao final da palestra gravada, todos abriram os olhos. Ainda assim, não me foi perguntado quem era e porque ali estava – era notável que os presentes se conheciam. Optei por permanecer em silêncio. Após conversarem, decidiram por entoar um cântico, composto pelas palavras “Shalom Adonai Shalom”. Aparentemente todos conheciam a música e cantaram com desenvoltura.

Após isso, a reunião chegara ao final e a mulher que estava à frente, próxima ao aparelho de som, voltou-se para mim com ar de simpatia, esperando que eu me apresentasse. Disse, então, ser pesquisador do Programa de Ciência da Religião da UFJF, cujo tema de pesquisa era Trigueirinho. Tanto ela, quanto outros participantes do encontro acenaram positivamente, demonstrando contentamento pelo meu interesse e perguntando, inclusive, se havia outras pesquisas sobre o assunto. Troquei *e-mails* e telefone para contato com as duas coordenadoras do encontro. Uma delas se mostrou muito solícita, e conversou durante algum tempo explicando algumas das ideias de Trigueirinho, que tinha muito material e que poderia me ajudar bastante na pesquisa, mostrando-se bem empolgada; disseram-me também que o grupo reúne-se há cerca de dez anos.

Após esse primeiro contato, cheguei a participar de outra reunião das 19h. Já sabia, porém, que o encontro inicia-se sempre às 17h, apenas para os membros, mas não tinha informações sobre sua estrutura. O interesse de uma das coordenadoras a levava, inclusive, a me explicar didaticamente alguns termos que surgiam durante as falas e orações. Desde o início me senti bem aceito pelo grupo, e por fim fui convidado para participar das reuniões a partir das 17h, o que passei a fazer. Até então, segundo o projeto da pesquisa, almejava também uma vivência na Comunidade Figueira, o que sempre comentei com os membros, que me informavam que eu deveria fazer uma entrevista – processo pelo qual passam todos que desejam visitar o local – e que logo a conversa seria marcada.

Já próximo à metade do ano de 2015, apressei as conversas para a realização da entrevista e a suposta viagem à Figueira. Nesse momento, percebi uma atitude um pouco mais evasiva da coordenadora. Ainda assim, ela me garantia a marcação da entrevista. Com a

demora no desenrolar da situação, acionei outro contato: uma assessora da comunidade que conhecera quando produzi a reportagem, em 2011. Mantive contato por telefone, e esta se mostrou também muito solícita em dar andamento ao processo de entrevista. Em poucos dias, ela me passou o nome e o contato de quem eu deveria procurar: a própria coordenadora de Juiz de Fora.

Considero este é um ponto importante a ser registrado. Em todo o material de divulgação relacionado à Comunidade Figueira, tanto impresso quanto pela internet, é frisado que as visitas ao local devem ser tratadas, via entrevista, com coordenadores da cidade do visitante ou cidade próxima. Ao tentar acelerar o processo, por meio de um contato interno da comunidade, retornei a esse mesmo ponto, sendo direcionado para a coordenação regional, ou seja, existe uma expressiva organização que não deixa lacunas para “transgressões” de regras. A hierarquia na definição dos passos a serem dados para que se visite a comunidade, que não podem ser desrespeitados, parece se refletir no respeito à hierarquia entre membros e dirigentes da comunidade, a julgar, também, pelo que aconteceu em seguida.

Após o contato da comunidade reafirmar a necessidade de que a entrevista partisse da coordenação local, participei de mais uma reunião do grupo. Ao final, conversei com a coordenadora em busca da entrevista. Na verdade, pareceu-me que essa foi “a entrevista” em si. Pelo fato de tratar-se de uma pesquisa, configurava-se um caso especial, então a suposta atitude evasiva da coordenadora passava a fazer mais sentido, tendo esta me perguntado se meu interesse na comunidade era “apenas pela pesquisa” ou se havia também “interesse espiritual”.

Acredito que essa conversa tenha sido um dos momentos mais delicados de toda a pesquisa. Por um lado, poderia, sim, dizer que interesse principal seria a pesquisa. Até porque, este era o motivo da minha presença ali – desde o início, tendo me apresentado como pesquisador e sendo bem aceito sob essa identidade. Por outro lado, tudo o que já havia lido sobre a Comunidade despertava-me o interesse na experiência de uma vivência real. Obviamente, não havia o mínimo anseio por algo como uma “conversão”. Aliás, anseia-se por conversões? Pode até ser que sim, mas, na maioria das vezes, creio que ela naturalmente acontece. De qualquer forma, esforcei-me por explicar o que era um trabalho de campo – ao mesmo tempo, vivência real e pesquisa. Foi algo difícil de se fazer, apenas retoricamente, sem os recursos teóricos e o tempo para expor as ideias em letras. Ainda mais diante de um nativo visivelmente preocupado com uma possível deturpação de sua fé. Por fim, acredito que a explicação foi satisfatória. A resposta final ainda seria dada após consulta com dirigentes da comunidade.

Nos dias seguintes tentei, sem sucesso, contato telefônico com a coordenadora, e lembrei-me que na reunião anterior alguém teria dito que ela faria uma viagem à Figueira. Imaginei que o assunto de minha possível visita seria tratado, embora já imaginasse o resultado. No início da semana recebi o telefonema: a coordenadora dizia ter acabado de voltar da comunidade e que minha visita foi negada pelos dirigentes responsáveis. Pedindo-me desculpas, disse que havia uma nova norma em Figueira que “proibia visitas com intuito de pesquisa”, devido a uma pesquisa feita anteriormente que “não teria agradado”. A comunidade só permitiria visitas com “objetivo espiritual”. Ainda assim, a fala era bastante cordial; a coordenadora parecia de fato decepcionada em me dar as más notícias, mas essa era a decisão final dos dirigentes. Perguntei, então, se poderia continuar frequentando o grupo, e a resposta foi a mesma: se fosse para a pesquisa, seria melhor que não participasse mais. Expliquei que o projeto continuaria, e que prosseguiria com a pesquisa com o material reunido até então, principalmente com o que é público, como publicações, vídeos e palestras divulgados pelos *sites* oficiais da comunidade e de Trigueirinho. Após a despedida, igualmente cordial, não houve mais contatos com essa finalidade.

O que, a partir da lógica interna da “doutrina” de Trigueirinho, seria motivo da negação de pesquisas na comunidade? Conforme observou-se nos capítulos anteriores, as críticas às ciências tradicionais é uma tônica da religiosidade Nova Era, assim como na cosmologia de Trigueirinho, entusiasta de uma ciência espiritualizada. Um trecho do verbete “Pesquisa” de seu Glossário Esotérico (2010a), pode esclarecer a questão:

PESQUISA – Surge de modo embrionário no animal que, por instinto, explora o ambiente à procura de alimento e proteção. Com o desenvolvimento da inteligência unido à autoconsciência, no ser humano esse comportamento adquire maior complexidade e fundamenta-se em motivos mais elevados. Toma-se busca de conhecimento e emerge da sua necessidade de compreender a vida, o universo, a Natureza e suas leis. Na presente civilização, ainda predominam na pesquisa métodos dedutivos pelos quais se colhem informações sobretudo com os sentidos externos. Agindo assim, o ser humano restringe-se ao âmbito concreto, permanece confundido e dispersa energia em enganos e procedimentos supérfluos. Para uma pesquisa mais autêntica e profunda, deve considerar a existência material como parte de um todo, como reflexo de vidas e energias intangíveis. [...] Enquanto pesquisadores da ciência oficial buscam por meios racionais descobrir planetas físicos habitados e investigar os segredos do cosmos, na Terra, seres de mundos distantes e civilizações intraterrenas avançadas auxiliam o progresso de modo invisível e silencioso. No entanto, simultaneamente ao despreparo da maioria das instituições científicas para darem esteio ao desenvolvimento de pesquisas genuínas, inicia-se um movimento de transformação interior nos mais permeáveis aos impulsos evolutivos que atualmente incidem sobre a humanidade; são assim conduzidos a uma procura mais profunda e espiritual da verdade. Despertar para uma visão intemporal e não-histórica do mundo é uma necessidade. Não há como separar a realidade observada da consciência do observador, uma vez que todo o universo é consciência. Desse modo, volta-se ao que primordialmente cabe ao homem perscrutar: o interior de si mesmo (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p. 343-344).

Essa problemática do confronto entre ideias religiosas nativas e referenciais teóricos dos pesquisadores é uma importante questão dentro do estudo das religiões. Segundo Cruz (2013, p. 44), os conhecimentos do fiel e seu peso referencial devem ser continuamente colocados em tensão com o saber acadêmico. Suas afirmações e comportamentos precisam ser colocados em diálogo com a própria intencionalidade de seu discurso. Em resumo,

não basta ao cientista da religião dizer algo do tipo “os cristãos consideram que Jesus Cristo é Filho de Deus” como parte da realidade cultural, e tirar consequências daí, mas precisa enfrentar continuamente a afirmação dos cristãos de que “Jesus Cristo é Filho de Deus”, como parte da realidade objetiva de mundo (CRUZ, 2013, p. 44).

Ao defender uma abordagem da religião a partir das Ciências Sociais, Camurça (2008, p. 64) acredita que o “objeto religião”, dentro da pesquisa, só pode irromper por meio de métodos e teorias específicas, ainda que interdisciplinarmente, dentro também de determinados contextos de realidade (histórico, sociocultural etc.). Ou seja, o fenômeno deve ser apreendido por meio das mediações teóricas e das mediações da realidade. O autor também nos oferece uma perspectiva antropológica, base a partir da qual construímos este trabalho:

Para a Antropologia é fundamental compreender as manifestações religiosas “em seus próprios termos”, “a partir de dentro”, captando sua lógica interna, compreendendo o sentido atribuído às crenças pelos que nela creem. No entanto, as conclusões a que chega o antropólogo quanto a essas crenças e práticas religiosas são diferentes daquelas a que chegam os “nativos”, sob pena de o primeiro apenas reiterar o credo e as explicações autorreferentes dos segundos. O antropólogo deve fazer interpretações de interpretações, “interpretações de segundo grau”, partindo sempre das interpretações nativas e de uma compreensão profunda de seu universo, sob pena de interpretar a partir de bases falsas (CAMURÇA, 2008, p. 64).

Uma vez que a lógica interna nativa considera a ciência oficial em demasia materialista, instituições científicas despreparadas e defensoras de procedimentos supérfluos, permitir a pesquisa de campo na comunidade seria incoerente com a própria cosmologia. A recusa da permissão para a pesquisa de campo na Comunidade Figueira tem tanto a nos mostrar sobre o grupo estudado quanto a inserção, caso essa fosse possível.

Assim, a parte da pesquisa que buscava uma vivência de campo na comunidade redirecionou-se para uma experiência *on-line*. Ainda que a Comunidade Figueira seja a sede, onde passam maior parte do tempo Trigueirinho e os dirigentes da Ordem Graça Misericórdia, há outras comunidades e entusiastas espalhados por vários países do mundo, assim como o grupo de Juiz de Fora. Sendo as transmissões ao vivo pela internet das aparições de Nossa Senhora uma orientação da mesma aos videntes, e também pelo fato de Trigueirinho fazer uso

da internet para palestrar em tempo real para todos os grupos de seguidores, atentar-se ao fator virtual torna-se imprescindível. Diante da impossibilidade de uma vivência pessoal em Figueira, a “pesquisa de campo *on-line*” surgiu não apenas como única possibilidade, mas demonstrou-se fundamental na compressão de uma comunidade que se reúne à distância, mantendo o sentido comunitário, articulando duas tendências expostas por Amaral (2000, p. 204): a intersocietal, do “pensar globalmente”, e a intrassocietal, das relações face a face em sociedades individuais, conforme veremos adiante.

4.2 A REDE-LUZ

Conforme explicado anteriormente, o grupo de seguidores de Juiz de Fora foi descoberto através de um cartaz afixado no mural do Instituto de Ciências Humanas da UFJF, momento a partir do qual passei a participar de algumas reuniões, até o há pouco comentado momento da “retirada”. Foram documentadas as participações em quatro reuniões ao longo do primeiro semestre de 2015, além da primeira, quando conheci o grupo. Trata-se de um dos muitos grupos da “Rede-Luz”, cuja formação também teria sido pedida por Nossa Senhora em uma de suas aparições e que frequentemente recebem orientações advindas de aparições mais recentes:

Como Imaculado Coração quero voltar a tecer em vossas vidas a definitiva Rede-Luz de serviço, da cura nos mais sofridos, da oração universal e planetária, e da instrução constante de minhas palavras maternais. Com isso, filhos meus, digo-lhes que hoje, véspera de Natal, nasce Cristo por meio da expressão de todos os missionários marianos da Rede-Luz Universal, porque Meu Coração Materno acompanha o desenho do Plano do Altíssimo através dos projetos realizados pela doação abnegada e sincera das almas na Terra. Cristo nasce nesta véspera de Natal sob a luz e o amor de todos os missionários da Rede-Luz Universal que adoram Seu Sagrado e Bendito Coração. Queridos filhos, que este encontro Comigo, neste glorificado dia, seja motivo de alegria, porque por intermédio das obras missionárias da Rede-Luz Universal o Pai salva almas e acende a esperança, a cura, o serviço e a oração naqueles que O perderam. Pela existência da Rede-Luz Planetária, Deus pode mostrar aos Seus filhos Sua vontade e as necessidades que muitos dos Meus filhos vivem neste tempo de transição. Que esta nova Estrela de Belém da Rede-Luz Universal os una profundamente com a Consciência Divina de Deus, para que reconheçam no Amor do Altíssimo Sua absoluta Vontade. Que através da doação, por inteiro, de todos os missionários-luz, meus filhos mais carentes possam renascer neste tempo sob o Amor Redentor de Meu Filho. [...] Queridos filhos, muitos princípios de Luz e de Paz poderão ser encontrados quando, na Rede-Luz Universal, somente trabalhem com a esperança de que toda a humanidade alcance a redenção diante de Deus Pai. Por meio do serviço unido e fraterno entre as almas, Meu Coração Materno os chama a reconhecer que vosso propósito é que o mundo inteiro viva os esperados anos de paz, anos que reconstruirão a humanidade e os Reinos. Filhos Meus, sob a guia do Espírito Santo consagro esta nova estrela da Rede-Luz Universal, em nome do Pai, do Amor do Filho e da guia perpétua do Espírito Santo.⁴³

⁴³Disponível em <http://www.divinamadre.org/sites/default/files/pdf/revista/sinais_18_portugues_pdf.pdf>. Mensagem atribuída a Nossa Senhora em aparição, em 24 de dezembro de 2012. Acesso em 20 set. 2015.

Há também um periódico destinado aos grupos da Rede-Luz, chamado Sinais de Oração, igualmente idealizado por Nossa Senhora, no qual consta a mensagem acima. Seu 18º número foi dedicado inteiramente à temática da Rede em si. Além da formação de grupos físicos, considera-se a Rede-Luz um “estado de consciência”, ou seja, ações guiadas pela perspectiva interior dos participantes. Enfoca-se, também, o aspecto grupal:

Praticar e exercer esses Princípios anunciados pela Mãe Divina é uma oportunidade rica em aprendizagens. Os grupos Rede-Luz reúnem-se por afinidade a esses propósitos e, assim, uma sagrada irmandade vai sendo semeada. Enquanto trabalham, esses grupos tornam-se canal de luz entre a Terra e o Céu. E como a proposta é de que tudo seja vivido com o coração, e de forma verdadeira, os grupos podem ser multiplicadores dessa ação pelo Bem e pela Paz. A beleza e a alegria que fazem parte das tarefas da Rede-Luz não excluem o grande desafio de estarmos trabalhando em grupo. Ser um grupo Rede-Luz é uma construção que vai acontecendo gradativamente à medida que cada participante realiza um trabalho em seu interior. Ser um grupo Rede-Luz significa esforçar-se para que as preferências pessoais e individuais sejam superadas, para que a tarefa grupal seja a prioridade. Ou seja, abrimos mão daquilo de que gostamos ou preferimos para que a unidade do grupo prevaleça – abrindo mão de uma oração preferida pela oração escolhida pelo grupo, por exemplo (SINAIS DE ORAÇÃO, 2013, p. 6).

Ainda segundo o periódico, existem 370 grupos da Rede-Luz, em 24 países, agrupados em 20 regiões. No Brasil, por exemplo, a divisão é feita por estados – Rede-Luz Minas Gerais, Rio de Janeiro etc.; já no exterior, por países ou continentes – Rede-Luz Argentina, Rede-Luz Europa etc. (SINAIS DE ORAÇÃO, 2013, p. 7).

Mais detalhes sobre a Rede-Luz serão esclarecidos adiante, na etnografia das reuniões. Serão descritas, de forma mais detalhada, duas delas, para demonstração de certa constância estrutural dos encontros. Como procedimento metodológico, os nomes dos participantes serão omitidos. Como o contato com o grupo foi terminado antes que pudesse efetuar entrevistas com alguns membros e recolher dados, suas características puderam ser inferidas apenas pelo relacionamento durante os encontros. Pela observação, pude deduzir que a faixa etária varia entre os trinta e sessenta anos de idade, visto que, em geral, eu aparentava ser o mais novo presente nos encontros, que contava inclusive com senhores e senhoras que aparentavam ter mais idade. Coloco aqui esses “dados” para melhorar a exposição do contexto, evitando esmiuçar quaisquer análises ou relações mais contundentes no presente estudo, já que não pude confirmá-los.

Todos os participantes com os quais tive oportunidade de conversar disseram acompanhar a trajetória e as obras de Trigueirinho antes do que classifico neste trabalho como sua “segunda fase”, mais afeita ao cristianismo/catolicismo. Aqui, é importante lembrar que

essa distinção é feita a partir de minha análise. Para o grupo, cósmico e cristão se articulam e coincidem; assim, deve ficar claro que os membros do grupo partilham do ideário de que Nossa Senhora e Jesus vieram para confirmar os dados da obra de Trigueirinho, fazendo também parte das “Hierarquias”.

Não observei ninguém que tenha aderido ao grupo por causa desse caráter cristão, de aparições marianas e presença da Sagrada Família; conforme pude apurar, o grupo data de antes dessas manifestações, tendo incorporado as mudanças em consonância com a comunidade sede de Figueira e obras e relatos de Trigueirinho, quando da criação da Ordem Graça Misericórdia e início das aparições marianas. Como um dos participantes comentou, Nossa Senhora “viu que a situação estava complicada” e passou a manter contato para “chamar mais atenção” para a necessidade de mudança de conduta por parte das pessoas – ou seja, o aspecto cristão não inviabiliza, mas reafirma o ideário cósmico anterior.

Outras informações obtidas durante outras reuniões também serão apresentadas a seguir, para análises e esclarecimentos necessários, bem como interlocuções teóricas que se mostrem pertinentes.

4.2.1 Reunião em janeiro de 2015

A reunião aconteceu em uma sala pequena, em um hotel no centro de Juiz de Fora, onde repete-se toda quarta-feira, às 17h. Segundo me conta um dos participantes, apenas as reuniões das terceiras quartas-feiras de cada mês são abertas ao público, das quais participei anteriormente. Ainda assim, apenas a última parte dessas é aberta, a partir das 19h, com a leitura de alguma mensagem das aparições de Jesus, Maria ou José e comentados por Trigueirinho, geralmente em áudio gravado.

Sendo a primeira quarta-feira do mês de janeiro, a reunião foi voltada apenas para o grupo da Rede-Luz. Ainda de acordo com o mesmo participante, é um “estudo mais profundo” do que ele chama de filosofia de Trigueirinho, tendo comentado que o autor é um “legítimo filósofo”, além de espiritualista. Compareceram ao encontro oito pessoas, quatro mulheres e quatro homens, contando comigo. Na sala do hotel encontravam-se cerca de dez cadeiras de frente para uma TV, na qual estava conectado um *notebook* com acesso à internet. Havia uma mesa com jarras de água, garrafa de café e copos descartáveis. Ao contrário dos dias de encontros aberto ao público, não havia livros, CDs e DVDs expostos.

Assim que um dos coordenadores dos encontros conectou-se à internet, iniciou-se a transmissão do *notebook* para a TV. Tratava-se de uma área no *site* da Comunidade

Figueira⁴⁴, onde era possível observar um *player* de vídeos com os dizeres “Transmissão ao vivo, partilha de Trigueirinho, 17h”. Pouco depois do horário, iniciou-se a transmissão, com Trigueirinho aparecendo próximo a um microfone afixado em um pedestal. A câmera foca apenas Trigueirinho, que está à frente de uma parede branca. Este começa a falar, dizendo que primeiramente tratará de questões de ordem prática, como os gastos mensais da comunidade, que segundo ele vive de doações para executar todos seus trabalhos. Em seguida aparece outro senhor, vestindo um hábito, que passa a detalhar outras questões práticas e fala sobre o andamento de obras e projetos da comunidade. Trata-se de um membro da Ordem Graça Misericórdia.

A palestra, ao vivo e transmitida *on-line* da Comunidade Figueira, dura cerca de uma hora e meia. Nela, Trigueirinho comenta mensagens enviadas por Jesus, Maria e José em suas aparições, nas quais os homens da superfície da Terra são orientados a orarem por determinadas questões. Nessa palestra, um dos enfoques foi a necessidade de orar pelos reinos da natureza, agredidos pela ação do homem, tanto o reino vegetal, quanto os reinos animal, mineral e “elemental”. Segundo Trigueirinho, “algumas flores não podem nem nascer mais na Terra, sendo mandadas para outros planetas pelas hierarquias dos reinos”, mas a natureza será mais respeitada na “Nova Terra”. Como já comentado, observa-se a preocupação com a ecologia ligada a uma perspectiva transcendental: seres imperceptíveis aos homens atuariam transferindo espécies que não conseguem sobreviver na atmosfera prejudicada pelo ser humano. Só na “Nova Terra” certos vegetais poderão novamente florescer, ou seja, como bem observa Amaral (2000, p. 61), só quando os humanos se reconciliarem com a natureza poderão restaurar a saúde do mundo, o que parte de uma mudança de consciência. Enfim, como aqui minha intenção é, mais especificamente, relatar a experiência do grupo, julgo ser suficiente dissertar sobre essa parte da longa transmissão, a ser relacionada à discussão do encontro em seguida.

Durante a palestra, os participantes permanecem atentos à TV, alguns de olhos fechados, apenas ouvindo. Um deles tinha uma postura de mais reverência, como em oração: olhos fechados e mãos postas na maior parte do tempo. Trata-se de jovem que se apresentou ao grupo como vindo diretamente da Comunidade Figueira, por onde ficara por onze meses. Segundo ele, Juiz de Fora encontra-se em Mirna Jad, um dos centros energéticos planetários – conceito explicitado em capítulos anteriores –, e as hierarquias têm enviado muitas energias para essa área do planeta, não deixando claro qual área ou sua extensão. Ele teria vindo e

⁴⁴ Disponível em <<http://www.comunidadefigueira.org.br>>. Acesso em 8 jan. 2015.

permaneceria na cidade pelo tempo indicado “por orientação interna”, pretendendo, durante o período, fazer um trabalho de “ecumenismo profundo”, entrando em contato com o que chamou de “o grupo do Tao”, que “trabalha com a hierarquia do Tao, uma hierarquia importante”: famílias taiwanesas que mantem conhecidos restaurantes vegetarianos na cidade e que, segundo ele, também promovem reuniões de cunho religioso com relação ao taoísmo. O adepto também disse pretender encontrar-se com grupos praticantes de yoga na cidade. Novamente pode-se remeter a Amaral (2000), que considera a religiosidade Nova Era uma religiosidade que tem na busca de sentido uma de suas principais características, assim como a valorização do *self*, o encontro com um “eu” superior. O caso do rapaz citado é exemplar a esse respeito. Após de ter passado meses em uma comunidade, ele “ouve” seu interior, seu *self*, que o orienta na busca por ecumenismo. Há de se considerar também o termo “hierarquias do Tao”. Embora não se tenha tido tempo de que ele se expressasse melhor, pode-se deduzir uma instrumentalização conceitual típica da bricolagem, feita tanto por adeptos da religiosidade Nova Era quanto por grupos: ao considerar o Tao ou o Taoísmo como “Hierarquias”, faz-se uma interpretação à luz da cosmologia de Trigueirinho. Apesar disso, a busca de uma “ecumenismo profundo” e a consideração para com outras religiões reforça a ideia de negação a exclusivismos religiosos, ou seja, os caminhos válidos da “busca” são muitos.

Terminada a palestra, os participantes também passam a conversar sobre questões de ordem prática, como locais de novos encontros, datas e horários. Além disso, um deles pergunta se há candidatos a ajudarem em uma obra de assistência social municipal que atende moradores de rua, servindo café da manhã. Outra participante fala sobre a arrecadação de material para uma comunidade de Teresópolis, ligada a Figueira, que “trabalha principalmente com os reinos da natureza”, além de abrigar famílias e crianças.

Embora observemos a valorização da questão interna, do cultivo do *self*, os grupos da Rede-Luz devem se pautar pelo “serviço” e pela “cura” (REVISTA SINAIS DE ORAÇÃO, 2013, p. 4). Assim, atividades práticas de caridade parecem ser sempre discutidas e colocadas em ação. Um dos grupos da Rede-Luz, por exemplo, é responsável por um canil na cidade de Lavras, no sul de Minas Gerais. Vejamos, nos termos redigidos na revista oficial:

Em junho de 2010, a Prefeitura Municipal de Lavras cedeu, por 30 anos, o terreno de um matadouro de bovinos e suínos. O local ainda exalava sangue e havia ossos jogados pelos caminhos. Um grande trabalho grupal de limpeza e *transmutação desses vestígios do sofrimento e sacrifício dos animais* ali abatidos teve início. As principais ferramentas dessa empreitada eram a compaixão, o amor e a oração. De Figueira chegavam ônibus com voluntários de vários estados do Brasil e de outros países. Descascavam paredes, arrancavam ferros, preparavam o terreno em torno do córrego para o plantio de 300 árvores

nativas. Em agosto, iniciou-se a construção e reforma do espaço. [...] A meta do Parque é *um exercício de oferta incondicional aos reinos animal, vegetal e mineral*. Milhares de cães e centenas de pessoas são transformados e tocados por essa obra de amor; um pequeno serviço para minimizar o sofrimento do nosso planeta (REVISTA SINAIS DE ORAÇÃO, 2013, p. 8-9, grifos nossos).

Observa-se que o trabalho grupal é pautado em bases cosmológicas identificáveis conforme o já exposto nos capítulos anteriores. Trata-se não apenas de caridade ou de simples preocupação ambiental, mas de “cuidar dos reinos da natureza” em uma perspectiva holística que, no caso, não envolve só os cuidados com os cães, mas preocupação com os animais anteriormente abatidos, o plantio de árvores e, por fim, a “minimização do sofrimento planetário”. Logo, pode-se considerar a caridade como outro tema cristão recuperado, porém, reapropriado de uma forma holística, *new age*.

Após a conversa sobre os trabalhos voluntários, foi aberto na TV, pela organizadora do encontro, um arquivo de imagem com a imagem de Jesus, semelhante às representações gráficas católicas. É distribuído aos presentes um folheto com letras de músicas, chamado “Cantando com a Mão Universal”; um dos participantes cita uma das canções, que é cantada por todos. Nos encontros, não procuraram me familiarizar sobre a autoria e importância das músicas, mas sempre que possível me era disponibilizado um dos folhetos para acompanhar o canto. Esse e outros folhetos, bem como suas músicas gravadas, estão disponíveis para *download* no site Divina Madre⁴⁵. Embora não haja detalhamento sobre a autoria das músicas, consta na página que essas são inspiradas nas Comunidades-Luz e Grupos de Oração, ou seja, comunidades como a de Figueira e grupos como o de Juiz de Fora. A prática do canto também é justificada nas aparições marianas. Em um desses contatos, Nossa Senhora teria expressado essa necessidade:

Cantem e alegrem seus corações; é necessário para que Minha Paz se estabeleça. [...] Recordem cantar para mim uma vez mais, não só para glorificar o Pai, mas também para aliviar Meu Coração, que carrega o peso do mundo, de muitas almas que sofrem há muito tempo. [...] Quando lhes peço que cantem para mim, é para que Minha Graça possa abrir-se desde os Céus e possa invadir o profundo das almas. Por isso peço-lhes [...] que [...] cantem junto Comigo, não só para receber Meu Coração de Luz, mas também para que vivam diariamente em Meu Filho. [...] Alegria e esperança para o mundo.⁴⁶

A organizadora propõe, em seguida, que se reze o “Rosário pela Salvação dos Reinos da Natureza” e distribui impressos com a oração que, segundo constava na própria folha, fora ditada por Nossa Senhora em uma de suas aparições. Na comunicação, ela pedira para que se reze pelos reinos da natureza, como também mencionara Trigueirinho em sua palestra ao

⁴⁵ Disponível em <<http://www.divinamadre.org/pt-br/musica-canticos>>. Acesso em 10 jan. 2016.

⁴⁶ Disponível em <<http://www.divinamadre.org/pt-br/musica-canticos>>. Acesso em 10 jan. 2016.

vivo. Cada dezena está relacionada a um reino da natureza; na primeira dezena, por exemplo, repete-se dez vezes “Pelo dom da Piedade que brota do Coração de Deus, Senhor, tende Misericórdia do Reino Mineral”⁴⁷. As dezenas seguintes pedem pelos reinos vegetal, animal, humano e elemental. Entre cada dezena há a “conta da união”: “Pela infinita Misericórdia que brota dos Corações de Jesus, de Maria e de São José, Pai, oferecemos-Te nossas vidas em sinal de conversão. Amém.”. Apenas alguns participantes tem um rosário à mão, ficando a cargo de alguém avisar quando se chega à décima conta de cada dezena. A maioria reza com os olhos fechados. Canta-se mais uma das músicas do folheto. Assim como na primeira ocasião, todos parecem conhecer bem a música e cantam com entusiasmo, alguns de olhos fechados. Em seguida, a organizadora propõe mais um rosário, agora o “Rosário das Sete Agonias de Jesus”, que teria sido ditado por Jesus em uma de suas aparições. Cada uma das sete dezenas corresponde, de acordo com o folheto distribuído, a um estado pelo qual teria passado Jesus durante sua Paixão – como já explicitado, momentos em que o planeta teria passado por uma espécie de “redenção energética”, ficando impregnado com as energias do sacrifício de Jesus:

As Sete Agonias vividas por Mim representaram o antes e o depois na purificação do pecado da humanidade e de sua perdição. Em cada agonia que foi experimentada e vivida por Mim guardou-se um sentimento puríssimo de transmutação e transverberação através do Espírito Santo em Cristo. Isso significa que as Sete Agonias foram cumuladas e aliviadas pelos dons do Espírito Santo durante a Paixão. Se não houvesse sido assim, Eu não teria podido chegar à Cruz, à Morte nem à Ressurreição. As Agonias representam uma mudança molecular de um estado corrupto a um estado sublime. Essa foi minha principal tarefa através do padecimento na Paixão e na Cruz.⁴⁸

Na primeira dezena, repete-se: “Pela agonia de Jesus no Horto Getsêmani, Adonai, fortalece nossa fé”. Na sequência, os pedidos iniciam com: “Pela condenação de Jesus”, “Pela severa flagelação de Jesus”, “Pela coroação dolorosa de Jesus”, “Pelo peso da Cruz”, “Pelas três quedas de Jesus” e “Pela sagrada morte de Jesus”, sempre finalizando com “Adonai, fortalece nossa fé”. Nesse, a conta da união é “Pelos martírios suportados, pelas dores transmutadas, pela vitoriosa misericórdia alcançada, Cristo Redentor, libera-nos das amarras. Amém.”.

Mais uma vez, há uma referência ao catolicismo e seus instrumentos tradicionais, nesse caso, os “mistérios dolorosos” do terço, relativos à paixão de Cristo. Poderíamos dizer

⁴⁷ Disponível em <<http://www.divinamadre.org/pt-br/ejercicios-espirituales/rosario-por-los-reinos-de-la-naturaleza>>. Acesso em 8 jan. 2015.

⁴⁸ Mensagem atribuída a Jesus em uma aparição. Disponível em <<http://www.divinamadre.org/pt-br/ejercicios-espirituales/rosario-das-sete-agonias-de-jesus>>. Acesso em 8 jan. 2015.

se tratar de uma “vertente crística” da Nova Era, criticada por fazer reinterpretações e manipulações de Jesus e seus ensinamentos – ao contrário de uma vertente monista ou panteísta (CAMURÇA, 2014, p.175). Por outro lado, pôde-se observar até aqui que o conteúdo cristão convive e reitera o “cósmico” ou “intergaláctico”, onde seres angelicais, extraterrestres, elementos da natureza e a Sagrada Família são todos “Hierarquias”, em diferentes níveis. Assim sendo, tem-se um conteúdo crístico ou panteísta? Na teoria, ou seja, nas diversas obras de Trigueirinho, trata-se, sim, desse segundo caso; por sua vez, nos momentos como o da oração de rosários e durante as aparições, nota-se que os fiéis/seguidores rendem-se à tradição cristã/católica, como se essas referências, tão arraigadas, não deixassem espaço para o panteísmo *new age*; Jesus faz parte das “Hierarquias”, mas ao falar-se de Jesus, nos encontros, há o respeito e veneração tradicionais, sem que ele seja considerado “apenas mais um” ser dos cosmos.

Devo lembrar também de uma senhora participante do grupo, que ao sermos apresentados disse que eu “teria muito o que pesquisar”, porque Trigueirinho “tinha muita coisa”, e forçando a memória, completou: “tem até... como chama? Ufologia, né?”. Logo, percebe-se que ela estava mais atraída pela “parte cristã”, por assim dizer, enquanto outros membros poderiam ter predileção pela questão “ufológica” – e, alguns, como os coordenadores, ligados à articulação entre os dois eixos, que classifiquei neste trabalho como diferentes “fases”. O ponto a que quero chegar nessa reflexão é que todo este conteúdo (obras *new age* de Trigueirinho e suas palestras, mensagens cristãs das aparições) oferece um leque de opções dentro da própria cosmologia para diferentes preferências individuais, embora haja relações que garantam a coerência interna entre conteúdos “intergalácticos” e cristãos.

4.2.2 Reunião em março de 2015

Sendo a segunda quarta-feira do mês, a reunião foi novamente voltada apenas para os membros da Rede-Luz, sem possibilidade de participantes externos – exceto por mim, previamente convidado. Inicialmente contava apenas com três pessoas, quatro com o pesquisador, provavelmente em razão da chuva que caía na cidade. Outros quatro se juntaram ao grupo, chegando um a um, na meia hora seguinte ao início da palestra *on-line* ao vivo, que iniciara às 17h, como de costume.

Ainda que no mesmo hotel, o encontro aconteceu em outra sala, um pouco maior que a do primeiro acompanhado. As cadeiras foram posicionadas em semicírculo ao redor da TV que, ligada ao computador, transmitiu a palestra. Encostada na TV, usando-a como suporte,

estava uma foto impressa de Jesus, a mesma que no último encontro foi apresentada em versão digital na tela do aparelho. Havia também um impresso da Mãe Universal, Maria, na mesa, próximo à TV. Diferentemente da transmissão da palestra acompanhada em janeiro, que contava apenas com Trigueirinho, esta teve também a presença de Madre Shimani. A transmissão a focava e Trigueirinho, sentados ao microfone, em frente à mesma parede branca. Pela interação desses, é possível notar que há uma plateia acompanhando a fala presencialmente na Comunidade Figueira. O tema da transmissão é uma mensagem que Maria teria transmitido no mesmo dia, pela manhã, a uma das videntes. A fala da Mãe Universal faz inúmeras referências ao livro do Apocalipse de São João, frisando que a humanidade passa por um momento de transição, cujos símbolos se encontram no livro. Após tendo lido na íntegra a comunicação, Trigueirinho passa a selecionar trechos, os quais pede que sejam explicados por Madre Shimani: “O que ela quer dizer com esse trecho, madre?”. Em alguns momentos, alguém da plateia intervia, fazendo perguntas que não eram audíveis pela transmissão, já que só os palestrantes tinham microfones. As questões eram prontamente respondidas.

Durante a conversa, tanto Madre Shimani quanto Trigueirinho relacionaram situações da atualidade com suposto momento apocalíptico no qual vive o planeta. Os embates e as guerras no Oriente Médio e os atos do grupo Estado Islâmico, frequentes no noticiário, foram discutidos como sendo fruto de um tempo em que “vigora a lei do apocalipse, em que tudo é permitido”, o que antecede o período de prosperidade, de uma nova era de paz. Com a interação entre Trigueirinho e Madre Shimani houve muitos momentos bem-humorados, em que os palestrantes riam, faziam alguns gracejos, principalmente no que diz respeito a dicas de conduta para os que querem permanecer “do lado do bem”, como no momento em que Madre Shimani comentou sobre evitar beber cerveja, por exemplo. A transmissão durou cerca de uma hora e meia e focou-se, de fato, na mensagem de Nossa Senhora e em sugestões de conduta.

Após a transmissão há uma pausa, e quase todo o grupo se levanta para beber água ou ir ao banheiro. Uma das participantes chama a todos para verem fotos, tiradas na ocasião da vinda de uma “imagem peregrina” de Maria, abençoada em uma das aparições. As fotos mostravam o dia em que a imagem foi levada a um dos encontros da Rede-Luz e à casa de vários participantes.⁴⁹ Foi um momento de descontração grupal, no qual também foram mostrados registros fotográficos de uma visita a uma creche. Conforme me foi relatado,

⁴⁹ Entre os católicos, tal prática foi abolida a partir do Concílio Vaticano II e recuperada pelos movimentos católico-carismáticos (ORO, 1996, p. 97-99).

nessas visitas conta-se histórias para as crianças, faz-se teatro de fantoches e outras atividades lúdicas. Assim como na reunião anterior, nota-se a preocupação com a prática de ações concretas e assistenciais, um ponto interessante a ser discutido. Se, por um lado, cooperar e participar mais ativamente da mudança do mundo pode ser considerado um “propulsor” da evolução individual – ou seja, preocupando-se com o encontro com o *self*, em preparar-se para a Nova Era individualmente, conforme cita Amaral (2000) – por outro, caridade e assistência têm seu viés de abnegação, de desprendimento do individualismo. Mais especificamente, conforme já comentado, D’Andrea (1996, p. 191) desconsidera Trigueirinho como *New Age* ao argumentar sobre um suposto grau de devocionalismo e dogmatismo de leitores e seguidores, o que seria pouco afeito aos processos reflexivistas e individualistas que o autor considera como preponderantes na identificação e classificação de religiosidades Nova Era. Ao fazermos uma leitura da situação das ações assistenciais por esse mesmo prisma, as conclusões seriam as mesmas: ações concretas estariam além dos processos que visam apenas o indivíduo e sua mudança interior. Acredito que trata-se não de um assistencialismo que visaria somente processos interiores dos que agem, algo como a busca por uma elevação moral ou encontro com o *self*: Em diversas falas, vê-se que a preocupação é com “o mundo”, com “os reinos da natureza”, sendo a assistência necessária para alterar a realidade em busca de um mundo evoluído. O nome Rede-Luz em si, ao se considerar uma rede que se cria permeando o planeta com energias elevadas, denota a atitude voltada para o exterior, e não somente para o *self* – embora esse, sempre importante destacar, deva também ser preparado e moldado para o advento da Nova Era, segundo a concepção evolutiva de Trigueirinho.

Ao fim do pequeno intervalo, todos voltam aos seus lugares e um dos participantes conduz a próxima atividade: a entoação de mantras. Ele inicia, fazendo uma oração, na qual pede para que todos recebam a energia do “sol central da galáxia”. Orou também para que as energias dali se expandissem e disseminassem por toda a cidade, algo a ser destacado: o grupo se vê como uma célula ligada em rede a muitas outras (Rede-Luz), responsáveis por algo como uma sementeira de energias em diversos pontos – é um “trabalho” que visa não só a “evolução” das pessoas ali presentes, mas de todas as outras e, holisticamente, do espaço, do ambiente (vide o pedido para que a energia emane para toda a cidade). “Oramos para nós e também para aqueles que não oram”, disse um dos participantes ao ser perguntado sobre a atividade. Assim, o uso do termo “trabalho” também é significativo.

De olhos fechados, todos entoam mantras no “idioma Irдин”, o “idioma cósmico”, falado pelas hierarquias intergalácticas. De acordo com um dos presentes, trata-se de um “idioma oficial” cósmico – os mantras são transcritos em publicações, com seus respectivos

significados. Irdin é, também, o nome dado à editora que publica os livros de Trigueirinho e dos membros videntes da Ordem Graça Misericórdia⁵⁰. Os mantras eram entoados na reunião em repetição: três deles, cada um repetido trinta e três vezes.

Antes dos mantras, um dos presentes havia perguntado qual era “a pauta de trabalho do dia”, corroborando que as orações são vistas como um trabalho espiritual que reverte-se não apenas pessoal-reflexivamente, mas para o meio, como um serviço abnegado para aqueles que estão “longe da verdade”. Esse “serviço energético” parece ser feito com determinado grau de organização. Os “trabalhos” são designados pela organização estadual da Rede-Luz que, orientadas por Nossa Senhora, Jesus e José e por outras hierarquias⁵¹, define o que vai ser feito por grupos de diferentes regiões do estado – o que condiz com partes da cosmologia de Trigueirinho referentes a “centros energéticos do interior da Terra”, que se encontrariam em diferentes áreas do globo. Existe uma “lógica energética de rede”, onde cada grupo se vê como ponto responsável por “energizar” sua região e conseqüentemente ajudar no difícil momento de transição planetária.

Após os mantras, o grupo inicia a “novena de São José”, que teria sido ditada pelo mesmo em uma de suas aparições, em julho de 2013. Fazer a novena foi sugestão de uma das participantes do grupo, que teria “sentido internamente” essa necessidade. Seria iniciada nesse dia (11 de março) em grupo, e todos fariam as orações dos dias seguintes em casa, sendo que o último dia da novena coincidiria com uma nova aparição de São José, marcada para 19 de março, o mesmo dia em que se celebra o santo no calendário católico. Conforme me foi informado, embora a coordenação estadual seja responsável por definir “os trabalhos”, os grupos têm autonomia para decidir por outras orações e atividades nos encontros. Nesse caso, é importante notar que a decisão não é tão aleatória, mas, em primeiro lugar, relaciona-se com as atividades da comunidade sede (Comunidade Figueira): o fim da novena coincidiria com um evento do calendário oficial, a nova aparição de São José. Em segundo lugar, trata-se de uma inspiração interna de um dos membros. Sendo assim, a escolha relaciona-se com o eu superior, interior, ao *self*. É interessante a valorização, por parte do grupo, dessa sugestão – por ser uma “inspiração interna”, deve ser acolhida.

A oração do primeiro dia de novena é a seguinte: “Ó Pureza Infinita, que nasceste no Castíssimo Coração de São José, irradia Tua Luz aos corações do mundo e vive eternamente em nossos corações, para que possamos alcançar a sublime humildade. Amém.”. Ela deve ser

⁵⁰ Os videntes da Ordem Graça Misericórdia também passaram a publicar diversos livros, pela mesma editora.

⁵¹ Os membros da Sagrada Família também fariam parte das “Hierarquias” responsáveis pelo planeta, como seres angelicais, elementais, extraterrestres (vide item 3.2.3).

repetida 72 vezes, sendo que alguns membros do grupo contam com o auxílio de um rosário durante a atividade. Essa e as orações dos outros dias da novena encontram-se disponíveis no *site* oficial⁵².

O encerramento é feito com um “mantra de agradecimento”, também em “idioma Irdin”, seguido pelo sinal da cruz, em mais uma clara combinação entre “intergaláctico” e cristão. É importante, no entanto, lembrar que há novos sentidos para práticas tradicionais cristãs/católicas. Assim como Jesus passa a ser uma “figura cósmica” e não o filho de Deus, conforme já comentado, a cruz adquire igualmente seu significado cósmico:

A cruz, símbolo do perfeito inter-relacionamento da existência material (haste horizontal da cruz), com a vida interior, espiritual e cósmica (haste vertical da cruz), oculta seu meu mistério na mais profunda essência da vida planetária, a qual acolheu a tarefa de estabelecer a harmonia e o equilíbrio de expressões aparentemente opostas da energia (TRIGIUEIRINHO NETTO, 2005, p. 27).

Dessa forma, o sinal da cruz realizado após uma oração em “idioma intergaláctico” não é apenas combinação entre cósmico e cristão, mas outro indício de reapropriação do cristianismo/catolicismo em um contexto cósmico/esotérico ou *new age*.

Noto que todos sabem pronunciar sem dificuldade os mantras, sem necessidade de qualquer auxílio ou anotação, o que demonstra um conhecimento “litúrgico” coeso. No encontro, a breve explicação sobre os mantras foi de que estão disponíveis compilados, e que seriam “fornecidos pelas Hierarquias”, o que explica o conhecimento prévio dos participantes.

Os mantras são valiosos para a elevação da consciência do ser humano e para o serviço. No entanto, serão inócuos ou poderão ter consequências negativas se houver ambição, ânsia de poder ou intenção de dirigi-los para consequimento de metas pessoais, pois, se o indivíduo não estiver sintonizado com o Alto, o vórtice de energia gerado pelo som mântrico não alcança os níveis internos com os quais ele deve entrar em contato e atrai forças de planos intermediários. Os mantras podem ser pronunciados em voz alta, murmurados, ou expressos só mentalmente. [...] Cada mantra, cada saudação, cada oração é uma chave. É necessário estabelecer a conexão com esse mundo interior para os sons trazerem consigo a energia que os gerou. Assim sintonizado, o indivíduo pode divisar as portas que eles abrem em seu caminho (TRIGIUEIRINHO NETTO, 2010a, p. 279).

4.2.3 A rede: sobre comunidade de sentido e a religiosidade da busca

Que sentidos podemos apreender, tanto da Rede-Luz quanto da sua interligação entre grupos urbanos e a comunidade rural principal, ou “Comunidade-Luz”: a Comunidade

⁵² Disponível em <<http://www.divinamadre.org/pt-br/ejercicios-espirituales/novena-de-oracao-com-sao-jose>>. Acesso em 14 mar. 2015.

Figueira? Lembremo-nos que o que liga essa “rede” é outra rede... A rede mundial de computadores, a internet. Existe uma mediação fundamental, via aparatos técnicos comunicacionais, que possibilita que a Rede-Luz, espalhada por cidades do Brasil e do mundo, transforme-se em uma grande comunidade que, em tempo real, acompanha as palestras e aparições ao vivo. Essa ligação, para os grupos, tem seu significado não apenas técnico, mas espiritual – mais especificamente, “energético”.

Em uma das reuniões, tendo chegado um pouco antes, pude conversar com um dos coordenadores da Rede-Luz Juiz de Fora e esclarecer esse ponto. Iniciei perguntando sobre as orações que são consideradas “da pauta”. Como já havia sido explicado por outro membro da coordenação, as pautas são distribuídas pela coordenação estadual da Rede-Luz; ainda assim, alguns detalhes puderam agora ficar mais explícitos e exemplificados. Contou-me o coordenador que as “orações da pauta” são ditadas pelas Hierarquias, que solicitam o “trabalho de oração” para fins específicos. Como exemplo, foi citada a iminência das inéditas aparições de Maria nos Estados Unidos e na Colômbia – na partilha dessa e de semanas anteriores, tal fato já fora comentado por Trigueirinho. Como seria a primeira aparição nesses países, seria necessário preparação, pois EUA e Colômbia possuiriam “energias muito densas”. Assim, as Hierarquias teriam pedido para que os grupos da Rede-Luz orassem para modificar as energias dos países, preparando o terreno para a aparição. Logo, deve-se ressaltar que a aparição não se dá somente conforme a vontade de Maria, mas necessita de que a energia, essa “moeda cultural do mundo alternativo” (SOARES, 1989, p. 129), uma “categoria-chave new age” (D’ANDREA, 1996, p.158), seja favorável. Ou seja, essa “rede energética”, unificada, é capaz de modificar energias à distância. Conforme comentado em capítulo anterior, trata-se na crença de um fluxo energético capaz de harmonizar ambientes e espaços. Os grupos seguidores da cosmologia de Trigueirinho – “seres da superfície” em processo de evolução – precisam ser ativos no processo de purificação da Terra para que essa, enfim, ingresse na Nova Era. Conforme já pôde exemplificar Amaral (2000, p. 45-46), considera-se, no pensamento *new age*, energias “paradas” ou “bloqueadas” como algo negativo. Por outro lado, energias em movimento são positivas não só para o ambiente, mas auxiliam holística e positivamente o indivíduo e sua purificação. Tudo isso é notável nas orações do grupo, nas quais frequentemente o preletor pede que as energias ali emanadas se expandam para a cidade, para a região, para o mundo – assim como Nossa Senhora, em aparição, pede para que os grupos conjuntamente modifiquem o fluxo de energias negativas de países inteiros: quanto maior a rede energética, mais poder ela tem de modificar a realidade.

Camurça (2014, p. 124) fala sobre as redes em um sentido mais amplo, como característica da Nova Era ao ligar grupos diversos:

Coincidindo sua expansão com a crise das religiões institucionalizadas, o que marca o estilo da Nova Era são as “redes” que sinalizam uma afinidade com a cultura de nossos tempos das ONGs, dos blogs, dos chats, das comunidades virtuais. A ambientação flexível das redes *new age* articula grupos e indivíduos autônomos em entrecruzamentos e partilhas de expectativas similares. É uma religiosidade que não se baseia mais no institucional e territorial, mas nos eventos e nas “vivências” e “workshops” e na comunicação virtual da internet, conectando grupos de diversas procedências. [...] “Redes”, grupos e indivíduos então se constituem sob a égide desta sensibilidade comum e integradora, e isto possibilita que se pronunciem sobre as mais diversas expressões da existência, sejam elas a política, a ciência, a espiritualidade, a psicologia, a educação, a música ou as artes, pois todas remetem ao mesmo princípio cósmico. Uma pessoa que partilha da expectativa e prenúncio dessa “nova era” e que vivencia já seus “sinais” pode mover-se e agir em todo esse espectro variado de expressões da existência, dentro de uma mesma sintonia (CAMURÇA, 2014, p. 124-125).

No caso dos grupos da Rede-Luz, observa-se essa característica de rede como uma rede interna, que liga tais grupos, bem como a crença desses em suas possibilidades “energéticas”. Ainda assim, há certas características comuns, como acima exposto, como a comunicação virtual mediada pela internet, que ignora barreiras territoriais. Na Rede-Luz, grupos e comunidades distantes fisicamente tornam-se uma só comunidade, mediada pela rede. Ao estudar o Movimento Raeliano⁵³, Carly Machado (2010) explicita sua relação comunitária igualmente mediada pelos meios técnicos. Segundo a autora, as práticas dos raelianos são intensamente atravessadas por mediadores midiáticos, como livros, vídeos, *websites*, imagens digitalizadas, músicas etc. A partir da conceituação sobre mediação proposta por Latour (2000; 2001), que considera as mídias como mediadoras de presenças e criadoras de relações até quando as presenças são assíncronas, formando uma rede social entre pessoas, objetos e técnicas, considera-se que esses mediadores permeiam, inclusive, as relações entre esses grupos estudados pela autora. Em resumo, embora haja um projeto individualista por parte dos membros do movimento raeliano, existe um sentido de comunidade que opera à distância, com laços tênues, porém existentes. Os encontros entre grupos, nesse caso, funcionam como “reencontros e reconexões”.

⁵³ O Movimento Raeliano Internacional é um dos maiores movimentos religiosos de crentes em discos voadores e seres extraterrestres do mundo, com cerca de 45 mil membros e presente em 52 países. Seu líder, o francês Claude Vorilhon – Rael, seu novo nome dado pelos extraterrestres – foi contatado por seres que seriam os criadores da raça humana via manipulação genética. O movimento tem certa relação com a política: segundo Rael, ele teria viajado para o planeta Elohim onde estudou, entre outras coisas, o sistema de governo dos supostos criadores dos humanos. Tratar-se-ia de uma “geniocracia”, ou seja, os líderes seriam escolhidos com base em testes de inteligência. Rael chegou a criar um partido político na França, o *Le Geniocratie*, projeto abandonado posteriormente. Os raelianos acreditam que a volta dos criadores de Elohim à Terra acontecerá antes de 2035, sob as condições da construção de uma embaixada para os profetas e cientistas extraterrestres (LEWIS, 2000, p. 249-250).

Essa forma fluida, pouco densa e descontínua, ao invés de representar a falência e o enfraquecimento da ideia de comunidade, faz dessas comunidades mediadas e imaginadas, tais como aqui configuradas, versões viáveis capazes de compatibilizar autonomia individual e agregação comunitária. Cabe destacar a dimensão transnacional das formações comunitárias no contexto dos novos movimentos religiosos. Não apenas uma especificidade da disposição geográfica desses grupos, a transnacionalidade religiosa desses movimentos é em muitas situações um perfil de sua religiosidade descolada de projetos nacionais e propensa a uma circulação mediada fundamentalmente por elementos midiáticos que compõem as vias não apenas de trânsito da mensagem desses movimentos, como muitas vezes sua forma de presença e modalidade de formação de comunidades [...] (MACHADO, 2010, p. 158).

A questão da conexão entre grupos, muito ou pouco dispersos, mediada tanto pelos meios de comunicação quanto pelo sentido de comunidade que permeia a mentalidade dos participantes, é essencial nessa observação dos grupos da Rede-Luz e seguidores de Trigueirinho em geral. Afinal, o que é sentir-se parte de uma comunidade, mesmo que não vivencialmente um estado comunitário presencial, retirando-se, por exemplo, em comunidades rurais afastadas? É preciso entender como o individualismo moderno, como a busca pessoal *new age* trabalha conjugada com a lógica comunitária. No caso em estudo, outra vivência do campo pode ajudar a elucidar tal questão.

Em uma das transmissões acompanhadas em reunião pela Rede-Luz, Trigueirinho encontrava-se sozinho e iniciou com alguns recados de ordem prática, como sobre o andamento de livros a serem publicados – no caso, um livro apenas com mensagens dos contatos de Nossa Senhora com frei Elias. Em seguida, passou a responder perguntas enviadas por seguidores que, segundo ele, poderiam ser esclarecidas individualmente, mas que, ao serem respondidas durante a partilha, poderiam ser de proveito para todos.

Um dos questionamentos vinha de uma mulher dizia estar com problemas no trabalho, e dada sua idade e seu esforço, sentia-se sem forças “físicas, mentais e espirituais” para lidar com o dia a dia de professora de ensino infantil, tarefa na qual precisava lidar com cerca de 30 crianças de 4 a 5 anos. Trigueirinho respondeu dizendo, inicialmente, que o serviço intenso e complicado tratava-se de uma questão cármica, e que a falta de respeito e educação das crianças seria um sinal dos tempos em que vivemos, onde a sociedade e o planeta “descem até o fundo do poço”, de onde irá se levantar para as mudanças. Como forma de fortalecimento, a professora, assim como todas as pessoas, devem fazer retiros. Aqui se tem um ponto interessante. A sugestão de Trigueirinho não veio com “ordens” expressas de como e onde retirar-se. Não seria obrigatório, por exemplo, se fazer retiros nos centros planetários, ou seja, nas comunidades como Figueira: “para retirar-se não é preciso estar aqui”, disse Trigueirinho. Ele afirmou ainda que existem conventos, mosteiros e locais ligados a várias religiões que

oferecem locais para retiros, e em última instância pode-se tirar um tempo diariamente para o retiro, o quanto o indivíduo achar necessário. Ora, Trigueirinho poderia colocar o retiro em Figueira como única solução, mas não é o que acontece. Não há, nesse caso, um comando por obediência à Comunidade Figueira, mas uma orientação pelo cultivo individual da espiritualidade, em uma busca interna que independe de local de culto/retiro – basta retirar-se, seja em um mosteiro católico, em uma comunidade rural alternativa ou mesmo em casa.

Segundo Amaral (2000, p. 201-202), há um ponto de vista holístico da religião, ou seja, de atitudes mais relativistas em busca de uma “essência”, que se alia ao processo de universalização da religião no contexto da globalização, indo além de contornos culturais, sociais e políticos tradicionais. A partir desse ponto de vista, movimentos religiosos influenciam na relativização de identidades pessoais ou grupais. Um ideal de “fusão” radical, que poderia abarcar a humanidade como um todo, só é possível em um nível não essencialista:

Isto é, no sentido de um sagrado sem lugar, cujo resultado é a possibilidade de as religiões deixarem-se apropriar, que pelo trânsito diacrônico e sincrônico de um sincretismo em movimento, quer pela “sociabilidade” do diálogo. É a garantia dessa “unidade sem essência”, ou melhor, da busca de uma essência que não se substancializa nunca de forma definitiva, que permite, no caso da sociabilidade do diálogo, próprio do discurso ecumênico, a valorização da diversidade, e, no caso do sincretismo Nova Era, a experimentação da diversidade. É nesse universo, assim novaerizado, que o diálogo e as práticas aí empreendidos, abrindo-se para relações transociais, são entendidos como relações espirituais (AMARAL, 2000, p. 202-203).

Em um dos encontros, um dos participantes teria ressaltado acreditar que uma das principais virtudes de Trigueirinho seria a ênfase no ecumenismo. De fato, seu ao menos aparente desprendimento, com a indicação da possibilidade de retiro em qualquer mosteiro ou centro religioso, poderia confirmar tal afirmação. Seria a valorização e a experimentação da diversidade religiosa, como nos fala Amaral. Por outro lado, a indicação de que se poderia “retirar-se em casa” remete-os a duas questões, ao meu ver, complementares: em primeiro lugar, ao “sagrado sem lugar”, também citado acima por Amaral, não essencialista e de certa forma individualista, onde a busca pela elevação individual, pelo *self* ideal é preconizada. Em segundo lugar, a frase “para retirar-se não é preciso estar aqui”, dita por Trigueirinho em sua palestra – transmitida *on-line*, dado sempre importante a ser ressaltado – trata de sentir-se comunidade, mesmo não presencialmente. O “aqui” refere-se à Comunidade Figueira, de onde era transmitida a palestra, e onde pode-se “estar”, mesmo à distância, seja por retiro e oração – ou seja, em “sentido” – seja pela mediação técnica, visto que essa é a forma de comunicação dos grupos urbanos com a comunidade. A complementaridade entre “sentir-se

junto” ou “sentir-se comunidade”, ainda que fisicamente distante, justifica-se pela busca da essência não substantivada, que articula não só através da diversidade religiosa e do relativismo, mas também encurta distâncias físicas através da busca comum pelo “eu superior”.

Mas há outro ponto passível de reflexão: apesar do discurso da não necessidade de estar-se na comunidade “física” e de uma relativização religiosa, a Comunidade Figueira continua contando com seus membros que abandonaram suas vidas e retiraram-se a esse ambiente rural, assim como “monges”, “freiras” e “freis” da Ordem Graça Misericórdia com seus votos e renúncias. O que, inicialmente, pode parecer incoerente, é capaz de articular-se no cenário contemporâneo. Os dois pontos levantados podem ser enquadrados em duas tendências, conforme Amaral (2000, p. 203): uma relativista, que enfatiza “vivências”, ou seja, a experiência da busca; e outra “substantivista”, que valoriza o convívio pessoal, as experiências comunitárias culturalmente enraizadas, identitária e culturalmente bem-delimitadas. A articulação entre essas duas tendências é própria do cenário mundial da nova ordem social, onde são simultâneas “questões e experiências relativas à valorização tanto das relações transociais e intersociais – a diversidade como valor ou o pensar globalmente – quanto das relações intra-sociais, através de relações face a face em sociedades individuais” (AMARAL, 2000, p.204).

4.3 ETNOGRAFIA DE UMA APARIÇÃO *ON-LINE*

Algumas adversidades costumam levar a novas pistas e descobertas para a pesquisa. Como já comentado no início do capítulo, o objetivo inicial da pesquisa de campo na Comunidade Figueira foi negado, o que, a princípio, foi um problema. Logo uma nova possibilidade demonstrou-se: fazer uma observação *on-line* do evento de aparição de Nossa Senhora. Essa “pesquisa de campo a distância” não se configurou em um procedimento paliativo, pois no nosso estudo de caso, a transmissão não tem apenas caráter de divulgação, não é uma simples gravação que visa demarcar presença midiaticamente. A maioria dos seguidores de Trigueirinho, ou seja, todos que não vivem ou não podem viajar para presenciar as aparições, acompanham-na pela internet. Nesse caso, a aparição *on-line* é a própria experiência religiosa – lembrando que teria sido orientada pela própria Nossa Senhora. Acompanhar a transmissão seria, então, vivenciar a experiência nativa.

Ainda assim, há de se refletir certas questões, tanto as metodológicas quanto sobre a experiência. Quais as diferenças entre uma observação presencial e uma observação mediada

por meios técnicos, visto que os nativos também são submetidos a essa mediação? Como se dá a tensão entre o individualismo e o comunitário, nesse cenário que tecnologicamente globaliza as interações e mesmo experiências religiosas? Como interpretar a experiência nativa em uma observação mediada? São perguntas a partir das quais pautarei o próximo item, antes de descrever a aparição em seus detalhes.

4.3.1 Considerações iniciais sobre uma “aparição *on-line*”

Mais que trazer à tona considerações sobre comunidade e religiosidade mediadas em um mundo globalizado, a transmissão de uma aparição de Nossa Senhora via internet leva-nos a reflexões sobre a própria metodologia antropológica. A observação participante existe, mas pode ser feita individualmente, como procedi, assistindo à aparição em casa, pelo computador. Nesse caso, estaria sendo feita uma “antropologia de gabinete” ou uma imersão no campo? Afinal, se é comum para os nativos acompanharem o ritual *on-line*, de suas casas, estaria o pesquisador agindo como eles, ou seja, passando pela mesma experiência dos nativos. Indiscutivelmente, a tecnologia e suas mediações técnicas têm influência nesse cenário tanto como no cenário religioso, como observa-se nos Novos Movimentos Religiosos, e mesmo no movimento em questão, conforme analisado até aqui. Como trabalhar e analisar essa pesquisa de campo *on-line*, ao mesmo tempo imersiva e “de gabinete”?

No período em que predominava uma antropologia de caráter evolucionista, antropólogos como James Frazer reuniam relatos e fatos etnográficos, em uma tentativa de demonstração empírica da evolução da humanidade. Para Da Matta (1983, p. 8), esses fatos eram retirados de seus contextos apropriados, ou seja, os locais de onde emergiam e onde tinham relações com outros fatos, para serem comparados a coisas impossíveis de serem comparadas. Esses relatos eram vistos como separados da sociedade vitoriana na qual se inseria Frazer, sociedade essa que considerava-se também separada do “involuído” resto do mundo – em especial países dominados pelos britânicos à época, como Egito e Índia. Assim, havia uma explícita coerência entre o método e pensamento antropológicos e o espírito de época da sociedade na qual se encontrava o antropólogo.

A partir de Malinowski, o modelo canônico antropológico passou a estabelecer a necessidade de imersão de pelo menos dois anos no campo. Só assim se poderia observar e combinar a diversidade cultural, das sociedades e dos povos, demonstrando, ao contrário do pensamento evolucionista, uma unidade psíquica da humanidade. O objetivo era compreender o ponto de vista nativo, o que demandava tempo e aprendizado da língua, inserindo-se em

sociedades afastadas até que se obtivesse o conhecimento necessário para analisá-la: “a partir da comparação, a sociedade ocidental passou a ser percebida como apenas um caso a mais na totalidade da experiência humana” (PEIRANO, 2003, p. 16).

Não caberia aqui prosseguir com mais detalhamentos sobre a história e desenvolvimento da antropologia. Minha intenção, com tal exposição, é refletir sobre a questão dessa “imersão não presencial” e em que ela se diferencia do tradicional modelo de pesquisa de campo. Trata-se da “pesquisa de gabinete”, porém referendada como válida no contexto de uma nova realidade, no qual as tecnologias mediam, de fato, as relações. Esse princípio é afirmado também por Grünschloss (2002, p. 44):

A internet vem sendo ativamente utilizada. Tudo isto não é sem consequências para o estudo das religiões. Quem quer que pratique pesquisa religiosa no meio destas condições de rápida expansão desta “realidade virtual” terá que se tornar usuário, uma vez que antes era quase impossível adquirir materiais remotos e autênticos e manifestações religiosas pessoais tão rapidamente. Nunca antes foi possível seguir a emergência e desaparecimento de um grupo religioso contemporâneo, como agora acontece na internet. Em contraste com a proverbial “pesquisa de gabinete”, ou de mesa, (*Schreibtischforschung* alemão) que foi um tabu, parece que uma nova e inesperada possibilidade de fazer frutíferas “pesquisas de gabinete” se apresentam, pois neste *admirável mundo novo* conectado da rede, existe um grande “cargos” estocado e não descoberto para pesquisadores de religião (GRÜNSCHLOSS, 2002, p. 44).

Para Silveira (2014, p. 19), no caso da ciência da religião, que tende a consolidar-se via construção de uma epistemologia, há o desafio da exigência de articulação de diferentes metodologias e ferramentas para pesquisas que levem em conta o universo cibernético. Para o autor, existe também uma similaridade entre estudos sobre a religião e os relativos à internet: ambos oscilam entre disciplina e campo. A necessidade de articulação entre metodologias, contrária a uma tendência de consolidação epistemológica na ciência da religião, remete-nos a Camurça (2008, p. 64) e sua visão de religião como objeto, passível de análise interdisciplinar a partir de diferentes contextos de realidade e disciplinas das ciências sociais.

No caso específico das aparições marianas, Steil (2003) faz uma importante reflexão sobre mediação:

De modo que, se anteriormente para se ter acesso a esses relatos era necessário visitar os locais das aparições, ouvir pessoalmente os videntes e mensageiros, participar dos eventos de divulgação organizados pelos agentes religiosos institucionais, agora basta acessar os muitos *sites* de aparições na internet em sua própria casa, onde milhares de internautas, de diferentes credos e culturas, podem tomar conhecimento da história, dos testemunhos da programação etc. de muitos desses eventos. Nesse sentido, podemos observar também que as aparições, ao serem expressas através desses meios de informação mais sofisticados, tendem a deslocar seus significados e símbolos dos contextos das classes populares para os das classes médias (STEIL, 2003, p. 21).

Embora existam diferentes *sites* da internet sobre aparições, no caso estudado trata-se de um *site* desenvolvido por ordem expressa de Nossa Senhora aos videntes, voltado para ser o principal veículo de transmissão do fenômeno. Enfim, como participar de um ritual via internet? Como observá-lo por vídeo? Ainda que a transmissão aconteça em tempo real, a mediação coloca-nos limitações. Fica-se “refém” do “corte” da câmera, ou seja, pode-se observar, obviamente, apenas o que é filmado, o que pode limitar a percepção. Se a câmera destaca, por exemplo, os videntes no momento da aparição, atentos à Nossa Senhora, não se pode, ao mesmo tempo, observar a reação das outras pessoas presentes. Sbardelotto (2014, p. 124) considera a tela como o primeiro nível de interface interacional entre o fiel e o sagrado. Para o autor, ao limitar e exigir total atenção do usuário, a tela instaura um “regime de visão” que exclui tudo o que está fora de seus limites, no qual o fiel concede ao sistema permissão para ter seu olhar dirigido.

Para o pesquisador, por outro lado, a limitação impõe desafios. Caso esse estivesse presente no local, seria possível acompanhar concomitantemente quaisquer reações, e não só as disponíveis na tela – e esse é somente um dos detalhes a serem considerados em uma observação mediada. Devemos, no entanto, novamente nos lembrar que essa observação direcionada é a mesma para a maioria dos adeptos; logo, temos a mesma experiência desses, acompanhando a aparição via internet.

4.3.1 A aparição de Nossa Senhora

Como trata-se de uma celebração, na qual se insere a aparição propriamente dita, optei por subdividir o presente item. Espero, com isso, facilitar a leitura e possíveis consultas às diferentes partes da observação, caso necessário.

4.3.1.1 Acesso on-line e início da celebração

Acessei o *site* da Misericórdia Maria TV por volta das 18h do dia 13 de setembro de 2015, um domingo. A aparição estava previamente marcada para as 18h30. Como já explicado, é a própria Nossa Senhora quem revela aos videntes as datas, os horários e os locais de cada próxima aparição. O acesso foi feito meia hora antes, no intuito de descobrir se haveria alguma preparação antes do início, o que não ocorreu: na página chamada “aparição ao vivo”, cliquei em “*play*” no *player* de vídeo e ainda não havia a transmissão em si, mas

uma imagem que a anunciava: uma ilustração de Nossa Senhora emanando raios para o planeta Terra, ao lado da data, do horário e do local da aparição prestes a ser iniciada. Lia-se: “Aparição de Maria: Mãe da Divina Conceção da Trindade. 13 de setembro de 2015. 18h30 (horário de Brasília). Campinas, São Paulo, Brasil.”. Havia músicas de fundo, com um coral, que cantava hinos a Nossa Senhora, em espanhol. Certamente, um coral ligado à Comunidade Figueira e à Ordem Graça Misericórdia, visto que esse é um trabalho desenvolvido – com gravações de CD, inclusive – e também a julgar pelo o conteúdo dos hinos, que fala, por exemplo, entre outras coisas, sobre “liberação do planeta”.

Como pesquisador, minha principal dúvida nesse primeiro momento é sobre o que estariam fazendo os “nativos” neste momento, já que estão em ambientes particulares. Ainda assim, estariam preparando o ambiente para acompanhar a aparição? Poderia inferir uma resposta positiva, ao me lembrar da organização na mesa dos encontros da Rede-Luz para a audição da palestra *on-line* de Trigueirinho, com imagens de Jesus e Nossa Senhora, enfeites etc. Por outro lado, uma pessoa sozinha em sua casa poderia simplesmente assistir à transmissão sem qualquer preparação, já que agirá individualmente. Fato é que nisso reside um considerável nível de religiosidade individualizada; pode-se acompanhar um evento extremamente importante, se observada sua sacralidade a partir do ponto de vista nativo – afinal, é uma aparição de Nossa Senhora – como cada consciência determina. O nativo poderia, por que não, cuidar de afazeres domésticos durante a transmissão, por exemplo.

Amaral (2000, p. 36) cita a “descanonização da relação entre lugar e sagrado” como uma ideia relativa à Nova Era, assim como a afirmação do sujeito e a religiosidade individual. Aqui, o nativo encontra-se distante do local onde o sagrado “acontece” e ainda assim vivencia a sacralidade do evento. As reflexões de Canclini (2000, p. 308-309) sobre as relações entre modernidade e tradição podem ajudar a elucidar a questão. Assim como Leila Amaral fala das mudanças de relações entre lugar e sagrado, o autor comenta sobre uma perda da relação “natural” da cultura – leia-se, também, do sagrado – com lugares geograficamente bem estabelecidos. Ocorrem relocalizações territoriais relativas e parciais, na forma de uma tensão entre desterritorialização e reterritorialização. A sociedade passa por uma remodelação promovida pela dinâmica própria do desenvolvimento tecnológico, na qual a intervenção tecnológica reorganiza vínculos entre grupos e sistemas simbólicos, o que não significa, necessariamente, que haja contradição entre a remodelação tecnológica e as culturas tradicionais. “As novas tecnologias não só promovem a criatividade e a inovação. Também reproduzem estruturas conhecidas” (CANCLINI, 2000, p. 308). Dessa forma, pode não ser correto caracterizar a transmissão *on-line* da aparição como algo extremamente “moderno” ou

inovador apenas por sua relação com a tecnologia; ela somente reproduz estruturas pré-existentes via inovação tecnológica.

Ao iniciar-se a transmissão, a primeira imagem no vídeo é a de “monges” e “freiras” tocando instrumentos, como violinos violões, teclado e flauta transversa. Há também outros com microfones, que cantam hinos. Não é a mesma música anterior, que era, aparentemente, gravação do coral. Trata-se já da transmissão ao vivo. Aos poucos é possível ver tratar-se de uma celebração, como uma missa. Não há um altar, mas os “monges” e o coral estão em um ambiente de frente ao público que acompanha essa “celebração”. Ora, a transmissão de celebrações e mesmo de missas não é incomum no cenário brasileiro. Entre os muitos exemplos da presença religiosa nos meios de comunicação, estão os canais de TV católicos surgidos a partir dos anos 90, em geral ligados à Renovação Carismática Católica (RCC), como Rede Vida, TV Século XXI e TV Canção Nova, que, segundo Carranza (2009, p. 42), apresentam um perfil de “paroquialização do espaço televisivo”. Logo, a presença midiática do grupo de Trigueirinho e sua Ordem Graça Misericórdia não seria novidade, ainda que se utilizem basicamente da internet, e não da televisão: mesmo as redes católicas possuem seus *sites* com altares e velas virtuais e testemunhos em tempo real, por exemplo (CAMURÇA, 2014, p. 216). Dessa forma, a transmissão da aparição de Maria, a julgar pela primeira impressão, assemelha-se às muitas veiculações de missas e eventos feitas por canais religiosos – principalmente católicos.

Ao cessar da música, aparecem três monges e uma madre. A câmera dá *close-up* em Frei Elias, que fala sobre a aparição do dia: Nossa Senhora já teria enviado mensagens para ele e para irmã Lúcia, que seriam explicitadas durante esse evento. Ele fala em espanhol, e a tradução, frase a frase, fica a cargo de outro monge. Frei Elias fala também sobre a “agenda peregrina” de Nossa Senhora, que peregrinará a outros países da América, especificamente Colômbia e Venezuela, “para realizar tarefas” – sem dizer quais.

Agora, o frei, que antes traduzia, começa a falar, em português, sobre a proposta de peregrinação dos “mensageiros divinos” (os monges videntes) e passa a ser traduzido para o espanhol. Ele diz que a Associação Maria disponibilizou uma publicação sobre o pedido de Nossa Senhora, que estaria no *site* da Associação Maria. Corta para a imagem da página do *site*, onde se pode ver o texto atribuído à Maria, enquanto o frei continua explicando sobre a publicação. Nela estaria descrito tudo o que é preciso para a “Campanha pela Paz”, nomeada assim por Nossa Senhora. A publicação conta também com os países já percorridos pelos “mensageiros divinos” e os próximos a serem alcançados, como Colômbia e Venezuela. Esse último país, segundo o monge, teria sido incluído recentemente a pedido de Nossa Senhora.

Agora, na mesma publicação, mostra-se formas de contribuir para isso: com oração ou com contribuição financeira. Há também “Ações Criativas” – Maria teria falado para que se use criatividade para colaborar com a campanha; ela teria indicado CDs e artes para impressão de folhetos e camisetas para difundir a campanha de apoio à peregrinação. Aqui, mais uma vez, observa-se a transnacionalidade das formações comunitárias no contexto dos Novos Movimentos Religiosos, mediada por elementos midiáticos e descolada de projetos nacionais, conforme nos diz Machado (2010, p. 158).

Em seguida, Frei Elias passa a ler a mensagem de Maria, transmitida previamente à Irmã Lúcia. Ela fala basicamente em seguir os desígnios de Deus, sobre o mundo que agoniza e o chamado para que se esteja ao lado de Maria para a evolução do mundo. Ainda haveria tempo de aprender a amar, pois o tempo de sofrimento maior ainda está chegando. As mudanças dependem dos seres humanos. Tal conteúdo coincide com os atribuídos às aparições tradicionais católicas de Nossa Senhora; por um lado, fala-se da iminência de um Juízo Final, de um tempo apocalíptico de sofrimento, como nas aparições a partir do século XVI na Europa e América Ibérica (STEIL, 2003, p. 27). Por outro lado, coloca-se nos seres humanos a responsabilidade de “aprenderem a amar” e “evolúrem”, e não apenas de se arrependem de seus pecados. Existe, assim, uma proposta de ascensão espiritual individual, na qual é preciso não só aguardar o apocalipse, mas cultivar o *self* para suportá-lo e preparar-se para o que surgirá após: o novo mundo, novas encarnações, ao contrário da vida eterna no paraíso. Leila Amaral (1994, p. 19-20) distingue duas versões do discurso Nova Era sobre a catástrofe iminente do planeta. Na primeira delas, as catástrofes, resultantes das ações autodestrutivas do ser humano, promoveriam grande destruição. Apenas poucas áreas do planeta resistiriam, e algumas comunidades alternativas preparam-se para ser transformadores da vida humana futura. A segunda corrente, ainda de acordo com a autora, traz a interpretação de uma possibilidade de reversão da catástrofe, caso reverta-se o processo de degradação social e prepare-se para os desafios da Nova Era.

Algumas crenças ajudam neste trabalho; dentre elas vêm-se destacando as que se baseiam nos ensinamentos do Mestre da Grande Fraternidade Branca ou Hierarquia da Luz. Suas Mensagens são transmitidas aos homens por poderosos seres que já atingiram a perfeição e vivem em outros ciclos de evolução, em outros sistemas solares, como Saint Germain. São eles que, segundo a “teoria dos 7 raios”, estão disponíveis para ajudar a evolução de seus filhos terrestres, através da difusão da Luz na Terra – energia divina que nutre todo o processo de criação e recriação do mundo. Os 7 raios são forças puras e invisíveis que se encontram em focos no mundo sutil, mas, sob condições favoráveis, podem ser acionados para transformar as condições da Terra, purificando-a. Segundo essa teoria, o planeta está em constante evolução por causa da ação dessas forças criadoras, e os homens, com o conhecimento e aplicação dessas forças poderosas, podem obter sua própria purificação para efetuar mudanças positivas para a Terra (AMARAL, 1994, p. 20).

Perante as observações até o momento, pode-se considerar o ideário de Trigueirinho e da Ordem Graça Misericórdia como representante dessa segunda versão, de uma possibilidade de reversão da catástrofe iminente – ou ao menos minimização de seus efeitos devastadores através da preparação do ser humano. Da mesma forma, há uma concordância com o tema das “Hierarquias”, responsáveis pela proteção e evolução da Terra. O que é feito na cosmologia de Trigueirinho e refletido na crença da Ordem Graça Misericórdia é a inserção de Nossa Senhora e da Sagrada Família entre essas Hierarquias⁵⁴.

A celebração de aparição continua. A mensagem transmitida anteriormente a Frei Elias. Quem lê é uma mulher, em português. A mensagem pede orações pelas crianças da Síria e do Oriente Médio – em especial as crianças da Síria, que vivem um cenário de “exclusão e famílias destruídas”. Nossa Senhora teria dito, ainda, que chora pela situação. A mensagem prossegue com o tema da “importância da família”, motivo pelo qual “São José também desce dos céus para semear os valores da Sagrada Família”. Diz ainda que a vida material deteriora as famílias, sendo necessário orar muito. O texto de Nossa Senhora continua, falando que toda a humanidade deveria ser uma “família espiritual”, mas a “modernidade atual distanciou as famílias do projeto de Deus”. Todos deveriam cuidar do espírito da família por meio dos bons costumes, atos fraternos e expressões de amor universal – a humanidade é uma família universal.

A câmera corta novamente para Frei Elias, que fala mais sobre quando teria recebido essa mensagem. Na situação, também de vidência, Nossa Senhora teria vindo “chorando e clamando por oração”, pedindo para que todos rezassem rosários durante 33 dias para “aplar a ira de Deus”, orações também pelo Oriente Médio. É interessante aqui a crítica à “modernidade”, como no contexto das aparições dos séculos XIX e XX. Segundo Steil (2003, p. 28), nesse momento o catolicismo lutava contra os processos de secularização que ameaçavam seu *status* de religião dominante. As mudanças advindas da modernidade seriam o avanço da ciência e a revolução industrial, e a crença nos milagres visava refutar o racionalismo secular. No caso estudado, a mensagem atribuída a Nossa Senhora fala em modernidade como um fator que distanciou famílias do projeto de Deus, o que podemos interpretar também como uma crítica à secularização, com descrença ou distanciamento da religiosidade por parte das famílias. Outra comparação pode ser feita com aparições marianas católicas do contexto pós-moderno, a partir dos anos 80, sob égide da Renovação Carismática

⁵⁴ Vide item 3.2.3.

Católica. Os discursos das mensagens das aparições mantêm-se “conservadores”, ainda que recorra-se aos meios de comunicação e novas tecnologias para mediação (STEIL, 2003, p. 33-35).

O frei termina a fala pedindo para que comecem os cânticos e desejando “bom trabalho para todos”, e os responsáveis pela música voltam a cantar um hino a Nossa Senhora. Após a música, pede para que todos orem uma oração ditada por Maria há oito anos. Inicia-se com o sinal da cruz. Mostra-se Frei Elias, sentado junto com outros freis e madres e também o auditório repleto. Reconheço a oração, sempre proferida nos encontros da Rede-Luz. Aqui, um ponto interessante sobre a transmissão *on-line* e suas possibilidades. Os vídeos das transmissões ao vivo ficam, após o evento, disponíveis para serem assistidos no *site* Misericórdia Maria TV. Acessei a página posteriormente para localizar a oração e seus dizeres, que não anotei no momento – foquei-me na observação, já que tinha conhecimento da disponibilidade posterior do vídeo e a possibilidade de consultá-lo no momento dessa análise. Surpreendi-me ao não conseguir localizar essa oração, concluindo que o vídeo foi editado. Na transmissão ao vivo, segundo minhas anotações, nesse ponto já havia decorrido cerca de uma hora de transmissão; enquanto isso, no vídeo posteriormente disponibilizado e editado, encontra-se aproximadamente aos dezessete minutos, ou seja, suprimiu-se quase 45 minutos até aqui. De fato, observo que, no total, a edição cortou mais da metade da transmissão, visto que o vídeo postado no *site* tem apenas cerca de uma hora de duração. Acredito que tal artifício vise facilitar os acessos posteriores, visto que possivelmente quem não acompanha a transmissão ao vivo e busca o vídeo tem a intenção principal de assistir ao momento da aparição. Recordo-me, também, que boa parte da celebração, com orações, músicas e tudo que a compõe, segundo o ponto de vista nativo, visa preparar as vibrações para que Nossa Senhora possa chegar ao local, conforme explicarei adiante. Tendo essas atividades esse fim específico, esse caráter utilitário, não faz diferença explicitá-las nesse vídeo, e elas podem ser suprimidas. Por último, temos a questão técnica. Disponibilizar um vídeo de mais de duas horas em alta resolução na internet ocupa muito espaço em servidores. A possibilidade de editá-lo é também importante pela questão técnica. Assim, mais uma vez conteúdo religioso e tecnologia se entrecruzam, demonstrando uma relação tanto de auxílio quanto limitação, inerente às possibilidades apresentadas pelas inovações.

A transmissão prossegue e alterna-se: ora mostra o frei, ora o público presente. Também foca-se, por vezes, nas mãos que seguram rosários. Ao fim da música, novamente Frei Elias pede para que todos orem. A oração também teria sido ditada por Maria e consta em folhetos que todos portam. Assim como a última, essa oração também é repetida inúmeras

vezes. Da mesma forma, nos encontros da Rede-Luz as repetições eram frequentes: geralmente, um dos coordenadores instruía, antes, quantas vezes a oração seria repetida. Em determinado momento, ouve-se um dos freis falando “uma mais”, e a oração é repetida pela última vez. Inicia novamente uma música, outra vez sobre Nossa Senhora. Uma das frases é “Vem Maria, entregar as mensagens de Deus”, em uma clara alusão à aparição. Faltam 15 minutos para as oito da noite, horário marcado para a aparição em si, conforme informado no *site* da Associação Maria. Ao fim da música, Frei Elias pede que todos “peçam redenção para o planeta”. Todos passam a repetir as palavras “misericórdia”, “adonai”, “redenção” e “redenção para esse planeta” diversas vezes. Ele não explicita quantas vezes deve ser repetido – aparentemente, as repetições são aleatórias e seguidas por todos. São cerca de 5 minutos de repetição em uníssono. Da mesma forma, é avisado quando as falas estão para terminar e inicia-se mais uma música.

As repetições me fazem lembrar uma aparição na Comunidade Figueira, que acompanhei ainda em trabalho jornalístico em 2011, quando iniciei as primeiras intenções de realizar o presente trabalho. Na ocasião, foram entoados mantras no “idioma Irдин”, também repetidos inúmeras vezes em uníssono. Mesmo se tratando de centenas de pessoas, chamava a atenção a sincronia nos dizeres. Fora explicado por um dos membros da Ordem Graça Misericórdia que o objetivo era preparar as “vibrações” ou “energias” para que Nossa Senhora pudesse se fazer presente. Em entrevista, na mesma ocasião, Madre Shimani explicou-me que Maria “atravessa um portal tridimensional” para chegar à Terra, e por isso precisaria da tal preparação das vibrações – da mesma forma que, como anteriormente mencionado, precisaria de orações da Rede-Luz para que aspectos vibracionais de países “densos”, onde Nossa Senhora ainda não teria conseguido chegar, como Estados Unidos e Colômbia. Novamente, aqui, observa-se o uso de termos permeados por certa cientificidade, mobilizados dentro de um conteúdo outrora tradicionalmente católico. Steil (2003, p. 30-33) relata como ocorreu uma mudança nos padrões de aparições no contexto da pós-modernidade, a partir das aparições de Medjugore. Se antes havia confrontação entre ciência e fé, agora a ciência seria um mediador linguístico da experiência religiosa. Ciência e milagre estariam justapostos; procedimentos e recursos científicos são mistificados, traduzidos em linguagem simbólica e ritual pelo movimento carismático. Dentro do contexto de religiosidade Nova Era, com a predominância de uma classe média com maior nível de escolaridade, é da mesma forma, a meu ver, mais justificável que Nossa Senhora precise de ajuda das “vibrações” para atravessar um “portal tridimensional” do que simplesmente clamar pela “fé cega” na aparição. Em outras palavras, a utilização de termos considerados relacionados à ciência, traduzidos

simbolicamente, é responsável pela adesão de fiéis escolarizados ao milagre da aparição – que não seria, assim, um “milagre”, mas um acontecimento amparado por forças “naturais” e presumivelmente explicáveis.

4.3.1.2 *Momento da Aparição*

A câmera foca-se agora nas pessoas presentes à aparição, que começam a acender velas, imagens que são intercaladas com o grupo responsável pela música, que prossegue cantando. Após isso, Frei Elias passa a explicar que Nossa Senhora pediu para que sempre se acendessem velas para esperá-la, pois cada vela simbolizaria uma alma do mundo. Começa-se a rezar a Ave Maria, oração que também se repete indeterminadamente e termina ao sinal do frei. Outro frei começa a tocar violino, sendo acompanhado por uma mulher que não veste hábito, e que repete as palavras “Ave Maria” em canto lírico. A imagem corta para os monges que se aproximam de uma espécie de altar, com diversas flores brancas e velas acesas. Enquanto ouve-se no ambiente apenas a música lírica, eles se ajoelham em posição de oração. São três freis: Frei Elias, o frei que traduz suas falas e outro que não foi apresentado. Além disso, há uma mulher ajoelhada, sem hábito de madre: a que antes traduzia as falas do português para o espanhol. Há, também, madres em pé atrás do grupo. A imagem fecha em close em Frei Elias, que ora com as mãos postas e olhos fechados. O coral agora canta “Ave, Ave, Ave Maria”, música tradicional utilizada em celebrações católicas.

Faz-se silêncio e Frei Elias passa a olhar para o alto. Outro frei segura o microfone em direção a sua boca, e Elias começa a falar em primeira pessoa: “Sou a Senhora do Rosário, assim como em Fátima”; trata-se já da mensagem de Nossa Senhora. Embora a fala seja em primeira pessoa, o frei observa fixamente um ponto, onde supostamente vê Maria. Assim, não se trata de uma “locução interior”, mas de um processo de vidência. A partir das aparições de Medjugore, juntamente com outras mudanças dos fenômenos de aparição, como seu deslocamento das camadas populares para a classe média e suas apropriações espiritualistas ou *new agers*, houve uma passagem da “vidência” para a “locução interior”. Essa última trata-se da fala da Virgem desmaterializada na consciência do receptor, ao contrário da vidência física de Nossa Senhora, o que implicaria na inserção da subjetividade em ambientes anteriormente tradicionais (CAMURÇA, 2014, p. 2013). Na ocasião de nossa entrevista com Madrei Shimani e Frei Elias, em 2011, ambos afirmaram que as aparições aos videntes da Ordem Graça Misericórdia aconteceriam “aos moldes de Fátima e Lourdes”. A mensagem de

Maria exposta aqui também deixa clara essa afirmação: a primeira frase atribuída a ela é “Sou a Senhora do Rosário, assim como em Fátima”.

Frei Elias prossegue, falando frase por frase, em espanhol, as quais são passadas para o português pela tradutora. Na mensagem, Nossa Senhora diz que o coração de Deus está triste, e ela vem entregar uma mensagem de paz, como faz através dos tempos. As palavras são “energia maternal para as almas que buscam união com Deus”. Novamente fala-se da “enfermidade” do mundo e dos “espíritos que se separam do caminho do Salvador”. Ela vem “recordar as leis de Deus assim como Moisés as recebeu”. Mais uma vez ele usa o termo “assim como em Fátima” e reforça que Maria “volta a despertar a humanidade como fez daquela vez”. De repente, o frei para de falar, mas continua observando fixamente por alguns segundos. Enfim, retorna a transmitir a mensagem normalmente. A câmera foca o público, de olhos fechados, segurando suas velas. Nossa Senhora também recomenda oração e dita uma frase interessante: “Vão, sigam até suas paróquias, rezem de coração”. Assim como em uma de suas palestras *on-line* Trigueirinho indicara aos seus seguidores que se retirassem em mosteiros de quaisquer religiões, Nossa Senhora indica que as pessoas rezem nas “paróquias”, ou seja, o suposto discurso de Maria não é incoerente ao discurso de Trigueirinho, visto não pregar pertencimento exclusivista tanto à Ordem Misericórdia quanto a Trigueirinho e à vivência em suas comunidades. Trata-se, mais uma vez, de um discurso ecumênico de experimentação da diversidade, de busca de uma essência que não se substancializa definitivamente (AMARAL, 2000, p. 2003). É fundamental lembrar-nos, aqui, do que alguns dos participantes dos encontros da Rede-Luz teriam ressaltado: que admiravam Trigueirinho por seu “ecumenismo”, sendo possível “seguir a filosofia seja qual for a sua religião”. Logo, para eles, Trigueirinho não seria considerado um “líder religioso”, e sim um filósofo que versa sobre a espiritualidade, uma espécie de facilitador na busca da essência espiritual; da mesma forma, Nossa Senhora não é vista conforme a tradição católica, estritamente a virginal Mãe de Jesus, mas a “Mãe Universal”, mãe de todos os que buscam a essência na diversidade sincrética.

A mensagem de Maria prossegue falando da “guerra espiritual” do mundo, que será superada pelas orações sinceras, e faz um apelo para que se tenha fé na aparição: “Desejo que todos pudessem ver, mas é necessário que depois de tantos milagres os corações possam sentir.”. Devo remeter-me, novamente, à aparição acompanhada na Comunidade Figueira, em 2011, quando tive a oportunidade de entrevistar alguns dos presentes. Perguntei a um deles, que se identificou profissionalmente como psicanalista, se ele tinha visto algo da aparição. Sua resposta corresponde à frase de Maria: ele dizia não estar em busca de fenômenos

extraordinários e seu interesse não era movido pela curiosidade de *ver* algo; mas acreditava na aparição, pois podia *sentir* a presença de Nossa Senhora.

Prossegue a comunicação, segundo a qual “a tarefa está finalizando e o mundo deverá cruzar o limiar entre céu ou ao inferno” e questiona: “Onde vocês querem estar, filhos meus?”. Maria pede ainda que se façam obras de caridade e reitera que “o tempo está se acabando” e que “o período de transição está chegando”. As almas precisam buscar a redenção sem desanimar, pois quem está com ela está com Cristo e Deus: “Suas almas são peregrinas do universo e vieram aqui para viver experiência de redenção.”. Aqui, mais uma vez, poderíamos acreditar tratar-se de um conteúdo tradicional católico, que “separa o joio do trigo”, entre céu e inferno – o que logo se demonstra, na verdade, uma representação da transição para os “novos tempos do mundo”. Reafirma-se também o conteúdo reencarnacionista: as almas são “peregrinas no universo”, cuja encarnação nesses tempos teria propósitos evolutivos.

O frei, então, começa a rezar a oração do Pai Nosso, em português, sem fazer qualquer observação. Após a oração, a mensagem prossegue e fala sobre sempre pedir a Deus o que for preciso. Além disso, Maria chama para que algumas pessoas cheguem mais perto com as velas acesas, que representam as almas, como falado no início da aparição. O pedido é atendido por algumas mulheres e poucos homens da Associação Maria⁵⁵, voluntários leigos que ajudam na organização das aparições. Todos vestem camisas azuis, com símbolos que remetem à Nossa Senhora e à organização e também permanecem, agora, ajoelhadas perto dos freis.

O frei que segurava o microfone próximo à boca de Frei Elias o retira e todos começam a se movimentar. No entanto, Frei Elias volta a falar e continua a mensagem, como se tivesse faltado algo. Maria pede que todos cantem, e enquanto isso ela os abençoará. A música começa e todos permanecem nas mesmas posições; logo os monges levantam-se. A câmera faz uma panorâmica e mostra os outros presentes no ginásio: estão todos no mesmo nível, parece não haver pessoas nas arquibancadas. Depois de um tempo de música, Frei Elias, agora de pé, prossegue falando em primeira pessoa. Ele dita uma bênção de Maria para todos os presentes, que pede ainda que não se esqueçam que ela esteve presente para derramar sua graça para a humanidade. Faz-se o sinal da cruz.

Finalmente Frei Elias para de falar em primeira pessoa, e diz que Nossa Senhora pede um minuto de silêncio pela paz da humanidade. O silêncio geral ocorre imediatamente,

⁵⁵Disponível em <<http://www.divinamadre.org/pt-br/associacao-maria>>. Acesso em 8 jul. 2015.

entrecortado por gritos distantes de crianças, as quais não podemos ter certeza se estão presentes da celebração. Julgo esse detalhe importante no que diz respeito à observação mediada: embora esteja “participando” da aparição, em tempo real, assim como nativos que também utilizam da internet para o mesmo fim, posso observar apenas o que a transmissão me permite, limitado ao alcance da câmera. Alguns detalhes, que poderiam ser de interesse do ponto de vista da pesquisa, são suprimidos tanto pela a transmissão destinar-se ao interesse nativo quanto pela sua inerente limitação.

O frei que segurava o microfone fala pela primeira vez e diz que haverá um intervalo, mas que logo retornarão. Volta a imagem de antes da transmissão, de Nossa Senhora emanando raios para o planeta. Porém, não há mais as informações sobre a aparição; apenas a frase “voltamos em instantes”.

4.3.1.3 *Relato após aparição*

Em poucos minutos, a transmissão retorna e vê-se, agora, Frei Elias sentado à frente de vários freis e madres. A única pessoa na imagem que não usa hábito é a tradutora, sentada ao seu lado. O frei fala que “antes de terminar” vai fazer um relato, pedido por Maria. Inicialmente, diz que as almas de cada um dos presentes “foi muito trabalhada, em diferentes graus”, pelos anjos, por indicação de Nossa Senhora. Eles teriam realizado curas espirituais enquanto todos “oravam verdadeiramente”. Diz, ainda, que Nossa Senhora “veio dos céus cruzando os universos, numa grande esfera de luz e fogo”. Ela se mostrou de branco, como Nossa Senhora de Fátima, com um rosário em suas mãos, descalça e com olhar suave e amoroso. Colocou-se no “centro do portal de paz” e a primeira coisa que fez foi agradecer a graça de quem a honrou pela construção desse portal. Ela teria estendido seus braços até todos e abriu as mãos, das quais “começou a sair luz que penetrava as almas”. Nesse momento, Maria mostrou a imagem do planeta, com um grande triângulo de luz que unia Europa, América do Sul e Oriente Médio. Segundo Frei Elias, viu muitas almas sendo levadas aos céus por Nossa Senhora, que pediu para que ele olhasse o centro do triângulo, onde apareceram rosas. As rosas eram orações de todos do mundo unidos no propósito pela paz. Maria ainda teria chorado, mas, à medida que falava, “sua consciência entrava no universo interior”, multiplicando-se e aparecendo dentro de cada pessoa como “uma só consciência, unida a Deus, fundida em Cristo”.

Na sequência, teriam sido mostradas ao frei diferentes regiões do planeta, necessitadas de muita oração. No momento seguinte, mostrou-se “o propósito de Deus para essa

humanidade”. Acima de Maria havia muitos anjos que mostraram a ideia original do criador, propósito que teria sido seguido pela Sagrada Família quando esteve presente na Terra: Maria disse que apareceu “não só para advertir e ensinar, mas para dar continuidade a essa obra da ideia de Deus”, ideia que estaria sendo rompida pelos homens, que precisam ser recordados que foram criados por Deus, que os ama, sendo impossível separar-se dele. Caberia aos homens dar continuidade a essa obra. Enfim, no momento da bênção, a “aura de Nossa Senhora se iluminou, e a luz chegou para várias partes do planeta, em forma de raios”.

O frei fala para que todos se esforcem, rezando rosários, para o projeto da paz. Ele prossegue falando sobre as próximas atividades; dentre elas, novas aparições, de São José e de Maria. Ele agradece a presença de todos e dos que acompanham de diversos países. Volta a ilustração de Nossa Senhora, agora com a frase “Fim da transmissão”.

Ainda que, tanto a mensagem quanto o fenômeno da aparição, como já descrito em alguns trechos dessa análise, tenha sido similar, conforme Steil (2003), às diferentes aparições marianas ao longo da história do Catolicismo com seus contextos específicos, acredito que essa aparição possa ser considerada uma “Aparição New Age”, com aspectos diferentes das tradicionais e históricas. Há uma perspectiva monista, na qual Maria “funde-se às almas em Cristo” em uma só consciência. Ela confirma uma crença típica *New Age*, conforme D’Andrea (1996, p. 158), segundo a qual há uma interligação cósmica entre tudo o que existe, na qual tudo e todos são Deus. O mesmo podemos inferir pela explicação tanto astrológica quanto “ufológica” ou pseudocientífica sobre o desdobrar da aparição, situação na qual Maria teria precisado “cruzar universos” em uma “bola de fogo” – o que só é possível, lembro, quando energias e vibrações são favoráveis, motivo pelo qual ela ainda não teria conseguido chegar a países de “energias densas”.

5 CONCLUSÃO

Desde minhas primeiras impressões, na cobertura jornalística da aparição de Nossa Senhora, em 2011, no sul de Minas Gerais, foi possível observar características não muito condizentes com o devocionalismo católico tradicional, onde a fé e mesmo a curiosidade levam fiéis a percorrerem grandes distâncias em busca do fenômeno, sua comprovação e a possibilidade de alcance de graças, milagres e bênçãos. Tratava-se de peregrinos com um repertório religioso em comum, evidenciando a possibilidade de uma pesquisa que desse conta de analisar a base cosmológica que conferia tal coesão ao grupo.

Estou em acordo com a definição da religiosidade *new age* segundo a qual a própria busca de sentido espiritual é a religiosidade. Com o objetivo de aprimorar o *self*, quaisquer elementos ou técnicas de quaisquer religiões ou espiritualidades são úteis ao repertório do sujeito, ávido tanto por conhecer quanto por vivenciar. Ainda assim – ou por causa disso – não se resiste às trajetórias locais, marcadas por esta ou aquela religiosidade. Aqui, a forte presença do catolicismo na América Latina demonstra claramente suas marcas ao ser englobada dentro do ideário de Trigueirinho, com aparições de Maria, São José e Jesus, criação de uma ordem religiosa com freis e madres em hábitos similares aos dos religiosos católicos, presença de orações, rosários e outras práticas também semelhantes às católicas. Expressões *new age* como o “Cristo Cósmico”, Jesus como um mestre ascencionado ou mesmo um ser superevoluído do universo, servem igualmente como exemplos da força do cristianismo.

No caso estudado, pudemos observar como a trajetória da cosmologia de Trigueirinho chega a um momento onde diversos elementos mais afeitos ao cristianismo/catolicismo são incorporados. Mas, ao invés desses negarem o conteúdo anterior, de naves, extraterrestres, conceitos esotéricos e paracientíficos, ocorre o inverso: as aparições de Nossa Senhora, Jesus e São José, bem como suas mensagens, reiteram os temas *new age*. Parte-se de uma lógica que visa explicações racionalizantes para o que antes era mistério de fé. Se em Fátima Nossa Senhora simplesmente “aparecia” às três crianças, agora ela “viaja através do universo sideral por um portal tridimensional”, necessitando de “vibrações positivas” para que isso aconteça. Nessa lógica interna, não significa que tal procedimento não acontecesse nas aparições clássicas, mas sim que só agora o ser humano teria os conhecimentos para compreendê-lo – o homem da Nova Era, do tempo de mudança do mundo. Seguindo a mesma racionalização, o apocalipse, tão anunciado em aparições tradicionais, não é negado, e sim reinserido na forma de cataclismo causado pelo comportamento do ser humano: seu desvirtuamento não apenas

moral, mas também seu descaso com a natureza, o que ocasionará a resposta catastrófica. O “fim dos tempos” é o fim de um tempo para o início de outro; o paraíso não é o céu, mas a Terra da Nova Era, e tudo estaria sendo reexplicado devido à chegada do momento oportuno. Dessa forma, vai se montando a coerência entre tão díspares elementos, conforme comentei.

Assim, para o *new ager*, a Sagrada Família, extraterrestres, seres do interior da Terra, espíritos dos reinos da natureza, etc. convivem em um mesmo bojo de seres evoluídos, cada qual com seu papel e “nível” específico para “trabalhar” em prol da evolução humana. Se inúmeras técnicas e elementos de diferentes religiosidades podem conviver e se complementar para o aprimoramento individual, o mesmo vale para tal panteão e seu providencial e diversificado auxílio evolutivo. Por outro lado, no caso estudado, é evidente o processo de institucionalização, contrário à espiritualidade *new age* com a criação da Ordem Graça Misericórdia. Embora seus membros considerem-na uma “ordem ecumênica”, e que compactua com a crítica presente na cosmologia de Trigueirinho às instituições religiosas tradicionais, é justamente isso o que se observa: cria-se uma instituição religiosa. O que se nota é que a institucionalização advém da consolidação gradativa dessa cosmologia, tanto *new age* quanto cristã. O peso institucional a reforça e reafirma.

Por sua vez, a metáfora da “rede”, diretamente ligada ao importante conceito Nova Era de “energia”, é fundamental para o entendimento do grupo estudado. Os meios tecnológicos são utilizados para maximizar o potencial comunitário, como se fosse possível tornar todo o mundo uma grande comunidade interconectada. Isso, de alguma forma, ocorre pela internet, mas o significado de “rede”, aqui, vai além. A interligação comunitária é também “energética”, e daí o nome “Rede-Luz”, onde cada ponto de luz se liga ao outro, em uma perspectiva de conexão que carrega energias positivas através do globo terrestre. Não se pode negar, dentro da perspectiva nativa, a relevância das Comunidades-Luz, como Figueira, que atuam como um importante centro dessa energia. Porém, a “rede” parece fundir o ideal de comunidade “alternativa” ao mundo, ou seja, faz-se e sente-se parte da comunidade mesmo sem a convivência presencial; através da conexão, o mundo busca integralmente tornar-se comunidade. Dessa forma, para entusiastas da Nova Era, segundo os quais o planeta inteiro passará a novos e melhores tempos, essa conexão global pode funcionar como início de uma perspectiva real desse esperado acontecimento. É importante notar também como apropria-se de uma lógica advinda da tecnologia: as energias positivas, do pensamento e da oração, se comportam como ondas conhecidas e utilizadas pelas telecomunicações: podem tanto se expandir em raio, como ondas de rádio que partem de antenas e permeiam determinada área – conforme visto no grupo da Rede-Luz, que mentaliza as orações sendo espalhadas a partir

daquele ponto para toda a cidade – quanto ondas elétricas ou sinal de internet, que trafega via cabo de um ponto a outro – como a ligação de energia positiva entre os diversos pontos (grupos) da Rede-Luz.

Julgo, enfim, ter alcançado o objetivo proposto, compreendendo as articulações e tensões existentes entre o intergaláctico e o cristão, a ordem instituída, o aspecto comunitário e a mediação via internet. É interessante ver como a pesquisa foi se desenhando ao longo dos últimos dois anos, com adversidades transformando-se em oportunidades: mesmo que certas propostas iniciais, como a pesquisa de campo na Comunidade Figueira, não tenham sido possíveis, aos poucos surgiam novas possibilidades que mostraram-se tão ou mais importantes para este trabalho. Pessoalmente, pude melhor compreender o fazer acadêmico: roteiros e hipóteses propostos *a priori*, devem ser colocados à prova; as intempéries da trajetória da pesquisa dirigem-nos a conclusões mais acertadas.

A cristalização de uma coerência interna entre temas a princípio díspares – a *new age* e o catolicismo popular do culto aos santos, aparições, rosários – é um fenômeno que oferece novas e interessantes perspectivas, conforme pudemos observar no decorrer do trabalho. Assim, acredito que esta dissertação tenha contribuído para as pesquisas sobre a Nova Era e Novos Movimentos Religiosos na área de Ciência da Religião e Antropologia da Religião; vejo como um importante fator a apresentação e análise de como temas caros à Nova Era mesclaram-se a trajetórias religiosas brasileiras e latino-americanas, no caso, o catolicismo, fruto da forte e longa relação histórica e social desse continente.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Leila. **Carnaval da alma**: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Nova Era**: um desafio para os cristãos. São Paulo: Paulinas, 1994.

ARCHANJO, Marcelo. “**Ex-occidente Lux**”: Sociabilidade e Subjetivação em um Colégio Iniciático. Rio de Janeiro: Instituto Anchieta de Cultura, 2006.

AVELLAR, Valter Luís; SILVEIRA, Emerson José Sena. Questões metodológicas da pesquisa sobre religião na internet. In: AVELLAR, Valter Luís; SILVEIRA, Emerson José Sena (Org.). **Espiritualidade e sagrado no mundo cibernético**: questões de método e vivências em Ciências da Religião. São Paulo: Edições Loyola, 2014. pp. 15-48.

BECKFORD, James. **Cult controversies**. London: Tavistock, 1985.

BELLAH, Robert. A nova consciência religiosa e a crise da modernidade. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 13, pp. 18-37, 1986.

BERGERON, Richard, BOUCHARD, Alain, PELLETIER, Pierre. **A Nova Era em questão**. São Paulo: Paulus, 1994.

BOFF, Leonardo. **Evangelho do Cristo Cósmico**: a busca da unidade do todo na ciência e na religião. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BORGES, João José de Santana. **Árvores e Budas**: alternativas do misticismo ecológico e suas teias políticas. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)–Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Ciências Sociais e Ciências da Religião**: polêmicas e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. **Espiritismo e Nova Era**: Interpelações ao Cristianismo Histórico. Aparecida: Santuário, 2014.

_____. “Religiosidades Científicas” hoje: entre o secular e o religioso. In: CRUZ, Eduardo (Org.). **Teologia e Ciências Naturais**. São Paulo: Paulinas, 2011, pp. 153-161.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1997.

CAROZZI, Maria Júlia. La autonomía como religión: la nueva era. **Alteridades**, Cidade do México, n. 9, pp. 19-38.

_____. Tendências no Estudo dos Novos Movimentos Religiosos na América: Os Últimos 20 Anos. **BIB**, Rio de Janeiro, n. 37, 1994, pp. 61-78.

CARRANZA, Brenda. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CAMURÇA, Marcelo; CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília (Org.). **Novas comunidades católicas**. Aparecida: Ideias e Letras, 2009. pp. 33-58

CARVALHO, José Jorge. O encontro de velhas e novas religiões: esboço de uma Teoria dos Estilos de Espiritualidade. In: MOREIRA, Alberto; ZICMAN, Renée (Org.). **Misticismo e Novas Religiões**. Petrópolis: Vozes, 1994. pp. 67-98

CAPRA, Frijtof. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 2001.

_____. **O Tao da Física**: uma análise entre os paralelos da física moderna e o misticismo oriental. São Paulo: Cultrix, 2011.

CHAMPION, Françoise. Les sociologues de la pos-modernité religieuse et la nébuleuse mystique-ésotérique. **Archive de Scienses Sociales de Religions**, n. 67, 1989, pp. 155-169.

CHEVALIER, Gérard. Parasciences et procédés de légitimation. **Revue française de sociologie**, n. 2, v. 27, 1986, pp. 205-219.

CHRYSSIDES, George. **Exploring new religions**. London: Cassel, 1999.

CRUZ, Eduardo R. Estatuto epistemológico da Ciência da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Org.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas:Paulus, 2013. pp. 37-49.

D'ANDREA, Antony Albert Fischer. **O Self perfeito e a Nova Era**: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais. 1996. Dissertação (Mestrado em Sociologia)–Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

DA MATTA, Roberto. A Antropologia Social inglesa e E. R. Leach: do evolucionismo à revolução funcionalista. In: LEACH, Edmund Ronald. **Edmund Leach**: antropologia. São Paulo: Ática, 1983.

FISHER, Mary Pat. **Religion in the Twenty-first Century**. London: Routledge, 1999.

JACBOS, Els, DE THEIJE, Marjo. Gênero e aparições marianas no Brasil contemporâneo. In: MARIZ, Cecília; REESINK, Mísia Lins; STEIL, Carlos Albert (Org.). **Maria entre os vivos**: Reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, pp. 37-49.

GRÜNSCHLOSS, Andreas. "Quando entramos na nave espacial do meu pai": esperanças cargoísticas e cosmologias milenaristas nos novos movimentos religiosos de UFOS. **Rever**: Revista de Estudos da Religião, São Paulo, n. 3, 2002, pp. 19-44.

GUERRIERO, Silas. A ciência como sistema de crenças no campo das novas espiritualidades. In: OLIVEIRA, Paulo Eduardo de; TESCAROLO, Ricardo (Org.). **Ensaio sobre ciência e fé**. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012. pp. 58-75.

_____. Até onde vai a religião. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 12, n. 35, 2014, pp. 902-931.

_____. **Novos Movimentos Religiosos**: o quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006.

HEELAS, Paul; AMARAL, Leila. Notes on the "Nova Era": Rio de Janeiro e Environs. **Religion**, n. 24, 1994, pp. 173-180.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **La religion pour mémoire**. Paris: Cerf, 1993.

_____. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 18/1, 1997, pp. 31-47.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos.** Bauru: EDUSC, 2001.

LEWIS, James R. **UFOs and popular culture: an encyclopedia of contemporary myth.** Santa Barbara: ABC-Clio, 2000.

LIBÂNIO, João Batista. **Cenários da Igreja num mundo plural e fragmentado.** São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. Nova Era: seus desafios à fé cristã. **Revista Magis: Cadernos de fé e cultura,** São Leopoldo, n. 29, pp. 2-14, 1998.

MACHADO, Carly. Novos Movimentos Religiosos, Indivíduo e comunidade: sobre família, mídia e outras mediações. **Religião e Sociedade,** Rio de Janeiro, n. 30, pp. 145-163, 2010.

MACLEAN, Dorothy. **A comunicação com os anjos e os devas.** 5. ed. São Paulo: Pensamento, 1996.

MAGNANI, José Cantor. **Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole.** São Paulo: Studio Nobel, 1999.

_____. **O Brasil na Nova Era.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

MARIZ, Cecília Loreto. Aparições da Virgem e o fim do milênio. **Ciências Sociais e Religião,** Porto Alegre, n. 4, pp. 35-53, 2002.

MELTON, J. ; MOORE, R. **The cult experience: responding to the new religious pluralism.** New York: Pilgrim Press, 1982.

ORO, Ari Pedro. **Avanço pentecostal e reação católica.** Petrópolis: Vozes, 1996.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SBARDELOTTO, Moisés. A experiência religiosa na internet: uma análise das interações entre fiel-sagrado em rituais *on-line*. In: AVELLAR, Valter Luís; SILVEIRA, Emerson José

Sena (Org.). **Espiritualidade e sagrado no mundo cibernético**: questões de método e vivências em Ciências da Religião. São Paulo: Edições Loyola, 2014. pp. 120-144.

SILVA, Karina Galli Fraga. O etnógrafo e o jornalista: o olhar e a escuta como ferramentas de trabalho. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, n. 10, pp. 41-51, 2013.

SINAIS DE ORAÇÃO. Publicação periódica da Rede-Luz. [S.l.: s.n.], n. 18, 2013.

SOARES, Luiz Eduardo. Religioso por Natureza: Cultura Alternativa e Misticismo Ecológico no Brasil. In: LANDIM, Leilah (Org.). **Sinais dos tempos**: Tradições Religiosas no Brasil. Rio de Janeiro: ISER, 1989. pp. 121-144.

STEIL, Carlos Alberto. As aparições marianas na história recente do catolicismo. In: MARIZ, Cecília; REESINK, Mísia Lins; STEIL, Carlos Albert (Org.). **Maria entre os vivos**: Reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. pp. 19-36.

TRIGUEIRINHO NETTO, José. **Glossário Esotérico**. 6. ed. São Paulo: Pensamento, 2010a.

_____. **Novos sinais de contato**. 4. ed. São Paulo: Pensamento, 2004.

_____. **O Mistério da Cruz na atual Transição Planetária**. 5. ed. São Paulo: Pensamento, 2005.

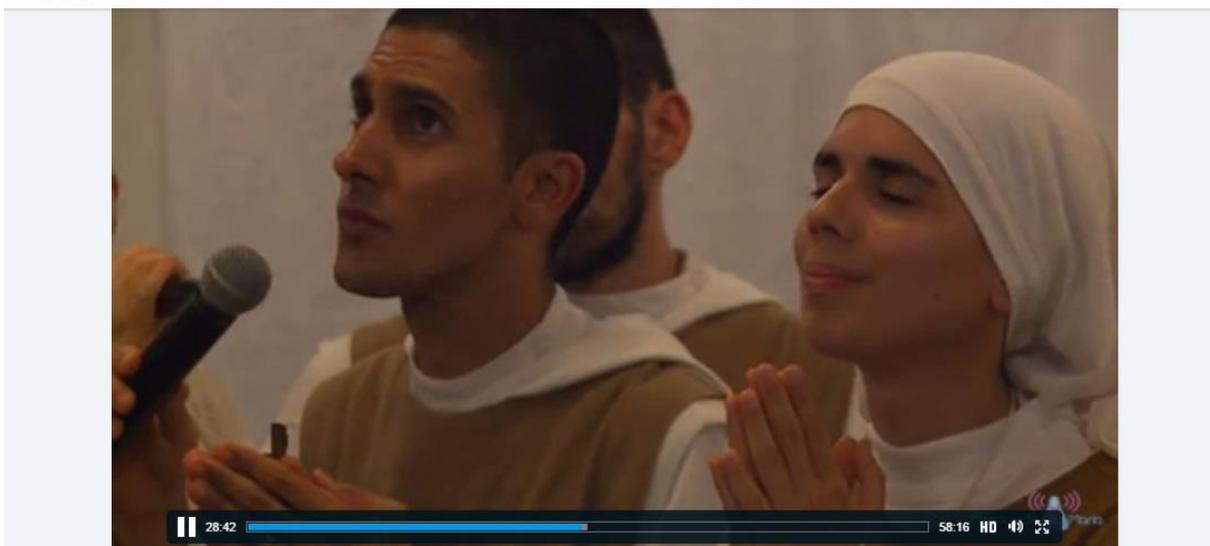
_____. **Sinais de contato**: o corajoso relato da experiência de transcender a morte. São Paulo: Pensamento, 2010b.

_____. **Um chamado especial**: antologia das obras de Trigueirinho. 4. ed. São Paulo: Pensamento, 2008.

VERONESE, Michelle. **Deuses de outros mundos**: o culto a discos voadores e extraterrestres. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

ANEXO A – Foto de José Trigueirinho Netto.**ANEXO B – Frei Elias em momento de aparição.**

[Novidades](#) [Programas](#) [Programação](#) [Multimídia](#) [Quem Somos](#)



ANEXO C – Frei Elias e Madre Shimani.



ANEXO D – Calendário com datas e horários das aparições

Novembro 2014

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	1	2	3	4	5

Para mais informações sobre como participar dos eventos ao vivo, visite www.divinapaz.org